

### 3

## A Exegese de Ap 10,1-11

### Introdução

Após o percurso do ‘*Status Quaestionis*’ do Apocalipse joanino, em particular, a partir da constatação de sua inserção no contexto profético-apocalíptico no cânon do NT. Verificou-se a necessidade de um aprofundamento do eixo profético-apocalíptico cristão. O passo seguinte se propõe a investigar esse contexto, sendo, contudo, agora focado nos elementos característicos oriundos do texto, em especial, da unidade pesquisada nesta tese. Embora conhecedor de que outros textos possibilitam vislumbrar a mesma problemática, focalizá-los-emos enquanto importantes na fundamentação da pesquisa.

A escolha dessa perícopes, como basilar no estudo do eixo profético-apocalíptico, se fundamenta por causa de sua peculiaridade em quatro eixos temáticos originários do texto: Profético-Apocalíptico-Cristológico-Escatológico. Partindo do estudo exegético, é possível elencar cada um desses eixos introjetados na perícopes em estudo. Além do mais, ela nos propicia extrair elementos contextuais que permitirão uma leitura sócio-literária do Apocalipse joanino em seu conjunto.

Dito isso, investigaremos a perícopes a partir do método histórico-crítico.

Desde o estabelecimento crítico do texto, condição *sine qua non* para a crítica literária da unidade de Ap 10, 1-11, até as implicações semânticas dos termos mais importantes na compreensão da perícopes, nosso estudo investigou, segundo as etapas deste método consagrado pela Igreja<sup>217</sup>, as possíveis questões que, ao mesmo tempo exigirão sua superação<sup>218</sup>. Por isso, a insistência em referendar as problemáticas contextuais, frutos de uma análise mais sincrônica que ocupará grande parte da Tese.

---

<sup>217</sup>A *Interpretação da Bíblia na Igreja*, São Paulo, Paulinas, 1994, esp. 37: ‘O método histórico-crítico é o método indispensável (o grifo é nosso) para o estudo científico do sentido dos textos antigos.’

<sup>218</sup>A *Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 43-46. A afirmação inicial do Documento Pontifício, no entanto, não eliminam uma grave e urgente crítica superadora do uso ‘exclusivo’ do MHC para a análise de textos escriturísticos, em particular, aqueles do Novo Testamento.

A exegese de Ap 10,1-11 incluirá uma especial atenção aos passos do AT que se referem às heranças e às tradições proféticas veterotestamentárias. O conhecimento do ambiente profético-religioso do Apocalipse de João é fundamental para exegese do texto; portanto, o retorno às suas fontes é uma das prioridades da pesquisa. Esta volta às origens, no Apocalipse joanino, é essencial na redescoberta de sua relação com o Antigo Testamento<sup>219</sup>. Nesta unidade sobressai, em particular, o livro de Daniel<sup>220</sup> que parece ser um dos livros prediletos de João, e no conjunto dos proféticos, o mesmo se pode dizer em relação ao livro do profeta Ezequiel<sup>221</sup>.

A inter-relação do Apocalipse com as fontes veterotestamentárias<sup>222</sup>, tem recebido recentemente, inúmeras contribuições<sup>223</sup>. O livro do Apocalipse apresenta uma série de construções literárias marcadas por uma familiaridade com textos proféticos do AT<sup>224</sup>. No decorrer da exegese de Ap 10, 1-11, no entanto,

<sup>219</sup>DITTMAR, W., *Vetus Testamentum in Novo*, Gottingen, 1903, p. 263-279; sobressai a obra de FEUILLET, A., *Le Cantique des Cantiques em l'Apocalypse*, in **RSR** 49 (1961), 321-353. VANNI, U., *L'Apocalypse johannique. État de la question*, in LAMBRECHT, J. (Org), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), Gembloux, Leuven, 21-46, esp. 31: “ Il ne suffit pas d'affirmer le principe de se contenter d'une énumération des attestations de l'Ancien Testament dans l'Apocalypse”.

<sup>220</sup>BAAR, H.J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*, Roma, PIB, 1983. Aqui se trata de uma tese orientada por Ignacio de la Potterie, no Instituto Biblico. A tese de Baar sustenta e justifica a influência de Daniel sobre o Apocalipse de João, não apenas na sua forma literária, mas também em sua estrutura mental. Portanto, segundo Baar, o Apocalipse de João não seria somente uma releitura de Daniel no Novo Testamento. Esta proposta parece, em princípio interessante; no entanto, deve-se ter cuidado com afirmações genéricas, devido à liberdade com que João manipulou as fontes veterotestamentárias.

<sup>221</sup>VANHOYE, A., *L'utilisation du livre d'Ézéchiél dans l'Apocalypse*, in **Bib** 43 (1962) 436-472; RUIZ, J.-P., *Ezekiel in the Apocalypse the transformation of prophetic language in Revelation 16,17-19,10*, Frankfurt, Peter Lang, 1989.

<sup>222</sup>PREVOST, J.-P., *L'Apocalypse (1980 -1992)*, in ‘*De Bien des Manières*’ Cerf, Paris, 1995; DITTMAR W., *Vetus Testamentum in Novo*, Gottingen, 1903, esp. p. 263-279; AUNE, D.E., *Revelation 1-5*, WBC 51B, Nashville, Thomas Nelson, 1998; espec.105-110; OSBORNE, G.R., *Revelation*, Baker Academic, Grand Rapids, 2002, 25-27; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, NIGTC, Eerdmanns, Cambridge, 1999, 86-107. VANNI, U., *L'Apocalypse johannique. État de la question*, In LAMBRECHT, J. (Org), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), Gembloux, Leuven, 21-46.

<sup>223</sup>FENKINS, F., *The Old Testament in the Book of Revelation*, Grand Rapids, 1976. Em seu estudo de recapitulação evidencia particularmente que o autor do Apocalipse tem uma grande familiaridade com as terminologias e as imagens vetero-testamentárias. Existem ainda outras hipóteses: MCNAMARA, M., *The New Testament and the Palestinian Targum to the Pentateuch*, AB, 28, Roma, 1966. esp. p. 97-125. O autor supõe a presença de certas expressões targúmicadas no Apocalipse de João. DITTMAR, W., *Vetus Testamentum in Novo*, Gottingen, 1903, p.263-279; JENKINS, F., *The Old Testament in the Book of Revelation*, Grand Rapids, 1976; MARCONCINI, B., *L'utilizzazione del T(extus) M (asoreticus) nelle citazioni isaiani dell'Apocalisse*, Rivista Biblica 24 (1976) 113-136; 311-339.

<sup>224</sup>DEIANA, G., *Utilizzazione del libro di Geremia in alcuni brani dell'Apocalisse*, **Lat** 1 (1982), 124-137, esp. 124, afirma na introdução de seu artigo: ‘*Gli esegeti sono d'accordo nel riconoscere*

chamar-nos-á a atenção à prevalência da tradição literária de Daniel e do Profeta Ezequiel.

A perícopé de Daniel no que diz respeito à atividade literária do livro do Apocalipse nos levará principalmente aos cap. 8-12. Em três momentos identificaremos as relações literárias entre Daniel e Apocalipse. Primeiro na questão tocante à descrição do mensageiro de Deus (Dn 8,15; 9,2)<sup>225</sup> na qual se relacionam o anjo com o ‘O Filho do Homem’ (Dn 10,5s)<sup>226</sup>. Num segundo momento a comparação desloca-se para ‘a ordem de selar’ (Dn 8,26; 12,4.9)<sup>227</sup>, porém é muito provável que o texto de Apocalipse dependa de Dn 12.<sup>228</sup> E por fim, a comparação com a literatura profético-escatológica de Daniel surge com a descrição do juramento do Anjo (Dn 12,7)<sup>229</sup>.

A seção de Ez 1,1 – 3,15 é compreendida com uma unidade, sobretudo, por estar sinalizada no prólogo e epílogo do livro. Descreve, particularmente, a experiência do profeta e íntima ligação com a divindade. A narrativa é repleta de imagens que expressam sua visão vocacional. Além disso, o perfil profético é contextualizado dentro da perspectiva da ‘investidura do profeta’; no âmbito de sua missão vinculada à casa de Israel<sup>230</sup>.

A partir de Ez 2,8, constata-se uma mudança na transmissão da Palavra de Deus ofertada ao profeta, numa dupla perspectiva: a) a Palavra escrita no rolo dos dois lados; b) Ela deve ser ingerida, devorada, assimilada pelo profeta.

Essa mesma imagem é relida em Ap 10,8-11. A nossa perspectiva é de verificar e examinar, de forma comparativa, a utilização feita pelo autor do Ap em sua leitura de Ezequiel, focalizando, sobretudo, o aspecto da ‘investidura

*le difficoltà connesse con il libro dell'Apocalisse...una causa non trascurabile dell'oscurità di questo libro possiamo individuarla nella larga presenza in esso reminiscenze, se non di citazioni, veterotestamentarie miste ad elementi tratti dall'Apocalittica giudaica che rende difficile la comprensione del testo'; PRIGENT, J., L'Apocalypse, p. 371; FÉRET, H.M., L'Apocalisse di S. Giovanni, Roma, 1957, p. 35 É noto infatti che nessuno scritto del NT., ad eccezione forse della lettera agli Ebrei, fa così vasto uso dell' AT. quanto l'Apocalisse'. GANGEMI, A., L'utilizzazione del Deutero-Isaia nell'Apocalisse di Giovanni, in Euntes Docetes 27 (1974)109-144; FEUILLET, A., Le Cantique des Cantiques em l'Apocalypse, in RSR. 49 (1961) 321-353.*

<sup>225</sup>BAAR, H.J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*; 137-179; SCHÖCKEL, A., et SICREZ DIAZ, J.L., *Profetas II*, Paulinas, SP, 1991 1259-1349.

<sup>226</sup>VAN SCHAİK, A.P., ἄλλος ἄγγελος in Apk 14, in LAMBRECHT, J. (Org), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), p. 217-228, esp. 221-222 ;GRELOT, P., *L'Espérance Juive à l'heure de Jésus*, Paris, Desclée, 1994, 36-42; esp. 39-40.

<sup>227</sup>FITZER, G., Σφράγις χτλ , TWNT VII, Grand Rapids, Eerdmans, 1988<sup>2</sup>, 939-953.

<sup>228</sup>FITZER, G., Σφράγις χτλ 950.

<sup>229</sup>BAAR, H. J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*; 158-161.

<sup>230</sup>ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, Col. Hermeneia, (Trad. Ing. Ezechiel 1, 1969), Philadelphia, Fortress, 1979, esp. 81-141.

profética’, inserida no contexto de consumir o rolo escrito. O texto de Ez 2,8 – 3,3 apresentam elementos significativos que possibilitam traçar um paralelo do mesmo com a unidade em estudo nessa tese.

Portanto, nossa proposta neste capítulo, além do estudo exegético de Ap 10,1-11, será estabelecer as relações prováveis entre os dois textos, de forma a responder às interpelações oriundas desta comparação, tais como: A unidade de Ez 2,8-3,3 tem elementos fundamentais com os quais podemos comparar o novo anúncio profético-cristão do Apocalipse, em sua perspectiva de ‘profetizar’ do v. 11? Ou ainda, como essa temática da ‘investidura profética’ se relaciona com a proposta de um ‘profecia-escatológica cristã’ no seu ambiente literário de interseção cultural, seja da comunidade judaico-cristã ou até mesmo da comunidade de Qumrân?<sup>231</sup>

O estudo seguirá o TM de Ezequiel, com uma análise de sua estrutura e composição, problemas textuais, alguns elementos exegéticos que ajudam à interpretação do texto de Ezequiel, realizando simultaneamente um paralelo com o texto do Apocalipse<sup>232</sup>.

Depois de trilhar esse percurso, apresentar elementos constitutivos da silhueta profética cristã, mas, sobretudo, pontuar os dados peculiares que permitirão aprofundar, com maior extensão, o fenômeno profético cristão, no âmbito das co-relações com outros contextos sócio-literários. A partir desses dados daremos continuidade à investigação do fenômeno do profeta e da profecia cristã no contexto neotestamentário, em especial, o alto grau de maturação alcançado pelo ‘autor-profeta’ do Apocalipse joanino.

<sup>231</sup>FLINT, P.W. (ed.), *The Bible at Qumran: text, shape, and Interpretation*, Cambridge, Eerdmans, 2001.

<sup>232</sup>Diante de algumas necessidades escriturísticas, recorreremos à transcrição da Vulgata e Septuaginta, com o objetivo de fundamentar os argumentos em estudo nesses pontos, isto é, necessários para esclarecer algumas reticências.

### 3.1

#### O texto grego: Ap 10: 1-11<sup>233</sup>

Καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον ἰσχυρὸν καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ περιβεβλημένον νεφέλην, καὶ ἡ ἴρις ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς στῦλοι πυρός,<sup>2</sup> καὶ ἔχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον. καὶ ἔθηκεν τὸν πόδα αὐτοῦ τὸν δεξιὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης, τὸν δὲ εὐώνυμον ἐπὶ τῆς γῆς,<sup>3</sup> καὶ ἔκραξεν φωνῇ μεγάλη ὡς περ λέων μυκᾶται. καὶ ὅτε ἔκραξεν, ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταὶ τὰς ἑαυτῶν φωνάς.<sup>4</sup> καὶ ὅτε ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταί, ἤμελλον γράφειν, καὶ ἤκουσα φωνὴν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λέγουσαν, Σφράγισον ἃ ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταί, καὶ μὴ αὐτὰ γράψῃς.<sup>5</sup> Καὶ ὁ ἄγγελος, ὃν εἶδον ἐστῶτα ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς, ἦρεν τὴν χεῖρα αὐτοῦ τὴν δεξιάν εἰς τὸν οὐρανὸν<sup>6</sup> καὶ ὤμοσεν ἐν τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων, ὃς ἔκτισεν τὸν οὐρανὸν καὶ τὰ ἐν αὐτῷ καὶ τὴν γῆν καὶ τὰ ἐν αὐτῇ καὶ τὴν θάλασσαν καὶ τὰ ἐν αὐτῇ, ὅτι χρόνος οὐκέτι ἔσται,<sup>7</sup> ἀλλ' ἐν ταῖς ἡμέραις τῆς φωνῆς τοῦ ἑβδόμου ἀγγέλου, ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν, καὶ ἐτελέσθῃ τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ, ὡς εὐηγγέλισεν τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφῆτας.<sup>8</sup> Καὶ ἡ φωνὴ ἦν ἤκουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ πάλιν λαλοῦσαν μετ' ἐμοῦ καὶ λέγουσαν, Ὑπαγε λάβε τὸ βιβλίον τὸ ἠνεωγμένον ἐν τῇ χειρὶ τοῦ ἀγγέλου τοῦ ἐστῶτος ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς.<sup>9</sup> καὶ ἀπῆλθα πρὸς τὸν ἄγγελον λέγων αὐτῷ δοῦναί μοι τὸ βιβλαρίδιον. καὶ λέγει μοι, Λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό, καὶ πικρανεῖ σου τὴν κοιλίαν, ἀλλ' ἐν τῷ στόματί σου ἔσται γλυκὺ ὡς μέλι.<sup>10</sup> καὶ ἔλαβον τὸ βιβλαρίδιον ἐκ τῆς χειρὸς τοῦ ἀγγέλου καὶ κατέφαγον αὐτό, καὶ ἦν ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκὺ καὶ ὅτε ἔφαγον αὐτό, ἐπικράνθη ἡ κοιλία μου.<sup>11</sup> καὶ λέγουσίν μοι, Δεῖ σε πάλιν προφητεῦσαι ἐπὶ λαοῖς καὶ ἔθνεσιν καὶ γλώσσαις καὶ βασιλεῦσιν πολλοῖς.

### 3.2

#### A crítica textual

Apresentaremos a crítica textual de Ap 10,1-11, a partir dos quatro versículos desta perícopos considerados relevantes para a seqüência de ações implicadas na consecução do MHC<sup>234</sup>. Trata-se do conjunto dos vers. 4. 6.7. 10.

<sup>233</sup>NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*, Stuttgart, Stuttgart, 1993<sup>27</sup>.

No v. 4, a Comissão destacou a conjunção ὅτε como um primeiro problema a ser analisado. Vários testemunhos, como E A C P 046 1006 1611 1854), incluindo P<sup>47</sup> ⚡, além de muitos minúsculos Cop<sup>sa, bo</sup> al, lêem no lugar de ὅτε a conjunção ὅσα<sup>235</sup>. Entretanto, a maioria da Comissão, dada a evidência externa do uso de ὅτε e por considerar ὅσα uma modificação exegetica, testemunhada de modo semelhante em outros escritos interpretativos do texto e encontrada em lições esporádicas<sup>236</sup>, decidi pela manutenção da leitura textual de ὅτε`

No v. 6, a Comissão evidencia a lição, testemunhada por diversos documentos (⚡, ⚡\* A 1611 2344 syr<sup>ph</sup> cop<sup>sa</sup> al) na qual ocorre a omissão da conjunção και., na sua função de και. *epexegeticum*. Para a Comissão, tudo indica ter sido de natureza acidental a omissão de και. *epexegeticum*, além do domínio de evidências externas (P<sup>47</sup> C P 1006 1854 2053 it<sup>61</sup> vg (syr<sup>h</sup>) cop<sup>sa,bo</sup> al), o que resultou na escolha da manutenção da lição que inclui a conjunção<sup>237</sup>.

No v. 7, a Comissão evidencia a existência de uma conjunção aditiva και entre as palavras δούλους e προφήτας, testemunhada por alguns minúsculos irrelevantes (1743; 2051;2055;2064;2067e al). Essa leitura conforma os termos supracitados ao dativo, em consideração à presença do verbo εὐηγγέλιζειν. A leitura com και depois de δούλος, além de apoiada inadequadamente (P<sup>47</sup> ⚡ 2321; 2329; 2344 cop<sup>sa</sup>), parece ter sido uma inadvertida inserção de copistas, talvez pouco familiarizados com esta fórmula, muito comum na literatura profética do Antigo Testamento: *'Seus servos, os profetas'*<sup>238</sup>. Dito isso, a Comissão segue a

<sup>234</sup>Cf. METZGER, B.M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1994<sup>2</sup>, p. 742-744; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, Paris, Gabalda, 1933, p.138-146; BRÜTSCH, CH., *La Clarté de l'Apocalypse*, Genève, Labor et Fides, 1966, p.169-177; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, Edinburg, T&T Clark, 1971<sup>2</sup>, Vol. I, p.256-269; OSBORNE, G. R., *Revelation*, Baker Academic, Grand Rapids, 2002, esp. p.27-31; BEALE, G. K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, NIGTC, Eerdmanns, Cambridge, 1999, esp. 108-151; AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, WBC 51B, Nashville, Thomas Nelson, 1998, 547-575.

<sup>235</sup>ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 138; BRÜTSCH, CH., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 172; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p.262; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 407: *'that ὅσα is «an exegetical modification»*, AUNE, D. E., *Revelation*, 6-16, p. 549.

<sup>236</sup>METZGER, B.M., *A textual commentary*, p. 742-743.

<sup>237</sup>METZGER, B.M., *A textual commentary*, p. 743; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, 139; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, 262; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 407; AUNE, D.E., *Revelation*, p.6-16, p. 550.

<sup>238</sup>Jr 7, 25; 25, 4; Am 3,7.

leitura na qual não existe *kai* entre as palavras δούλους e προφήτας. Ao inesperado έαυτου, fortemente testemunhado (P<sup>47</sup> ⚡ A C P 1611; 1854; 2053 al), ocorrem lições que preferem αὐτου/, menos forte, além de ser mais usual na maioria dos minúsculos. A Comissão, no entanto, prefere a leitura da forma reflexiva do pronome: έαυτου<sup>239</sup>.

No v. 10, a Comissão acentua dúvida sobre a leitura entre os termos βιβλαδάριον nos v. 2 e 9 e βιβλίον.(⚡.046. 1854 al) no v. 8, em relação à lição βιβλαρίδιον (A C P al). A lição βιβλαδάριον é apoiada apenas por Manuscritos minúsculos, (1006.1611.2053). Baseada, sobretudo na argumentação da força da evidência externa, a comissão preferiu a leitura de βιβλαρίδιον<sup>240</sup>, apesar de P<sup>47</sup> apontar para a leitura de βιβλίον.

No v. 10 λέγουσίν é lectio difficilior è atestada por P<sup>47</sup> ⚡ A Andréas Bizantino. Mantido por isso, pela GNT<sup>241</sup>.

Consideradas as questões, como analisei, a partir dos Comentários críticos, julguei pela manutenção do texto de Ap 10, 4.6.7.10 no conjunto da perícopa (vv. 1-11) em relação à forma testemunhada pela edição crítica da GNT.

Seguiremos, assim, para a operação de constituir a estrutura interna da unidade 10, 1-11, suas subunidades, além das operações das críticas das tradições e literárias, a análise gramatical, e, por fim, a exegese dos termos que estabelecem a significação da perícopa em questão.

<sup>239</sup>METZGER, B.M., *A textual commentary*, p. 743, ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p.140; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, 264; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.407: 'there are several text-critical difficulties in this verse. Some manuscripts (⚡ 2329,2344...) insert *kai*. Between δούλος and προφήτας, thus making two groups, 'servants and prophets'. Most do not have the *kai*. , however, and the OT background makes 'his servants the prophets' the more likely reading. Also, some have αὐτοῦ (046, 1006, 1828...) instead of the stronger έαυτοῦ (P<sup>47</sup> ⚡ A C ...), but the external evidence strongly favors έαυτου. AUNE, D. E., *Revelation*, p. 6-16, p.550-551.

<sup>240</sup>Trata-se de pequenas substituições que encontram seu testemunho nos Manuscritos minúsculos, porém não trazem mudanças substanciais ao texto, até mesmo porque o texto de Nestlé-Aland apóia-se no P<sup>47</sup>, no códex Sináitico e Texto Majoritário André. METZGER, B. M., *A textual commentary*, p. 743-744; ALLO, E.-B., *Saint Jean L'Apocalypse*, p. 143; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 29; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 407; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 532; AUNE, D.E., *Revelation*, p. 6-16, p. 549.

<sup>241</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, p. 6-16, p. 552.

### 3.3

#### A crítica literária

Segundo as etapas previstas pelo MHC já estabelecido o texto crítico sobre o qual trabalharemos as seguintes ações, podemos então verificar na sua crítica literária, qual é a forma e a composição do texto de Ap 10,1-11 e qual seria a sua função no conjunto do Livro do Apocalipse. Por isso, nesta parte elucidaremos as questões de estrutura literária do Livro, como um todo, em vista de entender melhor a fisionomia e a função literárias de nossa perícopes<sup>242</sup>.

Dada a necessidade de analisar o texto grego crítico estabelecido por nós, em sua forma mais exata, passaremos depois à análise gramatical de Ap 10,1-11, na delicada pesquisa da língua grega empregada pelo autor e as estratégias semânticas que decorrerem à análise exegética propriamente dita que conclui esta etapa de nosso estudo sobre a profecia cristã no âmbito literário do Livro do Apocalipse.

A problemática em torno da melhor coerência estrutural do livro, que se tem perseguido ao longo dos anos, fez surgir, então, uma enorme diversidade de modelos<sup>243</sup> que mostra o estilo e a teologia do ‘autor-profeta’. Esta busca propõe-se a dar uma solução plausível que vislumbre no texto do Ap uma seqüência

<sup>242</sup>Disponíveis em português, ao estudo da metodologia exegética dos textos do Novo Testamento: EGGER, W., *Metodologia do Novo Testamento*, São Paulo, Loyola, 1994<sup>3</sup>; SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, S. Paulo, Loyola, 2004<sup>5</sup>; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, S. Paulo, Paulus e Sinodal, 1984.

<sup>243</sup>A constatação da diversidade de propostas, inicialmente verifica-se pelas inúmeras estruturas apresentadas pelos comentadores e por alguns artigos específicos que trataram dessa problemática Cf. OSBORNE, G.R., *Revelation*, Baker Academic, Grand Rapids, 2002, esp. 27-31; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, NIGTC, Eerdmanns, Cambridge, 1999, esp. 108-151; AUNE, D. E., *Revelation 1-5*, WBC 51B, Nashville, Thomas Nelson, 1998; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, Genève, Labor et Fides, 2000; LAMBRECHT, J., *A Structuration of Revelation 4,1-22,5*, in LAMBRECHT, J. (Org), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), p. 78-104; AYUCH, D., *La instauración del Trono en siete septenarios. La macronarrativa y su estructura en el Apocalipsis de Juan*. Bib 85, (2004), 255-263; BIGUZZI, G., *I settenari nella struttura dell'Apocalisse. Analise, stoiria della ricerca, interpretazione*, Bologna, EBD - Dehoniane, 2004<sup>2</sup>; BÖCHER, O., *Das beglaubigende vaticinium ex eventu als strukturelement der Johannes-Apokalypse*, RHPR 79 (1999), 19-30; BAUCKHAM, R., *The climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, T&T Clark, 1993, esp. 1-37; VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, Roma, Herder, 1971, p. 7-104; SMITH, C.R., *The structure of the Book of Revelation in Light of Apocalyptic literary conventions*, **NovT** 36.(1994), p.373-378; KORNER, R.J., “And I saw...” *An apocalyptic literary convention for structural identification in the Apocalypse*, **NovT** 42 (2000), p.160-2; HALL, M.S., *The Book interlocking structure of Revelation: the most important verses in the book and How they may unify its structure*, **NovT** 44 (2002), p. 294-5; TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, **NovT** 47, (2005), p. 47-68.



lógica e coerente e possibilite assim, sustentar a hipótese de uma estrutura unitária do livro<sup>244</sup>.

Entre estes modelos, três têm sido os mais significativos para a compreensão da composição do Apocalipse joanino<sup>245</sup>. Há, contudo, pontos de consenso entre os exegetas do Novo Testamento acerca das relações literárias em algumas partes do texto: comumente se aceita como prólogo (Ap 1,1-3) e epílogo (Ap 22,6-21), as duas divisões mais extensas: a mensagem às sete igrejas (Ap 1,4-3,22) e a chamada seção visão-profética (Ap 4,1-22,5).

Dedicaremos um tempo maior para apresentar essa problemática dentro do corpo central do texto (Ap 4,1-22,5), em especial, porque a nossa perícopes em estudo se encontra neste corpo. Apesar da diversidade de modelos estruturais, como instrumentos analíticos do Apocalipse joanino, ser enorme, seguiremos três modelos subjacentes à análise literária do Livro: a) modelo estrutural setenário; b) modelo estrutural quiasmático; c) modelo estrutural recapitulação\progressão.

#### a) Modelo estrutural setenário.

Os trabalhos de A. Farrer e A.Y. Collins propõem o modelo setenário como estrutura organizativa do texto do Apocalipse.

<sup>244</sup>LAMBRECHT, J., *A Structuration of Revelation 4,1 - 22,5*, “Nonetheless with regard to the structure of Rev, a general double consensus exists among NT exegetes. Everybody seems to acknowledge both its Prologue and Epilogue, and its twofold division. The real difficulties begin with the structure (or absence of structure) in 4, 1 - 22,5.”; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, Grand Rapids, Michigan, 1988<sup>2</sup>, p. 46 “This rather complete lack of consensus about the structure of Revelation should caution the reader about accepting any one approach as definitive”; PRÉVOST, J-P *L’Apocalypse (1980-1992)*, in GOURGES, G. et LABERGE, L., “*De Bien des Manières*”. *La recherche biblique aux abords du XXI<sup>e</sup> siècle*, LD 163 (1995), Paris, Du Cerf, p. 433-457 analisa o status quaestiones dos estudos com um marcante interesse entre os exegetas pela busca de uma solução plausível para intrincada questão da estrutura do Apocalipse; FIORENZA, E.S., *Apocalipsis: Visión de un mundo justo*, Verbo Divino, Navarra, 1997. p. 109 afirma: “Cualquier intento de reconstruir una secuencia cronológica o incluso lógica de los acontecimientos descritos en el Apocalipsis esta abocado una vez más al fracaso cuando trata de analizar los capítulos centrales del libro”. Entretanto, a mesma autora, num artigo publicado no CBQ 39 (1977), com o título: *Composition and Structure of the Book of Revelation*, p. 344-366, apresentou um esquema de quiasma para o conjunto do livro. Vejamos: A 1, 1-8 ; B 1, 9 – 3,22; C 4, 1 – 9,21; D 10, 1 –15,4 ; C’ 15, 1. 5 – 19,10 ; B’ 19,11 – 22,9; A’ 22,10-21.; PRIGENT, P., *L’Apocalypse: exégèse historique et analyse structurale*, NTS 26 (1980), p. 127-137.

<sup>245</sup>ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p.110-121, esp. 136-138; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.168-169; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 87-91, esp. 256-258; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 27-31, esp. 390-391; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p.108-151, esp. 520-522; AUNE, D.E., *Revelation*, 1-5, p. 90-105; Idem., *Revelation*, 6-16, p. 547-555.

1. A. Ferrer<sup>246</sup>

A. Ferrer organizou a inteira estrutura do livro, utilizando como principal chave de leitura o modelo do setenário. Ele reconhece o modelo desta estrutura proposta a partir do uso da expressão ‘Καὶ εἶδον’ ou ‘Καὶ ὤφθη’ ao início de cada visão.

Para tal, ele descobre no texto quatro visões explícitas em série de sete (quatro séries de sete) no Apocalipse joanino: as mensagens às igrejas (2-3); os sete selos, (6-8,1) as sete trombetas (8,2-11,15) e as sete taças (15,5-16,17).

Como solução ao problema das seções da queda de Babilônia (17, 1-19,10) e da Visão da descida da ‘Nova Jerusalém’ (21,9-22,5) restantes fora deste esquema, ele elabora a teoria dos apêndices, pois ele reconhece nestas seções paralelos aos textos já incluídos, tal significaria que estes textos são reelaborações introduzidas posteriormente (apêndices)<sup>247</sup>.

Além disto, ele encontra mais duas seqüências setenárias enumeradas no restante do livro. A primeira se encontra entre a série do setenário da trombeta e das taças; e a segunda, é constituída pelo restante do livro, em seguida à série das taças.

Ele obtém assim a seguinte estruturação do Livro do Apocalipse: seis séries de sete com seções desproporcionais em extensão. Sete mensagens (1-3); sete selos (4-7); sete trombetas (8,1-11,14); sete inumeráveis visões (11,15-14,20); sete taças (15-18, incluída a seção ‘apêndice’ de Babilônia); sete inumeráveis visões (19-22, incluída a ‘apêndice’ da Nova Jerusalém).

2. A.Y. Collins<sup>248</sup>

Collins construiu sua proposta de modelo estrutural a partir da crítica ao trabalho realizado por A. Farrer.

Mesmo utilizando parte da intuição organizativa realizada por A. Farrer, baseada na sua percepção de alguns equívocos, ela sente a necessidade de introduzir neste esquema quatro modificações:

<sup>246</sup>FARRER, A., *A rebirth of images. The making of St. John's Apocalypse*, Westminster, Dacre, 1949, p. 36-58.

<sup>247</sup>FARRER, A., *A rebirth of images*, p. 45.

<sup>248</sup>COLLINS, A.Y., *The combat myth in the Book of Revelation*, Missoula, Scholars, 1976.

1. ‘Καὶ εἶδον’: A partir desta fórmula teríamos, na verdade, a unidade de 15, 2-4 ao invés de 15,1 para segunda,
2. ‘sabbath-vision’: Segunda Collins, Farrer equivoca-se ao enquadrar estes textos Ap 8,1-6; 11,15-19; 15,1-16; 1; 19,1-10 como introdutórios aos textos que os seguem. Ao contrário eles parecem bem enquadrados na seção que os precede.
3. A localização na narrativa dos selos para as trombetas e das inumeráveis séries das taças não correspondem ao seu contexto (Ap 8,1-5; 15,1-8);
4. O Prólogo (1, 1-8) e o Epílogo (22,6-21) podem ser diferenciados das visões.

Assim, com estas modificações na estrutura do livro, sua proposta de estruturação das visões podem ser fixadas desta forma:

1. Prólogo	Ap 1,1-8
2. As sete mensagens	Ap 1,9-3,22
3. Os sete selos	Ap 4,1-8,5
4. As sete trombetas	Ap 8,2-11,19
5. As sete visões não numeradas	Ap 12,1-15,4
6. As sete taças	Ap 15,1-16,20
Apêndice: Babilônia	Ap 17,1-19,10
7. As sete visões não numeradas	Ap 19,11-21,8
8. Epílogo	Ap 22,6-21

Assim como A. Farrer, A.Y. Collins chega somente a seis séries setenárias. No entanto, não é uso do modelo estrutural setenário o problema em questão. A problemática emerge dada limitação do uso de uma só ‘chave de leitura’ para a consecução da tarefa de encontrar uma estrutura ideal para o Livro, pois em senso estrito poder-se-ia falar somente de quatro séries setenárias construídas pelo ‘autor-profeta’ a partir de certa percepção do Livro.

Além do mais, se existem seis ou sete unidades setenárias, por que o ‘autor-profeta’ menciona apenas quatro? Percebe-se a evidente inconsistência do uso exclusivo deste modelo para demonstrar as relações entre a ‘verdadeira’ intenção do ‘autor-profeta’ e a estrutura expressa na forma literária do Livro<sup>249</sup>.

<sup>249</sup>Sobre o estado da questão: TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, **NovT** 47, (2005), 56.

## b) O modelo estrutural concêntrico.

1. E. S. Fiorenza<sup>250</sup>

Principal divulgadora desse modelo, ela entende que para determinar a estrutura de composição do texto é necessário estabelecer uma relação entre interesse teológico do autor e a suas formas de argumentação no Livro<sup>251</sup>.

Para desenvolver sua proposta, a autora aplica a técnica de intercalar a forma e o conteúdo<sup>252</sup>. A partir dessa técnica, a autora apropria-se de outros modelos estruturais, tais como: o número sete; a visão dos dois livros; as duas visões inaugurais (Ap 1,12-20; 19,11-16). Dessa maneira, ela se propõe a chegar a quatro divisões estruturais do livro: 1. Ap 1,9-3,22; 2 Ap 4,1-19,10; 3 Ap 10,1-15,4; IV Ap 19,11-22,9. Com essas quatro divisões, a parte central do texto apresentaria uma estrutura concêntrica:

<b>A</b>	Ap 1,1-8	Prólogo
<b>B</b>	Ap 1,9-3,22	As cidades da Ásia Menor
<b>C</b>	Ap 4,1-9,21; 11,15-19	Abertura dos selos
	<b>D</b>	Ap 10,1-15,4
	<b>C'</b>	Ap 15,1.5-19,10
	<b>B'</b>	Ap 19,11-22,9
<b>A'</b>	Ap 22,10-22,21	Epílogo

Em determinado momento de sua intercalação, esta metodologia parece forçar uma estrutura concêntrica; sobretudo, quando aplica em determinados textos uma reordenação que difere daquilo que parece ter sido a intenção do redator final do texto<sup>253</sup>.

<sup>250</sup>FIorenza, E.S., *Composition and Structure of the Book of Revelation*, CBQ 39 (1977), p. 344-366.

<sup>251</sup>A Questão do uso de métodos sincrônicos, oriundos dos ambientes literários extra-bíblicos, para a interpretação de textos trouxe à tona novas perspectivas e desafios. Cf. Pontifícia Comissão Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, 1993, espec. *Análise retórica*, p. 47-50; EGGER, W., *Metodologia do Novo Testamento*, p. 71-154; SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, 151-181.

<sup>252</sup>Como já discutimos em nota anterior, a última produção da autora ao utilizar o método 'retórico', pretender justificar a sua proposta mais atual de estruturação do Livro do Apocalipse: FIorenza, E.S., *Apocalipsis: Visión de un mundo justo*, Verbo Divino, Navarra, 1997, espec., 39-62.

<sup>253</sup>TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, esp. 52-53, além da advertência da Pontifícia Comissão Bíblica no documento de 1993: *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, espec. p. 46-86.

c) o modelo ‘Recapitulação’.

1. J. Lambrecht<sup>254</sup>

Em seus estudos, J. Lambrecht se propõe a fazer “*visual presentation of the principle of encompassing*”<sup>255</sup>. Ele destaca três séries setenárias explícitas no Livro: os selos, as trombetas e as taças. Reorganiza-as em três tópicos: a) introdução; b) os seis primeiros elementos; c) o sétimo elemento. Assim, ele propõe a seguinte estrutura:

A	Ap 4-5	Introdução à visão do livro
	A.1 Ap 4	O que está sentado no trono
	A.2 Ap 5	O cordeiro recebe o livro lacrado com sete selos
B	Ap 6-7	Os seis primeiros selos
	B.1 Ap 6,1-17	
	B.2 Ap 7,1-17	Interlúdio
C	Ap 8,1-22,5	Sétimo selo e as trombetas
	A’ Ap 8,1-6	Introdução
	A’.1 Ap 8,1	Sétimo selo
	A’.2 Ap 8,2	Sete anjos e as sete trombetas
	A’.3 Ap 8,3-5	Oração dos santos
	A’ 4 Ap 8,6	O anjo proclama o soar das trombetas
	B’ Ap 8,7-11,4	As seis primeiras trombetas
	B’1 Ap 8,7-9,21	Os seis primeiros soar
	B’2 Ap 10,1-11,14	Interlúdio
	C’ Ap 11,15-22,5	Sétima trombeta e sete taças
	A’’ Ap 11,15-16,1	Introdução
	A’’,1 Ap 11, 15-19	Sétima trombeta
	A’’,2 Ap 12	Interlúdio
	Ap 13	As duas bestas
		Três visões
	A’’,3 Ap 15,1	Os sete anjos com as sete pragas

<sup>254</sup>LAMBRECHT, J., *A Structuration of Revelation 4,1-22,5*, in LAMBRECHT, J. (Org), *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), p. 78-104.

<sup>255</sup>LAMBRECHT, J. *A Structuration of Revelation 4,1-22,5*, p. 87.

A"4	Ap 15,2-4	Canto da vitória
A"5	Ap 15,5-8	Os anjos recebem as sete taças
A"6	Ap 16,1	A ordem dada
B"	Ap 16,2-16	As seis primeiras taças
C"	Ap 16,17-22,5	Sétima taça e consumação
C"1	Ap 16,17-19,10	Babilônia
C"2	Ap 19,11-20,15	Julgamento final
C"3	Ap 21,1-22,5	Nova Jerusalém

A estrutura desenvolvida por J. Lambrecht tem uma fundamentação sólida. Ele segue a lógica literária da 'intercalação' como estrutura de articulação entre as subunidades do Livro do Apocalipse<sup>256</sup>.

Estas questões, no entanto, ainda são vivamente discutidas<sup>257</sup>. Questão que, de fato questiona o próprio autor em sua proposta de estruturação: *'Is our outline just one more subjective enterprise?'*<sup>258</sup>

Além disso, na recente história deste debate, muitas outras interpretações se apresentaram como estabelecimento da difícil tarefa de elucidar as relações entre a forma atual do texto e a intencionalidade literária e teológica do autor<sup>259</sup>.

<sup>256</sup>A análise atenta sobre as propostas de estruturação apresentadas por J. Lambrecht: Cf. TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, espec. 53-56.

<sup>257</sup>Desde a magnífica obra de VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, Roma, Herder, 1971, p. 7-104; a discussão tem-se mostrado cada vez mais intensa e propícia a novas visões e propostas literário-teológicas de interpretação da complexa estrutura do livro do Apocalipse: BAUCKHAM, R., *The climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, T&T Clark, 1993, esp. 1-37, SMITH, C.R., *The structure of the Book of Revelation in Light of Apocalyptic literary conventions*, *NovT* 36.(1994), 373-378, AUNE, D.E., *Revelation 1-5*, WBC 51B, Nashville, Thomas Nelson, 1998; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, NIGTC, Eerdmans, Cambridge, 1999, esp. 108-151; BÖCHER, O., *Das beglaubigende vaticinium ex eventu als strukturelement der Johannes-Apokalypse*, *RHPR* 79 (1999), 19-30; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, Genève, Labor et Fides, 2000, KORNER, R.J., "And I saw..." *An apocalyptic literary convention for structural identification in the Apocalypse*, *NovT* 42 (2000), 160-162; OSBORNE, G. R., *Revelation*, Baker Academic, Grand Rapids, 2002, esp. 27-31; BIGUZZI, G., *I settenari nella struttura dell'Apocalisse. Analisi, storiografia della ricerca, interpretazione*, Bologna, EBD- Dehoniane, 2004<sup>2</sup>; AYUCH, D., *La instauración del Trono en siete septenarios. La macronarrativa y su estructura en el Apocalipsis de Juan*. *Bib* 85, (2004), 255-263; TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, *NovT* 47, (2005), 47-68.

<sup>258</sup>LAMBRECHT, J., *Structuration*, p. 103. Felise Favo discorda desta dúvida metódica, justificando assim, sua pretensão 'objetiva' de ter encontrado a estrutura (definitiva) do Apocalipse, TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, espec. 68.

<sup>259</sup>Existem outras teorias sobre a estrutura do livro. Essas percorreram diversos estágios, como por exemplo, o trabalho de WEYLAND, W.G.J., *Omwerkings en Compilatie-Hypothesen toegepast op de Apokalypse van Johannes*. Groningen, Wolters, 1888; WEISS, J., *Die Offenbarung des Johannes*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1904; BOISMARD, M.-E., *Notes sur*

Assim sendo, dois pontos conclusivos podem ser considerados relevantes, a nosso ver, para a crítica literária do Livro do Apocalipse.

Primeiro, nós afirmamos que a estrutura setenária parece exprimir melhor, formalmente, a intencionalidade do autor. Neste sentido nossas ulteriores análises estarão em consonâncias com as propostas de J. Lambrecht.

Segundo, de acordo com os resultados da análise da estrutura literária da unidade Ap 10,1-11, torna-se evidente o papel primário que esta exerce sobre a estrutura geral do livro. Neste sentido, é importante considerar a utilidade da teoria das ‘intercalações’, como nós o demonstraremos a seguir.

Porém, é aconselhável advertir que quaisquer propostas de estruturação que o fizermos terão sempre, na impossibilidade de alcançar a estrutura perfeita e objetiva do Livro, um juiz implacável. É o que nos aconselha A. Vanhoye:

*‘La ricerca di una perfezione del genere ordinariamente è cattiva consigliera. Per ottenerla, ci si lascia troppo facilmente trascinare a manipolazioni ingiustificabili: parallelismi forzati, congetture testuali arbitrarie, sconvolgimento dell’ordine del testo.’<sup>260</sup>*

---

*L’Apocalypse*. RivB 59, (1952), p. 161-181; idem, *L’Apocalypse*, Paris, Cerf, 1972, esp. 9-15, que propõe a existência de dois textos justapostos, eles formariam o texto do Apocalipse que temos hoje; FORD, M.J., *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary*, Col. Anchor Bible 38, New York, Doubleday, 1975. Em seu comentário, M.J. Ford propõe-se a especificar as fontes encontradas no Apocalipse, que, segundo sua tese, os capítulos 4 – 11 teriam suas raízes no círculo de João Batista; os capítulos 12–19 teriam sido escritos por um de seus discípulos e os capítulos 20–22 e 1-3 foram adicionados por último por um discípulo judeu-cristão; Ou ainda, a proposta de. VISCHER, E., *Die Offenbarung Johannis: Eine jüdische Apokalypse in christlicher Bearbeitung*. Texte und Untersuchungen 2/3, Leipzig, Hinrichs, 1886; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. II Vol, Col. International Critical Commentary, Edinburgh, Clark, 1971<sup>2</sup>. Para Charles, João é o autor original do Apocalipse. Em outro momento, João teria aperfeiçoado e complementado seu trabalho até Ap 20,3. Por isso, o livro tem uma estrutura aparentemente desordenada por ser uma coletânea de fontes ordenadas por um de seus discípulos. Por fim, o último redator adicionou várias interpelações no texto original de João; KRAFT, H., *Die Offenbarung des Johannes*. Col. Handbuch zum Neuen Testament 16a, Tübingen, Mohr, 1974. Para Kraft, um único escritor desenvolveu todo o escrito em vários estágios, como talvez os capítulos 2–3 e 21,9 – 22,5, adicionados por um redator final. O escrito foi, em princípio, uma profecia do fim dos tempos, centrada originalmente nos sete selos; com a adição, o redator acrescentou as sete trombetas e as sete taças, mudando assim a perspectiva do escrito, que passou a ter uma série de julgamentos divinos; AYUCH, D., *La instauración del Trono en siete septenarios. La macronarrativa y su estructura en el Apocalipsis de Juan*. Bib 85, (2004), p.255-263; BIGUZZI, G., *I settenari nella struttura dell’Apocalisse. Analisi, storia della ricerca, interpretazione*, esp. p. 98-104.

<sup>260</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell’Apocalisse*, Roma, Herder, 1971, p. vi. Nesta direção a discussão, já levantada na Tese sobre a tendência ‘sincronizante’ na exegese neotestamentária contemporânea, encontra-se bem disposta em: PESCE, M., *I Limiti delle teorie dell’unità letteraria del Testo*, in FRANCO, E., *Mysterium Regni. Mysterium Verbi*, Bologna, EDB, 2001, p. 89-107.

### 3.3.1

#### A Estrutura e a Delimitação de Ap 10,1-11

Na etapa anterior estabelecemos as questões elucidatórias acerca da estruturação do conjunto do Livro do Apocalipse. E o estado da ‘questão’ indicou a relevância das teorias do setenário aliadas à proposta encaminhada por Lambrecht, que explora o problema das ‘lacunas’ causadas à estrutura setenária das trombetas nos v.1-11, do Cap.10. De fato, onde se esperava o surgimento do sétimo anjo soando a sétima trombeta, surge um ‘outro’ anjo, enquanto o sétimo anjo, conclusão do setenário aparecerá somente no v. 15 do Cap.11.

Como interpretar, portanto esta ‘anomalia’ segundo expressão do Ugo Vanni<sup>261</sup> no fluxo narrativo do setenário das trombetas?

Num primeiro momento buscarei esclarecer o argumento referente à estruturação do Cap 10. Além disso, pretendo nesta unidade tratar também da delimitação da perícope 10,1-11. e assim analisar seus traços ‘unitários’.

A perícope de Ap 10, 1-11 está situada no contexto mais amplo do setenário das trombetas (Ap 8,1 – 11, 17)<sup>262</sup>.

O cap. 10 apresenta uma dificuldade particular. De fato são escassíssimos os estudos específicos<sup>263</sup>.

O capítulo 10 situa-se no contexto da iminente conclusão do setenários dos anjos e suas sete trombetas (Ap 8,6-11,15). Em particular entre a irrupção do anjo da sexta trombeta: Ap 9,13 ‘Καὶ ὁ ἕκτος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ἤκουσα φωνὴν μίαν ἐκ τῶν [τεσσάρων] κεράτων τοῦ θυσιαστηρίου τοῦ χρυσοῦ τοῦ ἐνώπιον τοῦ θεοῦ,’ e aquele da sétima (e última) trombeta: Ap 11,15: ‘Καὶ ὁ ἕβδομος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ἐγένοντο φωναὶ μεγάλαι ἐν τῷ οὐρανῷ λέγοντες, Ἐγένετο ἡ βασιλεία τοῦ κόσμου τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ τοῦ Χριστοῦ αὐτοῦ, καὶ βασιλεύσει

<sup>261</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 194-195.

<sup>262</sup>ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 123-157, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 168-177; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 256- 298, SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, London, Macmillan and CO., 1907<sup>2</sup>; p. 127-131; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 390-407; BEALE, G. K., *The Book of Revelation*, p. 520-555; AUNE, D.E., *Revelation*, p. 547-575.

<sup>263</sup>PREVOST, J-P., *L'Apocalypse (1980 –1992)*, p. 451-457, esp. 456: ‘L’appréciation du rôle des chapitres 10-11 par rapport à la structure d’ensemble du livre de l’Apocalypse demeure, elle aussi une question non résolue.’ Ele ressalta a escassez de estudos sobre os capítulos 10-11. Pouco explorados pelos exegetas, eles necessitam ainda de ulteriores aprofundamentos sobre temas importantes de sua narração: A identificação do termo ‘βιβλαρίδιον’ (livrinho) em 10, 2 e acerca das misteriosas figuras das ‘duas testemunhas’ (δυσὶν μάρτυσίν μου ) em 11, 3 Tal lacuna na pesquisa lança obscuridades na incompreensão da lógica estrutural do conjunto .da obra.



εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰῶνων’ Neste sentido percebe-se com certa estranheza, o que parece ser uma interrupção da seqüência da narrativa. Este tipo de interrupção já ocorrera em Ap 7,1ss, em plena narração do setenário dos selos (Ap 7,1-8,5)<sup>264</sup>

Segundo Lambrecht entre outros autores<sup>265</sup>, a razão deste comportamento narrativo do autor deve ser interpretada, como em toda a estrutura do Livro do Apocalipse, de maneira positiva e intencional. Vanni chega a afirmar, a partir v. 1 (a descrição do anjo) que esta perícope (v.1-11) possui uma notável e refinada estrutura literária<sup>266</sup>.

Para muitos estudiosos interessados nas vantagens de abordagens mais sincrônicas<sup>267</sup>, esta unidade em sua forma atual corresponde ao seu lugar original. Não sendo necessário afirmar a ingerência posterior de redatores, editores ou copistas.

Para estes estudiosos, sem diminuir a concatenação da sessão narrativa das sete trombetas, estas aparentes ‘interrupções’ ao contrário, provocariam no ouvinte/leitor uma expectativa redobrada em relação à abertura do último selo (Ap 11,15)<sup>268</sup>.

Considerada deste modo, tratar-se-ia de uma técnica literária utilizada intencionalmente pelo autor do livro para atrair os seus ouvintes/leitores<sup>269</sup>, fazendo-os permanecerem atentos à narração.

Os capítulos de Ap 10 - 11 aparecem como uma interrupção da narrativa do setenário das trombetas. No entanto, estes capítulos querem obter o efeito de uma pausa. Este intervalo, – sem ser secundário, pois se encontra no auge da

<sup>264</sup>OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 304-338; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 404-445; AUNE, D.E., *Revelation*, p. 424-480.

<sup>265</sup>LAMBRECHT, J. *A Structuration of Revelation 4,1-22,5*, p. 77-104, esp. p. 87-90 e 95-99; TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, esp. p. 53-56.

<sup>266</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 194.

<sup>267</sup>O estado da questão sobre os diálogos entre métodos tradicionalmente diacrônicos e novas abordagens sincrônicas está retratada em PREVOST, J-P., *L'Apocalypse (1980 –1992)*, p. 436-440, esp. 440.

<sup>268</sup>OSBORNE, G.R., *Interlude: Prophecy and Witness (10: 1-11:13) in Revelation*, p. 390-393; BEALE, G.K., *The Parenthesis I Chapters 10-11*, in *The Book of Revelation*, p. 520-522; AUNE, D.E., *The Angel and the little Scroll, Revelation*, 547-575, esp. 555: ‘Rev 10:1-11, part of an apparently parenthetical intrusion in the narrative of the seven trumpet plagues (8:1-9:21; 11,15-18 is introduced in a disjunctive manner with the phrase “Then I saw another might angel”’. LAMBRECHT, J., *Structuration*, p. 96-97.

<sup>269</sup>Destaco a interessante análise de TAVO, F., no que concerne às relações entre a forma atual da estrutura e a intenção do autor, sobretudo, se considerarmos também a sua audiência originária, esp. *The Oral-Auricular Setting in The Structure of the Apocalypse*, p. 56-58.

seqüência proposta pelo autor — utiliza a interrupção não como figura de uma mera pausa de descanso, mas como uma verdadeira chamada de atenção para o redirecionamento de sua mensagem. Este auge implica, portanto para o leitor numa surpresa em relação à mera conclusão. Depois das sete trombetas algo a mais está por vir. Atenção!

A primeira interrupção apresenta duas cenas entrelaçadas: o anjo e o livrinho aberto (Ap 10,1-11). A segunda interrupção é a descrição do itinerário e da ação das duas testemunhas (Ap 11,1-14).

Podemos, portanto concluir que a atual posição do capítulo 10 não decorre de uma intervenção extrínseca à intenção ‘original’ do autor. Na verdade, pela ‘sensação’ de rompimento causado por esta forma de *técnica literária*, ele reforça a unidade do conjunto da narrativa dos anjos e suas trombetas.

A unidade parece estar subdividida em pequenas perícopes e como em todo o percurso exegético não há necessidade de esperar unanimidade de soluções. Isto se constata de novo ao estudarmos as questões da estrutura literária de 10,1-11. E de fato os comentadores se contrastam no resultado da pesquisa sobre a estrutura interna da unidade.

Neste sentido o resultado da pesquisa sobre a estrutura literária desta unidade 10, 1-11 demonstra uma ausência de unanimidade. Notou-se entre os estudiosos que existe uma divisão entre aqueles que defendem uma composição interna quadripartida<sup>270</sup> e uma tripartida<sup>271</sup>.

Percebe-se que, mesmo independentemente da pluralidade de propostas avançadas sobre a estruturação de 10,1-11, ao menos há um consenso em relação às duas últimas subunidades: v.5-7 e v. 8-11. O que não ocorre de fato em relação aos v.1-4.

Diversos motivos levaram-nos a utilizar como instrumento de análise para as próximas etapas, a estruturação proposta por Osborne<sup>272</sup>. Assim, a unidade 1-11

<sup>270</sup>Defendem a existência de quatro seções nesta unidade: CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 256-273 (v.1-2; 3-4; 5-7; 8-11) AUNE, D.E., *The Angel and the little Scroll, Revelation*, p. 555, BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 520-521. (v.1-2; 3-4; 5-7; 8-11).

<sup>271</sup>Alguns autores, mesmo com opções diversas, optam, por uma tríplice divisão da unidade 10,1-11: SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 169 (v.1-2; v.3-7; 8-11); OSBORNE, G.R., *Interlude: Prophecy and Witness (10: 1-11:13) in Revelation*, p. 392 (v.1-4; 5-7; 8-11).

<sup>272</sup> OSBORNE, G.R., Op. cit., p. 392. Para este autor, a unidade é dividida em três partes: 1. vv. 1-4 O anjo forte descendo com o pequeno livro; 2. vv.5-7 O anjo faz (executa) um juramento e 3. vv. 8-11 João é nomeado para profecia .

será considerada em suas subunidades internas, a partir de um esquema de tripartição:

- a) vv 1-4;
- b) vv 5-7;
- c) vv 8-11.

Dito isto, volto agora minha atenção para a demarcação de seus limites, para expor os aspectos da delimitação da Ap 10,1-11, que nos permita afirmar sua unidade literário, em seu contexto mais amplo.

No v. 1: a expressão ‘*ἄλλον ἄγγελον*’ (outro anjo) parece ser uma demarcação da narrativa em relação ao v. 21, do Cap. 9 ‘*καὶ οὐ μετενόησαν ἐκ τῶν φόβων αὐτῶν οὔτε ἐκ τῶν φαρμάκων αὐτῶν οὔτε ἐκ τῆς πορνείας αὐτῶν οὔτε ἐκ τῶν κλεμμάτων αὐτῶν*’. Em 9,20s descreve-se a incredulidade e o recrudescimento do restante dos homens, mesmo diante dos castigos infligidos pelos cavalos que irrompem sobre a terra, ao som da sexta trombeta (οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων, οἳ οὐκ ἀπεκτάθησαν ἐν ταῖς πληγαῖς ταύταις, οὐδὲ μετενόησαν ἐκ τῶν ἔργων τῶν χειρῶν αὐτῶν)<sup>273</sup>.

Além disso, desaparece a estrutura setenária que descreve a visão de sete anjos que soam sete trombetas, causando danos sobre a terra. Esta formulação é composta por três elementos: 1. visão de uma série de anjos, compondo um total de sete; 2. Uma série de trombetas (também em número de sete), 3. uma série de visões catastróficas decorrentes do ato de soar as trombetas (ἐσάλπισεν)<sup>274</sup> por parte dos anjos. Este esquema inicia-se em 8,6 com a apresentação do conjunto de anjos que estão para soar a suas respectivas trombetas. A partir daí sucedem-se os anjos, em ordem cardeal crescente:

- 1. 8, 7: ‘Καὶ ὁ πρῶτος ἐσάλπισεν’ (e o primeiro anjo soou)
- 2. 8, 8: ‘Καὶ ὁ δεύτερος ἄγγελος ἐσάλπισεν’ (e o segundo anjo soou)
- 3. 8, 10: ‘Καὶ ὁ τρίτος ἄγγελος ἐσάλπισεν’ (e o terceiro anjo soou)
- 4. 8, 12: ‘Καὶ ὁ τέταρτος ἄγγελος ἐσάλπισεν’ (e o quarto anjo soou)
- 5. 9, 1: ‘Καὶ ὁ πέμπτος ἄγγελος ἐσάλπισεν’ (e o quinto anjo soou)
- 6. 9,13: ‘Καὶ ὁ ἕκτος ἄγγελος ἐσάλπισεν’ (e o sexto anjo soou)

<sup>273</sup>ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 139, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 165-170; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 265.

<sup>274</sup>Um rico roteiro de percurso sobre as diversas perspectivas das Trombetas e suas relações com o ambiente escatológico no Judaísmo e no Antigo Cristianismo: FRIEDRICH, B., *σάλπιγξ, αὐτοσάλπιξ, σάλπιστος*, in TDNT, vol.VII, Michigan, Eerdmanns, 1988<sup>2</sup>, 71-88.

A visão deste último anjo, o sexto, se prolonga até o v.21. Neste momento a seqüência é interrompida pela descrição de traços angelicais diversos dos anteriores. Primeiro a presença do adjetivo ἄλλον em posição de relevo chama atenção para o novo personagem. Além disso, no v. 2, ele vem descrito sem a posse de uma trombeta, pois ele nada soa (ἐσάλπισεν). Ele, no entanto tem nas mãos um outro objeto: ‘καὶ ἔχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον’ (um livrinho aberto)<sup>275</sup>.

Para Aune e a maioria dos autores, a expressão ‘ἄλλον ἄγγελον’ (outro anjo) no v.1 introduz uma disjunção em relação ao contexto anterior<sup>276</sup>. E Por isso pode ser considerado o limite inicial da unidade v. 1-11.

E tudo indica que Ap 11,1-13 além de constituir uma unidade literária coerente em suas duas subunidades (v. 1-2 e 3-13), implica numa visão de retomada do Cap. 9 e está voltado para as questões da salvação dos judeus-cristãos representados na figura das duas testemunhas do v.3. Para Aune, entre outros autores, a inteira seção (v.1-13) é apresentada como uma narrativa profética focando sobre aquela das duas testemunhas (v.3)<sup>277</sup>.

Pudemos assim, estabelecer como limites literários da perícopie do Cap. 10, 1-11. Como demarcação inicial, o v. 21, do capítulo 9 e final, o v.1 do Cap. 11.

<sup>275</sup>SCHRENK, G., *Βίβλος, Βιβλίον*, in TDNT, vol.I, Michigan, Eerdmanns, 1991<sup>2</sup>, p. 615-620.

<sup>276</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, p. 555 ‘After the sixth angel has sounded his trumpet (9; 13-21) the author **abruptly inserts** (o grifo é nosso) *two episodes (...)*’; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 138; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p. 169: ‘Après le sixième son de la trompette, L’Apocalypse **coupe brusquement** (o grifo é nosso) *le fils de la narration. Le voyant reçoit une revelation nouvelle*’; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, London, Macmillan and CO., 1907<sup>2</sup>, p. 127-131; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 520: ‘Ch.10 is the introduction to the main content of the parenthesis in 11:1-13’.

<sup>277</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, p. 585: ‘Rev 11: 1-13 is a coherent literary unit consisting of two major subunits vv 1-2 and 3-13. This entire section is presented not as a vision that ohn saw and is now reporting but as a narrative prophecy focusing on the two witnesses.’; BEALE, G. K., *The Book of Revelation*, p 521: ‘Therefore, 11: 1-13 is not a chronological delay but a parenthetical literary delay like one in Ch.7; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.180: ‘ce chapitre concene “l’histoire accomplie d’Israël” (...)’; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 145: ‘Mais on renonce à comprendre l’économie magnifique de l’Apocalypse si l’on fait de XI,1-13 un nouvel “intermède”, sans lien essential avec qui l’entoure ou si l’on fait entrer cette perícopie dans une série continue avec ce qui suivra aux chapitres XII-SUIV.’.

### 3.4

#### A análise gramatical de Ap 10,1-11

Já tendo delimitado a unidade literária, passamos assim à análise das formas gramaticais implicadas na compreensão semântica do texto, exercício cabal da exegese propriamente dita, como examinaremos subseqüentemente.

Em cada uma das três subunidades estabelecidas em 10,1-11, destacaremos os fenômenos gramaticais mais relevantes segundo a maioria dos autores<sup>278</sup>.

#### 3.4.1

##### v. 1-4

ἡ ἴρις

Trata-se de um nominativo introduzido surpreendentemente após uma série de acusativos coordenados pelo verbo εἶδον) Esta forma gramatical não é necessariamente anômala, se considerar talvez, como pensa Aune, que este artigo possua uma função anafórica, referindo-se ao Ap 4,3. *'the article is therefore anaphoric'*<sup>279</sup>.

<sup>278</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. (Trad. Al. Grammatik des neutestamentlichen Griechisch, 1976), Padeia, Brescia, 1982; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, Roma, PIB, 1963; SPICQ, C., *Note di lessicografia neo-testamentaria* (trad. Fran. Notes de Lexicographie neo-testamentaire, 1982), V/1-2, Paidéia, Brescia, 1988 e 1994; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, Paris, Gabalda, 1927; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, vol. III (Syntax) e IV (Style), Edinburg, T & T Clark, 1991, 1993<sup>4</sup>; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p.123-157, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.168-177; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 256-298, SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, London, Macmillan and CO.,1907<sup>2</sup>; p. 127-131; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 390-407; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 520-555; AUNE, D.E., *Revelation*, 547-575.

<sup>279</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*. p. 548. Além do mais, o artigo ἡ é **lectio difficilior**; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 406; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 524. Sobre as funções do artigo definido grego: BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p. 344-6; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 165-192; MOULTON, J. H., *A Grammar of New Testament*, vol. III, p. 13-16; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, 119-130.

## 2. ἔχων

O particípio presente e nominativo, neste contexto com a função de verbo finito, configura um solecismo. Aqui ἔχων é um nominativo de aposição<sup>280</sup>.

## 3. Βιβλαρίδιον

Este substantivo diminutivo é também ‘*hápax legômena*’<sup>281</sup>. O estudo morfológico do sufixo diminutivo em Βιβλαρίδιον<sup>282</sup> tem demonstrado que ἴδιον, ἄριον são sufixos semanticamente identificáveis: Ap 10,2.9.10.

## 4. ἤμελλον γράφειν

O infinito precedido pela forma verbal de μέλλω (imperfeito, ativo) indica uma forma intencional, com uma dimensão de futuro certo. E ao mesmo tempo, estabelece uma relação temporal com o contexto das outras ações<sup>283</sup>.

## 5. Καὶ ἤκουσα φωνήν

Esta partícula possui uma imensidade de funções sintáticas e usos semânticos que serão explorados na exegese propriamente dita<sup>284</sup>.

<sup>280</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 529 “The participle ἔχων (having) may reflect Semitic style and function as a finite verb, though the independent use of a nominative participle as a verb is attested in early and Koine Greek. Nevertheless, the verbal use is still the exception rather than the rule, which explains why a scribe would alter use the participle to the finite form εἶχεν. This change would also have solved the lack of concord in case between the nominative ἔχων and its antecedent, the accusative ἄγγελον ἰσχυρὸν καταβαίνοντα”; CHARLES, R. H., *Revelation*, Vol. 1, p cxxiv, who views ἔχων (Ap 1,16 ; 10,2) as functioning as a finite verb under Hebrew influence”. Sobre a função apositiva: p. 206-222 e as funções do Particípio grego: ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 366-377; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 321-330, esp. p. 321-322.

<sup>281</sup>ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p 139; AUNE, E. D., *Revelation 6-16*, p. 549. Cf. SWANSON, D.C., *Diminutives in the Greek New Testament*, in JBL 77 (1968), p. 134-151.

<sup>282</sup>BEALE, G.K. *The Book of Revelation*, p. 532 “Instead of βιβλιρίδιον ἀνεωγμένον (‘open little book’- κ<sup>1</sup> A C<sup>2</sup> P1 2351 al), some witness have βιβλίον ἀνεωγμένον (‘open book’- P<sup>47vid</sup>). Possibly the former was misread as the latter. More likely, at an early stage of transmission the former was changed to the latter in order to harmonize v. 2 with v. 8, where the strikingly similar phrase βιβλίον τὸ ἀνεωγμένον appears. Adding to the impetus to harmonize is the fact that βιβλίον and its synonym βίβλος are used elsewhere throughout the Apocalypse, whereas βιβλαρίδιον appears only in 10,2.9-10. Furthermore, in addition to 10,8, βιβλίον appears five times elsewhere with ἀνοίγω (5,2-5; 20,12). The other major variant, βιβλιδαριον (little book), in v.2 has the same meaning as βιβλαρίδιον (κ<sup>1</sup>, C\*, 1006, al), thus lending more evidence that ‘little book’ was the original reading”; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 139; CHARLES, R.H., *Revelation*, Vol. 1, p. 260; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 170; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 395; AUNE, D. E., *Revelation*, 547-575. CHARLES, R.H., *Revelation*, Vol. 1, p. 260.

<sup>283</sup>Sobre a sintaxe do modo verbal Infinitivo: ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 380-399; BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 465-496; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 128.

## 6. ὅτε

Esta conjunção introduz uma sentença subordinada temporal. (v. 3.4)<sup>285</sup>.

## 7. μή...γράφης.

O verbo γράφης, subjuntivo, aoristo, ativo do verbo γράφω acompanhado pela partícula negativa μή,<sup>286</sup> que reforça a proibição indicada pelo anjo no v.4<sup>a</sup>.

**3.4.2****v. 5-7**

## 1. καὶ ὤμοσεν.....ὅτι

A conjunção ὅτι<sup>287</sup> introduz oração coordenada subordinativa objetiva direta da oração principal iniciada pelo aoristo indicativo ativo verbo ὀμύναι<sup>288</sup>

## 2. καὶ ὅταν ἐτελέσθη

A partícula καί funciona neste contexto, como uma conjunção consecutiva, pois ela dá seqüência a uma oração dependente (prótasis), e introduz uma

<sup>284</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 532-538; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 340-342; AUNE, E. D., *Revelation 6-16*, p. 550; MOULTON, J. H., *A Grammar of New Testament*, p. 321.

<sup>285</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p. 555; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 340-348; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, p. 321.

<sup>286</sup>Sobre a partícula μή: BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 517-525; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 331-336; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, 440-447; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 281-287. Sobre o contexto do verbo γράφης: BRÜTSCH, CH., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 172; CHARLES, R.H., *Revelation*, Vol. 1, p. 262; AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p. 550; BEALE, G.K. *The Book of Revelation*, p. 532-537; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 397-398.

<sup>287</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 557; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p.340-342; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 321.

<sup>288</sup>LAMPE, G.W.H., ὀμύναι, in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>9</sup>, p. 952: *swear*, este verbo atestado tanto na literatura clássica pagã e como naquela exegética, como proveniente de ὀμύναι ou ὀμύνω: I. jurar algo, II. a alguém, III. em nome de alguém. A forma ὤμοσεν no v.6, um aoristo, ativo, seguido da preposição regendo o dativo 'ἐν τῷ ζῶντι', normalmente seguido de acusativo, mas existem também atestações com o dativo. Cf. LIDDELL, H.G. e SCOTT, R., ἐπι, in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), p. 899, 'III. Con l'acc. Della persona o della cosa per cui si giura, giurare per – col dat. ...'. Para uma visão de conjunto deste gesto no âmbito bíblico-teológico: SCHNEIDER, J., ὀμύνω in TDNT, vol. V, p. 177-185, espec. 184, que utilizaremos na seção exegética da unidade dos v. 5-7.

proposição independente (apódosis). Esta construção gramatical pode ser fruto da influência semita<sup>289</sup>.

A partícula ὅταν<sup>290</sup> reforça o aspecto escatológico-apocalíptico já expressa na forma verbal de ἐτελέσθη, aoristo indicativo, passivo do verbo τελέω<sup>291</sup>.

3. τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφήτας.

A forma δούλους e προφήτας acusativo, plural, masc. de δούλος e προφήτης é inesperada, dada a regência do verbo εὐηγγέλισεν de quem são objetos. Trata-se, no entanto, segundo alguns estudiosos do ‘acusativo de relação’<sup>292</sup>.

Quando as variantes inserem a partícula και . depois de δούλους (atestadas em P<sup>47</sup>; P<sup>45</sup>, ⋈ , fam 1611) interpreta-se a partícula και . com função explicativa ou interpretativa, chamada comumente de και . *epexegetico*<sup>293</sup>.

### 3.4.3

#### v. 8-11

1. ἡ φωνὴ ἦν ἤκουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ.

ἡ φωνη – está no caso nominativo, trata-se de um *nominativo pendente*<sup>294</sup> ou *nominativo absoluto*. Por ser iniciada com pronome relativo (ἦν), esta sentença traz muitas dificuldades produzindo uma vasta variedade de lições textuais<sup>295</sup>.

<sup>289</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 557; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p.340-342; MOULTON, J. H., *A Grammar of New Testament*, 329-340; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p 141; AUNE, E. D., *Revelation 6-16*, p. 550-551; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*, p. 549.

<sup>290</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 557-556; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p.354-355; MOULTON, J. H., *A Grammar of New Testament*, 321.

<sup>291</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p.550-551 ‘There are three possible explanations: 1. the aor. Can be used in a future sense (Burton, syntax, § 50, speaks of a ‘proleptic’ use of the aor.; 2. the aor. can be like the Heb. Prophetic pf.. Which presented fut. events as though they had already occurred; 3. the phrase καὶ ἐτελέσθη ‘and it was completed’, could reflect the Heb. Waw consecutive, which provides a fut. meaning when with a pf. Tense ’; CHARLES, R.H., *Revelation*, Vol. 1, p 265 “...as the aor. of anticipation”; BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p. 411- 420; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, 254-256.

<sup>292</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p.218-232; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p.168-175; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 321; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p.66-74; AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 551.

<sup>293</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 533-534; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p.354-355; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 321; ZERWICK, M., *Biblical Greek* p 152-155; AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p 551; CHARLES, R. H., *Revelation*, Vol. 1, p 266 «His servants the prophets» is a well-know O.T expression (Zc 1,6; Jr 7,29). But in our text we may take it that the phrase refers to the Christian prophets, the contemporaries of the Seer”.



## 2. λαλοῦσαν.

λαλοῦσαν, participio presente, feminino, acusativo do verbo λαλεῖν que modifica o pronome relativo ἧν (que precede ἡ φωνη) parece ser um exemplo do ‘aramaísmo’ ou do hebraico da *Mishna*<sup>296</sup>

## 3. δεῖ

Esta construção reforça a idéia do Mandato Divino, que faz da ação profética, convocada por Deus, um ato necessário e obrigatório. Por isso, é ‘termus technicus’ para exprimir a coincidência entre a ação profética a Vontade salvífica de Deus: ‘the term δεῖ, one must, it necessary, is used in literary accounts of divine commissions, and is perhaps related to the theme of Divine compulsion to proclaim the message of God sometimes expressed by prophets or attributed to them.’<sup>297</sup>

## 4. πάλιν προφητεῦσαι ἐπὶ λαοῖς

O advérbio πάλιν<sup>298</sup> com uma significação geral de repetição ou retrocesso, está relacionado tanto ao tempo quanto ao lugar. Para D. Aune, neste contexto, o advérbio pode significar também um aspecto de restauração ou renovação: ‘suggest that this is a renewal of an mission that has already begun’<sup>299</sup>.

<sup>294</sup>ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 25-27.

<sup>295</sup>BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 214-216; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 230-221; AUNE, D. E., *Revelation*, 6-16, p. 551 “it is left dangling with no syntactical relationship to the clauses that follow”.

<sup>296</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 551 “use of a ptcp. following a finite verb and functioning itself as a finite verb...In aram. the ptcp. was widely used to indicate action simultaneous with that of the main verb, with the result that such present ptcp. should be translated as past tenses”. Desde que ele esteja sendo compreendido na simultaneidade com o verbo aoristo ἤκουσα; BEALE, G.K. *The Book of Revelation*, p. 549; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 402.

<sup>297</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 573; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, p. 139, 148, 291; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 402; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*, p. 553. Sobre a totalidade de significado do termo: GRUNDMANN, W., δεῖ in TDNT II, Michigan, Eerdmans, 1991<sup>2</sup>, 21-25.

<sup>298</sup>ZORELL, F., πάλιν, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 976-977: ‘adv., 1) retro, retrorsum, rursus, 2) iterum, denuo, sive idem ab eodem denuo fit, sive utcumque idem vel paene idem eventus iteratur...; 3) rursus, porro, in annectentis inter se rebus ejusdem generis, ut locis; 4) rursus, vicissim, ex altera parte.’; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., ἐπι, in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), πάλιν, p. 944: ‘adv., I. di luogo: indietro, all’indietro; II. di tempo: di nuovo, um’altra volta; III. Di nuovo, a propria volta.’

<sup>299</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 573; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p 143, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p. 175; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 404; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*, p. 554.

A preposição ἐπι, no conjunto do livro do Apocalipse, tem sua regência empregada indistintamente, ora com genitivo, ora com acusativo, ora no dativo. (Ap 19,12; 12,1; 4,4). Esta preposição ἐπι com dativo possui entre outras significações aquela de contrariedade, animosidade contra alguém. Este significado não ocorre com a regência do acusativo, nem com o genitivo. Quando a preposição tem o significado ‘sobre’, ele sempre rege o caso genitivo<sup>300</sup>.

### 3.5

#### A Exegese de Ap 10,1-11<sup>301</sup>

Segundo U. Vanni existem duas fases para a exegese e a interpretação teológica do texto sacro: uma pré-literária e uma pós-literária<sup>302</sup>. É evidente que não existe exegese bíblica sem metodologia literária ou fase pré-literária, pois

<sup>300</sup>LAMPE, G.W.H., ἐπι, in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>o</sup>, p. 516-517; ZORELL, F., ἐπι, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 472-478; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., ἐπι, in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), ἐπι, p. 464-466; BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 302-306; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 41-43; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, 232-239; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, vol. III, p. 13-16; AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p. 548.

<sup>301</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, London, Macmillan and CO.,1907<sup>2</sup>; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, Paris, Gabalda, 1933, VANHOYE, A., *L'utilisation du livre d'Ézéchiél dans l'Apocalypse*, in **Bib** 43 (1962) p. 436-472; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, Genève, Labor et Fides, 1966, CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, Edinburg, T&T Clark, 1971<sup>2</sup>; FORD, M.J., *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary*, Col. Anchor Bible 38, New York, Doubleday, 1975; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, Col. Tyndale New Testament Commentaries, Grand Rapids, Eerdmans, 1977; BAAR, H.J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*, Roma, PIB, 1983; BEALE, G.K., *The Use of the Daniel in jewish apocalyptic literature and in the Revelation of John*, Lanham, University Press of America, 1984; KRODEL, G.A., *Revelation*, Col Augsburg Commentary on the New Testament, Minneapolis, Augsburg, 1988; RUIZ, J.-P., *Ezekiel in the Apocalypse the transformation of prophetic language in Revelation 16,17-19,10*, Frankfurt, Peter Lang, 1989; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, Sacra Pagina 16, Minnesota, M. Glazier Book, 1993; AUNE, D.E., *Revelation 1-5*, WBC 51B, Nashville, Thomas Nelson, 1998; BEALE,G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, NIGTC, Eerdmans, Cambridge, 1999, HOLWERDA, D., *The Church and the Little, Scroll* (Revelation 10,11); CTJ 34 (1999), p. 148-161; MOYISE, S., *The Language of the Old Testament in the Apocalypse*, JSNT 76 (1999), 97-113; KORNER, R.J., "And I saw..." *An apocalyptic literary convention for structural identification in the Apocalypse*, **NovT** 42 (2000), p. 160-162; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, Genève, Labor et Fides, 2000; OSBORNE, G. R., *Revelation*, Grand Rapids, Baker Academic, 2002; VANNI, U., *Tempo ed eternità nell'Apocalisse: traccia per una riflessione teologico-biblica*, in CSALEGNO, A., *Tempo ed Eternità I Dialogo con Ugo Vanni sj*, Milano, Pauline, 2002, p. 25-71; HALL, M.S., *The Hook interlocking structure of Revelation: The most important verse in the Book and how they may unify its structure*, **NovT** 44/3 (2002), p. 279-296; MARINO, M., *Custodire la Parola. Il verbo THPEIN nell'Apocalisse alla luce della tradizione*, Bologna, EDB, 2003.

<sup>302</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 1-6; EGGER, W., *Metodologia do Novo Testamento*, p. 9-42; SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 11-15; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 11-27.

cabe a ela nos permitir entrar em contato com a forma, a língua, o contexto ou tradição no qual e para este texto foi produzido.

Por isso, nesta etapa, ainda no contexto pré-literário, visamos realizar a análise compreensiva dos termos mais relevantes para responder à pergunta do leitor de Ap 10,1-11: O que o texto quer dizer com estas palavras? Através da análise destes termos posso chegar à ‘*mens auctoris*’? Qual é a mensagem da unidade 10,1-11?

Da análise literária obtivemos não só a delimitação externa da unidade 10,1-11, como também destacamos as suas inter-relações internas compostas por três subunidades: v.1-4; 5-7; 8-11. Por isso, a exegese que agora exporemos seguirá esta tríplice divisão, já estabelecida como válida para a interpretação do conjunto da unidade.

### 3.5.1

#### Exegese da Iª unidade Literária (10,1-4)

‘Καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον ἰσχυρὸν καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ περιβεβλημένον νεφέλῃν, καὶ ἡ ἴρις ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς στῦλοι πυρός, <sup>2</sup> καὶ ἔχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον. καὶ ἔθηκεν τὸν πόδα αὐτοῦ τὸν δεξιὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης, τὸν δὲ εὐώνυμον ἐπὶ τῆς γῆς, <sup>3</sup> καὶ ἔκραζεν φωνῇ μεγάλη ὥσπερ λέων μυκᾶται. καὶ ὅτε ἔκραζεν, ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταὶ τὰς ἑαυτῶν φωνάς. <sup>4</sup> καὶ ὅτε ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταί, ἤμελλον γράφειν, καὶ ἤκουσα φωνὴν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λέγουσαν, Σφράγισον ἃ ἐλάλησαν αἱ ἑπτὰ βρονταί, καὶ μὴ αὐτὰ γράψῃς.’

#### 1. Καὶ εἶδον

Esta expressão é ‘*terminus technicus*’ que indica a presença de uma experiência no âmbito da tradição profética<sup>303</sup>. É importante não apenas no

<sup>303</sup>KORNER, R.J., “And I saw...” *An apocalyptic literary convention for structural identification in the Apocalypse*, *NovT* 42 (2000), p. 160-162; MICHAELIS, *οραω*, in KITTEL, G. (ed), *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. V, Michigan, Eerdmans, 1967, p. 315-382.

desenvolvimento do contexto do Apocalipse<sup>304</sup>, mas precioso ao ambiente do NT particularmente pela ocorrência em outros textos neotestamentários<sup>305</sup>.

Esta expressão prepara o leitor para uma nova unidade, seja do ponto de vista do visionário, seja do ponto de vista da unidade anterior (8,2-9,21) da qual esperávamos a emersão do sétimo anjo, com sua trombeta. Em seguida à visão inicia-se a descrição detalhada de uma nova (ἄλλον) figura celeste.

## 2. ἄγγελον ισχυρόν

Essa expressão ἄγγελον ισχυρόν<sup>306</sup> indica uma aparição angelical, isto é, de origem celestial (καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ) descrito no Apocalipse outras vezes (Ap 5,2 e 18,21), além de 10, 1.

Na primeira citação, em Ap 5,2 ἄγγελον ισχυρόν, esta figura é adjetivada de modo a acentuar a autoridade de sua missão da parte de Deus<sup>307</sup>.

No contexto da abertura do livro do Apocalipse o anjo forte está vinculado diretamente à figura Cristo Escatológico<sup>308</sup>. Ele, ao contrário do anjo de 10,1, não tem um livro consigo, mas aponta em sua interrogação à existência de um livro totalmente fechado (κατεσφραγισμένον). Quem é digno de abrir o livro?

Na segunda citação, em Ap 18,21, sua ação se insere na seção das 7 ‘taças’ (16,2-16.17-22,5) neste contexto ocorre o anúncio da ‘queda’ de Babilônia Ἔπεσεν ἔπεσεν Βαβυλῶν e portanto, na consumação do tempo da ação diabólica no mundo. Nesta visão constata-se de imediato uma diferença em relação a 5,2 e 10,1, este potente anjo não possui um livro em suas mãos.

<sup>304</sup>DELEBECQUE, E., ‘Je vis’ dans l’Apocalypse, RevTh. 88/3 (1988), 461-466.

<sup>305</sup>O verbo aparece 449 vezes no N. T. (Mt 2,2; Mc 5,14; Ap 5,1; 8,1; 9,1.17; ) Cf. ALAND, V. N., *Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*, Berlin, Walter de Gruyter, 1987, esp. 1361-1371; BAILLY, A., *Dictionnaire grec français*, Paris, hachette, 1963<sup>26</sup>, p. 1395.

<sup>306</sup>NESTLE-ALAND, V., *Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*, esp 941 que registra a presença de 29 vezes; GRUNDMANN, ivscuroj, in KITTEL, G. (ed), *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. III, Θ K (Trad. Ing. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament Vierter Band, 1965), Michigan, Eerdmans, 1966, p. 397-402. O termo ivscuroj (LXX, dunato, j) equivale na literature vétero-testamentária a ἰσχυρὸς forte, aplicado em sentido teológico (cf. Is 49, 26; 60, 16) tem equivalência do eleito de Deus, do que provém de Deus (o forte ou Deus de Jacó: Sl. 131, 2.5: ὡς ὄμοσεν τῷ κυρίῳ ἠύξατο τῷ θεῷ Ἰακωβ).

<sup>307</sup>Há unanimidade sobre as relações entre 5,2 e 10,1. BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 530-532; AUNE, D.E., *Revelation*, p. 555; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 393.

<sup>308</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, p. 557: ‘This is an formal link between two text units that deal with scroll. Bauckham argues that the unique role of this angel and the majestic way in which he is described suggest that he should be identified with the centrally significant revelatory angel of Rev1:1; 22:16 because is it the scroll in Rev 10 ha contains the primary content of John’s prophetic revelation.’; Cf. BAUCKHAM, R., *The Conversion of the Nations in The climax of Prophecy: studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, Clark, 1993, p. 238-337, esp. 243-273.

A descrição do anjo pelo vidente de Patmos, em 10,1-3 pode ser qualificada por quatro elementos: 1. revestido por uma nuvem (*περιβεβλημένον νεφέλῃν*) 2. um arco-íris sobre a cabeça (*καὶ ἡ ἶρις ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ*), 3. o rosto brilhante (*καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος*), 4. os pés como colunas de fogo (*καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος*). O material tradicional desta descrição do anjo parece confirmar as relações do Apocalipse com a tradição apocalíptico-escatológica do AT<sup>309</sup>, mas também de alguns extratos do NT<sup>310</sup>.

Esse poderoso anjo tem sido interpretado como sendo o anjo Gabriel<sup>311</sup>, vinculando-o, outra vez, à imagem de Cristo. Embora esta aproximação seja interessante, não tem fundamentação, pois, no Apocalipse não existem quaisquer referências a Cristo associado ao anjo<sup>312</sup>.

Esta visão do anjo está cercada de tantos adjetivos celestes o que faz pensar à tradição do ‘Filho do Homem’. De fato, percebe-se na descrição do anjo da perícopie de Ap 10,1-11 a forte presença de elementos da tradição literária de Daniel<sup>313</sup>. Essa descrição do anjo relaciona-se com a imagem do ‘Filho do Homem’ em Ap 1,13-16 e, ao mesmo tempo, ao texto de Dn 10,5s<sup>314</sup>.

<sup>309</sup>MOYISE, S., *The Language of the Old Testament in the Apocalypse*, JSNT 76 (1999), 97-113. Trata-se de imagens oriundas do AT, no qual a presença de IHWH acompanhava o Povo de Deus, desde a libertação até a terra prometida. (Êx 13,21; 14,24) , Cf. OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.394: “Thus this angel signifies not only glory and power but also deliverance for God’s people. In short, this angel is not Christ but is the special herald of Christ and shares in his glory and his mission”; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 138-140, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.168-177; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary*, p. 169-171; SWETE, H. B., *The Apocalypse of ST John*,; p. 126-128; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 393-394; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p.520-555; AUNE, D. E., *Revelation*, p. 557-561.

<sup>310</sup> Esta presença da voz é marcante em vários textos neotestamentários, como por exemplo: a voz presente no batismo de Jesus (Mc 1,11; Mt 3,17), identificada como a voz de Deus; em Jo 12, 28 o evangelista faz menção a uma voz do céu respondendo à oração de Jesus; nos Atos dos Apóstolos escuta-se a voz do Espírito Santo na eleição de Barnabé e Saulo At 13,1-3, esp. v.3 (εἶπεν τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, Ἀφορίσατε δὴ μοι τὸν Βαρναβᾶν καὶ Σαῦλον εἰς τὸ ἔργον ὃ προσέκλημαι αὐτούς.). O texto do Apocalipse narra cinco vezes a presença dessa voz do céu (Ap 10,4; 11,12; 12,10; 14,13; 18,4).

<sup>311</sup>CHARLES, R.H., *Revelation*, p. 256-269, esp. p. 258. Para esse autor, é possível associar o anjo forte/poderoso ao anjo Gabriel, pois o adjetivo ἰσχυρός corresponde a גַּבְרִיֵּל e poderia ser o nome do anjo. Outro argumento favorável é a identificação com Dn 12,7 – levanta a sua mão para o céu e faz um juramento; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p.206-210, espec. p. 207;

<sup>312</sup>GUNSDRY, R.H., *Angelomorphic Christology in the Book of Revelation*, SBLSP, Atlanta, E. H. Lovering, 1994, p. 663-678: chama essa tentativa de “angelomorphic christology” e argumenta que isso ocorreu freqüentemente na igreja primitiva. Para outros, como Bauckham e D. Aune, conecta-se este anjo forte com a revelação principal de Ap 1,1 e 22,16, porque o livro porta o conteúdo da revelação em Ap 1,1.

<sup>313</sup>BAAR, H.J., *L’influence du livre de Daniel sur l’Apocalypse de Jean*, Roma, PIB, 1983. Sobre o contexto religioso e cultural, que de certa maneira relaciona tão distintas obras: Cf. GRELOT, P., *L’Espérance Juive à l’heure de Jésus*, Paris, Desclée, 1994, espec. p.36-45.

<sup>314</sup>BEALE, G.K., *The Use of the Daniel in jewish apocalyptic literature and in the Revelation of John*, Lanham, University Press of America, 1984. Dentro desse conjunto de textos paralelos,

### 3. βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον.

O termo *βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον* é, em linhas gerais, o centro das atenções da maioria dos comentadores<sup>315</sup>. Os termos *βιβλαρίδιον* e *βιβλαρίον* ambos diminutivos de *βίβλιος* e *βιβλίδιον* é o diminutivo de *βιβλίον*<sup>316</sup>. Há os que defendem a total diferença em relação ao Ap 5, D. Aune, entre outros, afirma a identidade entre os dois livros, uma vez que tomar uma postura radical seria cometer uma injustiça para com o texto de Ap 5,1s<sup>317</sup>. R. Bauckham apresenta uma síntese interessante. Ele acredita que, em Ap 6,1s; 8-9, descreve-se a relevância do julgamento sobre as nações do mundo, enquanto os dois interlúdios Ap 7,1-17 e Ap 10,1-11,13 enfatizam a perspectiva dos santos, especialmente devido a suas interpelações<sup>318</sup>.

Diferentemente da unidade do cap 5, em 10, 2 o diminutivo não possui importância até que chegamos à terceira unidade. Aqui vale afirmar que este livrinho, vindo do céu, fôra aberto pelo Cordeiro, no céu, e de lá, pela mão do anjo, permanece aberto. Da forma atestada deste particípio no perfeito (*ἠνεωγμένον*)<sup>319</sup> sabemos que este livrinho, com sua mensagem celeste, não pode

---

odem-se salientar algumas correspondências entre eles: as vestes são mencionadas nos três textos (Dn 10,5; Ap 1,13; 10,1); a menção à cabeça do anjo aparece somente no texto do Apocalipse (Ap 1,14; 10,1); o rosto vem citado no texto de Daniel e no Apocalipse (Dn 10,6; Ap 1,16; 10,1); as mãos aparecem no texto do Apocalipse e encontram-se ausentes em Daniel (Ap 1,17; 10,2); as pernas são descritas em dois textos (Dn 10,6; Ap 10,1); os pés relatados nos três textos (Dn 10,6; Ap 1,15; 10,2); a voz forte do anjo é refletida nos três textos (Dn 10,6; Ap 1,15; 10,3). BAAR, H. J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*, p. 141 “*Certains exégètes préfèrent penser à Dn 4,10, mais il n’y a que la version des LXX qui parle d’une ange puissant: ‘Et voici, un ange fut envoyé avec puissance – ἀγγελος απεσταλη εν ισχυι ου χιελ’ Le TM e Theodotion ont*”.

<sup>315</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 127; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 138; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.170; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 260; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 208; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 231-232; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, .115; AUNE, D. E., *Revelation* p. 558; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 253; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 394-396.

<sup>316</sup>SCHRENK, G., *Βίβλος, Βιβλίον*, p 619; AUNE, D., *Revelation*, p. 176; BERGMEIER, R., *Die Buchrolle und das Lamm (Apk 5 und 10)* ZNW 76(1985) p. 225-242; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, ‘*The Book*, p. 339-348.

<sup>317</sup>AUNE, D., *Revelation*, p. 558.

<sup>318</sup>BAUCKHAM, R., *The Climax of Prophecy*, p 257-259: “*Who says the little scroll means that God has turned from the limited judgment of the seals and trumpets to the suffering church (11,1-13) as his strategy to bring the nations to repentance*’. FEUILLET, A., *Les 144.000 Israélites marques d’un sceau*. NT 9, 1967, p. 191-224: *diz que o livro do Ap 5 é um aspecto judaico detalhando o plano de Deus para escolha de seu povo, e o ‘pequeno livro’ do Ap 10 é uma adaptação do aspecto cristão*.

<sup>319</sup>ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p.96: “*(...) it is not a past tense but a present one, indicating not the past action as such but the present <state of affairs> resulting (o grifo é nosso) from the past action.*”; MOULTON, J. H., *A Grammar of New Testament*, p.81-85, espec. p. 81: “*The aktionsart (o grifo é nosso) belonging properly to the tense is either fulfillment in the present of a process*

ser mais fechado por ninguém, e o que se lê ou escuta, se realizará. Ter sido aberto pelo cordeiro gera conseqüências no presente da vida da Igreja do Apocalipse. Na exegese da unidade v.8-11 teremos ainda ocasião de tecer mais comentários às questões semânticas implicadas no termo βιβλαρίδιον e seus equivalentes.

4. καὶ ἔκραξεν φωνῇ μεγάλῃ ὥσπερ λέων μυκάται.

Após ter fixado seus pés sobre o mar e sobre a terra, o anjo clama com voz forte: ἔκραξεν φωνῇ μεγάλῃ. Esta voz forte soa com intensidade e volume. Esse clamor do anjo ocorre outras vezes no livro (1,10; 5,2; 6,10; 7,10; 8,13; 12,10); com essas ocorrências, fica ainda mais clara a influência, união e o conhecimento da tradição do AT, confirmada pela força expressiva: ὥσπερ λέων μυκάται associado ao rugir de IHWH (Os 11,10; Am 3,8)<sup>320</sup>.

Concomitantemente, quando soa a voz, ocorre a libertação das vozes dos sete trovões. Nesse tópico há unanimidade entre os comentadores a respeito da influência do Sl 29, por causa do tema da Exaltação do Poder de IHWH sobre a Criação. Isso implica na possibilidade que a seqüência na qual ocorre esse termo:

---

*begun in the past or else contemplation of an event taken place in the past with as interval intervening (...)* e p. 84: ‘(...) a tense which expresses action begun in the past, but fulfilled in the present is the series resultative perfects’; BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p. 421-425, espec. p. 421: ‘Il perfetto riunisce in se, per così dire il presente e l’aoristo, esprimendo **la durata** (o grifo é nosso) **del’azione compiuta.**’ ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 257-259, espec. p. 257: ‘Le parfait grec ne se borne pas à exprimer l’achèvement d’un acte; il indique en outre la **persistance** (o grifo é nosso) de cet acte.’

<sup>320</sup>GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, 1988<sup>2</sup>, Grand Rapids, Baker Book House, מִקָּוִי qal, imperfeito do verbo רָעַע: ‘to roar pr. Used of lion, also used of men, from whom the violence of grief wrings forth cries’ ZORELL, F., *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, Paris, Lethielleux, 1961<sup>3</sup>, μυκάομαι, p.857: ‘2. rugio, rudo, de leone’. O termo λέων ocorre, no singular e no plural ao menos 80 vezes. Não é raro encontrar o comportamento Divino comparado ao rugir e agir do Leão, como em Os 11,10: מִקָּוִי. (Cf. LXX Os 11,10: ὡς λέων ἐρεύξεται) no vocabulário grego da LXX, ἐρεύξεται correspondente ao verbo μυκάται pres, indicativo médio de μυκάομαι, utilizado em Ap 10,3. Cf. STOLZ, F. λέων (Leone), in JENNI, E. e WESTERMANN, C., *DTAT*, vol.I, Torino, Marietti, 1978, p. 197-198; MICHAELIS, W., *Λέων*; TDNT, vol. IV, p. 251-253; SCHÖCKEL, A., et SICREZ DIAZ, J.L., *Oséias*, in *Profetas II*, p. 941: ‘Deus leão poderoso, dominador da História, lança rugido que atravessa as distâncias (Am 3,8). É chamada terrível e magnífica, mesmo fazendo tremor não afugenta, mas atraí...esta síntese paradoxal (fascinas et tremendum)’. SWETE, H.B., *The Apocalypse of St John*, p. 127; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 254-255; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.171; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 261; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p 208; espec. nota 13: ‘muka, omai is an onomatopoeitic word for he mooing of cattle.’; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 536; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, .115; AUNE, D. E., *Revelation*, p. 559; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 255; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 396.

βρονται – está diretamente ligada ao contexto da ação de Deus junto ao seu povo e diante daqueles que se negam ao arrependimento (4,5; 11,19; 14,2;// 6,1; 8,5)<sup>321</sup>.

5. Σφράγισον...καὶ μὴ αὐτὰ γράψῃς.

A ordem de sigilar Σφράγισον um aoristo, imperativo ativo do verbo Σφραγίζειν<sup>322</sup>, relacionada paralelamente à ordem de não escrever μὴ γράψῃς, aoristo subjuntivo, ativo do verbo γράφω, além da força incisiva da partícula negativa μὴ, formam uma subunidade literária que parece sugerir um abrupto rompimento na cadeia lógica do conjunto da narração profética do Livro do Apocalipse: O vidente é profeta das Palavras do Cristo e do Espírito da Profecia (19,10) às Igrejas e contra os seus inimigos (o valor da preposição ἐπι com no v.11<sup>323</sup>)

Neste Livro, de fato, desde Ap 1,11b.19<sup>324</sup> a atividade profética consiste na audição-visão e escrituração das ‘profecias’ de Jesus (1,10b-12b). O conjunto do Livro do Apocalipse depende deste mandato ‘divino’ de escrever e enviar às Igrejas.

Mesmo, o círculo das Sete Igrejas (2,1-3,22) tem sua auto-justificação eclesial no conjunto das Igrejas Apostólicas somente na medida em que estas Mensagens/Proclamações, enviadas por João, sejam ‘Palavras de profecia’, isto é, 1,9b: ‘...Πάτωρ διὰ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ’. E ele entende que deve registrar o acontecimento inaugural da visão<sup>325</sup>.

<sup>321</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*. p 559 “believes that the anaphoric article refers not just to Ps 29 but to the Apocalyptic tradition in which ‘seven thunders’ refers to the voice of God (at Sinai in Exodus 19,16); ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 139; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 261-262; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 255-256; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 532.

<sup>322</sup>FITZER, G., Σφράγισ χτλ, TWNT VII, 939-952, espec. p. 950.

<sup>323</sup>A questão já foi exposta na seção gramatical.

<sup>324</sup>Ap 1,11a: “Ὁ βλέπεις γράψον εἰς βιβλίον” e 1,19: “γράψον οὖν ἃ εἶδες” Cf. AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p.85-87: ‘The command to write (γράψον, an aorist imperative) occur twelve times in Revelation, once in each of the seven proclamations and five times more generally, very likely referring to the entire book...Perhaps the closest verbal parallel is LXX Isa 30:8...’; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p 200-205; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.83-85, o autor intitula esta seção ‘Commission to Write (1,10-11).’

<sup>325</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p 206-219; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 930-107: ‘Commission Expanded (1,17-20).’; AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p. 100-117. O autor considera o gesto de Cristo, ao tocar o Vidente caído por terra, como morto, entre outras coisas, como um ato de investidura. esp. p. 100: ‘v.17b καὶ ἔθηκεν τὴν δεξιὰν αὐτοῦ ἐπ’ ἐμέ λέγων. This can be construed as an act of investiture (see Dan 10:10.18) as well as act of comfort and assurance.’



Nesta mesma direção é justificável pensar que ocorra tanto para o leitor, o quanto foi para o Vidente, um sentimento traumático e frustrante, ao ouvir a ordem de sigilar, manter em segredo (Σφραγίσσον) a mensagem ouvida, que ele estava para começar a escrever (ἤμελλον γράφειν). Pois não seria o conjunto da Mensagem do apocalipse de Jesus Cristo (Ap 1,1) a famosa resposta à ‘angustiante’ pergunta do Anjo do Cap.5,2b?: ‘Τίς ἄξιος ἀνοίξει τὸ βιβλίον καὶ λῦσαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ;’?

Os dois aoristos que organizam o 5,2b, ἀνοίξει<sup>326</sup> e λῦσαι não seriam eles, como paralelos, as chaves de leitura da relação entre Cristo, Cordeiro Escatológico e a liberação (Anúncio) do Mistério (10,7: Deus), isto é, toda a Narração (livro) que se desenvolve até o Cap. 22,6?

No entanto, nesta visão (10,4) algo muito diverso está ocorrendo. O Profeta e vidente recebe uma ordem, abrupta: ‘*Sigila o que dizem as vozes!*’

O v.4b, iniciado por uma conjunção καὶ além da partícula negativa μὴ parecem propor um paralelismo intensivo entre estas duas sentenças<sup>327</sup>. De maneira que o significado imperativo, reforçado pela partícula negativa (μὴ γράψης), exigiria que a o valor semântico conjunção καὶ seja interpretado como uma explicação, um esclarecimento, como pensam alguns autores, em relação à unidade 5,1-2 ?<sup>328</sup>

E assim, 4b torna plenamente explícita a significação da ordem do v.4a, a parte anterior: ‘*Não reveles o que ouvistes das vozes, e (isto é), de modo algum elas sejam escritas!*’

<sup>326</sup>LAMPE, G.W.H., ἀνοίγω, in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>9</sup>, p. 147: *open*. No uso clássico e helenista este verbo tem duas formas (ἀνοίγνυμι) e ao menos dois sentidos: literal (uma porta) e conotativo (o coração). Mais rica ainda, para a literatura bíblica ZORELL, F., ἀνοίγω, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 120-121; LIDDELL, H.G. e SCOTT, R., ἀνοίγω in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), ἀνοίγῶ, p. 106-107.

<sup>327</sup>CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 262 “The non-writing is equivalent to sealing. Σφραγίζειν . Is a technical apocalyptic term and thus Σφραγίζειν and μὴ γράψης. are practically synonymous”.

<sup>328</sup>AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p. 322: “Since term ἀνοίξει is a technical term for breaking the seal of an papyrus roll (Xenophon Resp. lacedaem. 6,4. Buchrolle, 86 n.2), the two phrases **Revelation 5:2** ἀνοίξει τὸ βιβλίον and λῦσαι τὰς σφραγίδας are virtually synonymous, indicating that the καὶ That connects them is **epexegetical or explanatory** (o grifo é nosso), and should therefore be translated “by” or “that is”. No seu comentário, Beale estabelece um contato entre as unidades 5, 2, e 10, 4: BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, 337-348, espec. p. 338: “(Rev. 4:9-11; note the clearer allusions to the Daniel 4 angel in Rev. 10:1.3-4, in a chapter which has numerous other parallels with the vision in Revelation 4-5)”.

G.R. Osborne com muitos outros autores, propõe alguns elementos de superação deste impasse do v.4: *‘Two factors lead to at least a possible solution to this enigmatic passage. First, the seven thunders do not refer to a specific number of judgments but stem from the Ps 29 allusion. Thus their message refers to general judgment rather than specific judgment. Second, the key term, σφράγισσον, might well contain a double meaning. On the surface, there is an echo of Dn 12, 4, where Daniel is told to ‘close up and seal the words of the scroll until the time of the end’. In this sense, God has determined the time when the church will know the contents, and they must wait his will.’*<sup>329</sup>.

A ordem de manter em segredo a mensagem do v.4a encontra paralelos em três textos de Daniel (Dn 8,26; 12, 4.9). O mais provável é que o autor dependa de Dn 12, pois nessa perícopa o mesmo verbo usado pelo autor do Apocalipse - O verbo é empregado no sentido figurado e significa ‘não comunicar’, no contexto, é explícito ‘não escrever’.

Em Dn 12, 4, o verbo assume o seu sentido próprio: ‘fechar o livro com os lacres’, a fim de que não se possa tomar conhecimento antecipado do seu conteúdo<sup>330</sup>.

Assim termina a unidade 10,1-4. E, com este impasse, passaremos à exegese da segunda parte da tríplice estrutura de 10,1-11, com os vv.5-7, na expectativa de solucionar a intrincada questão da proibição de agir como o fizera até então.

<sup>329</sup>OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 397, *‘Dois fatores induzem a conduzir a uma possível solução desta enigmática passagem. Primeiro, os sete trovões não fazem referência à um específico número de julgamentos, mas provêm de alusão ao Sl 29. Por isso, sua mensagem refere-se a um julgamento universal, muito mais que um julgamento específico. Segundo, o termo-chave, σφράγισσον pode muito bem conter um duplo significado. Sobre a superfície, existe uma repetição de Dn 12,4, na qual é dito a Daniel para ‘lacrar as palavras do livro até o tempo final’. Neste sentido, Deus já determinou o tempo no qual a igreja saberá o conteúdo, mas agora ela deverá esperar!’*; AUNE, E.D., *Revelation* 6-16, p. 562-563; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 209-210; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 255-256; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 117.

<sup>330</sup>BAAR, H.J., *L’influence du livre de Daniel sur l’Apocalypse de Jean*, espec. p. 137-139; SCHÖCKEL, A. et SICREZ DIAZ, J.L., *Daniel, Profetas II*, p. 1317-1321. O texto de Dn 8,26 pode também ser compreendido no sentido de lacrar, o sentido próprio, no entanto, não está a princípio presente na passagem. Já o texto de Dn 12,9, que assume o sentido figurado, tem maior probabilidade devido a seu contexto, por um período (tempo), dois períodos, por meio período.

### 3.5.2

#### Exegese da IIª unidade Literária (10, 5-7)

<sup>5</sup> Καὶ ὁ ἄγγελος, ὃν εἶδον ἐστῶτα ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς, ἦρεν τὴν χεῖρα αὐτοῦ τὴν δεξιὰν εἰς τὸν οὐρανὸν <sup>6</sup> καὶ ὤμοσεν ἐν τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων, ὃς ἔκτισεν τὸν οὐρανὸν καὶ τὰ ἐν αὐτῷ καὶ τὴν γῆν καὶ τὰ ἐν αὐτῇ καὶ τὴν θάλασσαν καὶ τὰ ἐν αὐτῇ, ὅτι χρόνος οὐκέτι ἔσται, <sup>7</sup> ἀλλ' ἐν ταῖς ἡμέραις τῆς φωνῆς τοῦ ἑβδόμου ἀγγέλου, ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν, καὶ ἐτελέσθῃ τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ, ὡς εὐηγγέλισεν τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφήτας.

#### 1. καὶ ὤμοσεν

O v. 5 ao descrever novamente o anjo, parece retomar a unidade anterior terminada em impasse. Ou talvez seja uma inserção no texto. Entretanto, o v. 6a parece acrescentar uma nova ação do anjo ὤμοσεν<sup>331</sup>. Ele presta um juramento solene, erguendo sua destra na direção do céu.

Um gesto comum na tradição AT que assume diversas conotações: o povo ergue a mão para rezar (Sl 28,2; 63,5; 134,2); para abençoar (Lv 9,22); e, em Ez 20,6, o próprio Deus ergue a mão para libertar. Porém, esse gesto é restrito quando se trata de um juramento (Dt 32,40). Para Aune, “*a mão erguida não quer dizer somente um juramento, mas também significa uma ativa intervenção de Deus (Sl 10,12; Is 49,22)*”<sup>332</sup>.

Em alguns textos do AT, a expressão ‘*céu e da terra*’ (τὸν οὐρανὸν καὶ τὰ ἐν αὐτῷ καὶ τὴν γῆν) assume a perspectiva de testemunha em favor de seu Criador contra Israel (Dt 4,26; 30,19; 31,28)<sup>333</sup>. Porém o verbo ἔκτισεν, aoristo de

<sup>331</sup>SCHNEIDER, J., ὄμνύω in TDNT, vol. V, p. 177-185, espec. 184; SWETE, H.B., *The Apocalypse of St John*, p. 129; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 262-263; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 210; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 537-538; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p.117; AUNE, D.E., *Revelation* p. 565-567; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 256; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 398-399.

<sup>332</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p. 564.

<sup>333</sup>AUNE, E.D., Op. cit., p. 565 “*Two elaborate divine epithets form the sanction for the oath that follows. The first refers to God as ‘the one who lives for ever and ever’, an epithet found elsewhere in Revelation in 4,9-10;5,14; 7,2; 10,6; 15,7. the substantively participle τῷ ζῶντι ‘the One who lives’, here is a circumlocution used to avoid the direct mention of the name of God, though his identity is, of course, not left in doubt but defined in the second epithet as the creator of heaven, earth, and sea. The second epithet reflects the ancient Israelite and Near Eastern conception of a*

κτίζω indica também a grandeza e a universalidade do nome sobre o qual se jura. Em nome do Criador de todas as coisas<sup>334</sup>.

Segundo Aune, trata-se da re-utilização de uma antiga fórmula oriunda do contexto litúrgico cananeu, dado o contexto comum a Israel<sup>335</sup>.

O juramento do anjo no v.6 parece, no entanto fazer alusão a Dn 12,7<sup>336</sup>.

Segundo o texto de Daniel, o anjo eleva as duas mãos e jura por aquele que vive eternamente *εἰς τὸν αἰῶνα*<sup>337</sup>

O uso significativo da visão do anjo possibilita direcionar a atenção ao texto de Dn 10-12, em especial, sobre o juramento do Filho do Homem presente em Daniel. O juramento está conectado ao período de perseguição – Antioco IV. O homem faz um juramento envolvendo a brevidade do tempo. Dessa forma, o juramento do homem é ligado à conclusão das revelações do livro de Daniel.

No texto do Ap 10, o juramento do anjo está inserido na comunicação realizada por meio da visão. O anjo quer não apenas revelar, mas também responder à interpelação dos cristãos perseguidos (Ap 7,1s). O autor não repete ‘ipsus litteris’ o texto de Daniel, mas modifica-o.

O autor do Apocalipse poderia estar pensando em duas direções: por uma parte, a história da salvação alcançou o seu fim; mas, por outra parte, o fim pode ainda estar longe de acontecer. Esse ponto de vista está em conformidade com a escatologia do livro, pois, entre a queda da besta e a vinda da nova Jerusalém, encontra-se o período dos mil anos. Emerge, contudo, a interrogação sobre o significado escatológico do juramento de v.6a, agora, precisado no v.6b.

---

*two-level cosmos consisting of (1) heaven and (2) the earth and sea. Third level, the underworld, mentioned elsewhere in revelation, is omitted”.*

<sup>334</sup>FOERSTER, W., κτίζω in TDNT, vol. III, p. 1000 -1035; SCHMIDT, W., *קָרָא*, *create*, in JENNI, E. e WESTERMANN, C., DTAT, p. 292-295. O verbo κτίζω (criar), associada à expressão ‘o céu e a terra’ tem uma correspondência literária no AT, com o verbo hebraico *קָרָא* (Gn 1,1) e sobretudo, na teologia profética de Isaias 65,17; 42,18. A LXX sempre traduz *קָרָא* por *κτίζειν*.

<sup>335</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p. 565.

<sup>336</sup>BAAR, H.J., *L’influence du livre de Daniel sur l’Apocalypse de Jean*, p 158 “*Le fait que cette répétition est superflue dans Apocalypse, est un indice que Jean veut imiter Daniel*”.

<sup>337</sup>A proposta aqui é verificar a dependência textual. Por questão de espaço, citamos apenas um exemplo, mesmo cientes das inúmeras dependências. É considerável a diferença entre Ap 10.5 e o texto da LXX. Em Ap 10,5 ἦρεν τὴν χεῖρα αὐτοῦ τὴν δεξιάν; A LXX ὕψωσε τὴν δεξιάν o contexto parece indicar que o autor do Apocalipse depende diretamente do TM. Cf. BAAR, H.J., *L’influence du livre de Daniel sur l’Apocalypse de Jean* p 158-161, “*Faut-il considérer ἦρεν comme sa traduction de קָרָא ? Notons cependant que, nas versões gregas ἦρεν τὴν χεῖρα, no sentido de ‘jurar’ é sempre a tradução de קָרָא אֲשֶׁר תָּבִיא tandis que ὕψωσε τὴν δεξιάν – no sentido de jurar é sempre traduzido por קָרָא אֲשֶׁר תָּבִיא*”.

## 2. ὅτι χρόνος οὐκέτι ἔσται

O v.6b, iniciada pela conjugação ὅτι<sup>338</sup> constitui-se como uma sentença subordinativa explicativa, isto é, este uso da conjunção ὅτι esta afirmação sobre a escadência do tempo, articula-se como objeto do verbo do juramento (ὤμοσεν)feito pelo anjo, após impedir o profeta de escrever o que ouvira (v. 4)<sup>339</sup>.

O substantivo χρόνος aqui, sem artigo, é um termo central na literatura mitológica grega, no Helenismo e no período clássico<sup>340</sup>. No que se refere à literatura apocalíptica Vetero-Testamentária, o conceito de ‘tempo’ não possui uma dimensão tão abstrata quanto na esfera lingüística e cultural greco-helenística. A palavra tempo תַּיִם<sup>341</sup> não tem testemunhos em hebraico, senão na literatura extra-bíblica, sendo utilizados comumente os termos ‘יָוֵם’ e עֵלְמָה para designar uma concepção mais ampla das significações de tempo<sup>342</sup>.

A estudiosa Maria de Lourdes Corrêa de Lima demonstra a importância de uma formulação bíblica correta de tempo, para a compreensão do contexto particular da profecia apocalíptica, do AT. Para ela, o conceito bíblico de tempo exprime seu sentido somente em relação a um acontecimento: *‘para mentalidade*

<sup>338</sup>A conjunção ὅτι tem ao menos dois usos, e uma grande variação de significados e funções, podendo ser, de acordo com o contexto, inclusive m pronome relativo. Mas em geral ela introduz uma setença subordinada explicativa ou causal. ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 143-146; BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, 557; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 353-354; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, 318.

<sup>339</sup>ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 143-146;

<sup>340</sup>LAMPE, G.W.H., χρόνος in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>9</sup>, p. 1543: ‘1. time; 2. occasion (=καιρός)’; LIDDELL, H.G. e SCOTT, R., χρόνος in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), p. 743.

<sup>341</sup>Cf. JENNI, E, תַּיִם (tempo) in JENNI, E. e WESTERMANN, C., DTAT, p. 333-345: ‘1. Il sost. ‘et <tempo> è testimoniato soltanto in ebr. nell’ambiente extra\_biblico 2) Nell’AT ‘et ricorre 290x; 3) Come risposta alla domanda <quando?> e per collocare così un avvenimento nel tempo...generalmente questo avviene com תַּיִם-4) Trattando del termine ‘et, che è una delle parole più importanti del campo semantico “tempo” , assieme a תַּיִם e עֵלְמָה...La cosiddetta “concezione ebraica del tempo” ...’

<sup>342</sup>GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, תַּיִם p. 341-343: ‘1. the day; 2) time, without any reference to days 3) The signification of time is limited to an certain space of time, namely a year.’; ZORELL, F., תַּיִם, *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 303-305: ‘1. dies=tempus solis lucentis; 2) dies civilis, ex die et nocte constans, dies qui determinantur, numerantur; 3) pl. תַּיִם = tempus (temporis spatium; tempus vitae; annus)’; SWETE, H. B., *The Apocalypse of ST John*, p. 127; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 254-255; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.171, CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 261; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 208; espec. nota 13: ‘muka, omai is an onomatopoeic word for he mooing of cattle.’; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text* , p. 536; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, .115; AUNE, D.E., *Revelation* p. 559; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 255; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 396.Dn 1,5.15 בַּיּוֹם. (LXX Dn 1,5.15 - ἔτος)

israelita, o tempo não é uma realidade abstrata, um dado teórico que serve de suporte para os fatos que aí se possam colocar, mas está sempre ligado a um acontecimento<sup>343</sup>

No conjunto dos escritos do NT, em parte, temos a conservação da mentalidade semita, porém, o contato com a língua e a cultura da Ásia Menor, tornou mais peculiar a noção neotestamentária de tempo<sup>344</sup>.

No que concerne ao Apocalipse de S. João<sup>345</sup>, podemos dizer que ele se coloca entre as tradições da escatologia profética do AT, as concepções apocalípticas dos ambientes de seitas essênias<sup>346</sup>. Neste sentido, percebe-se que não são poucas as ‘coincidências’ entre vários aspectos destas tradições, quando se examina o problema, através do fio condutor do apocalipticismo<sup>347</sup>.

Contudo o material do Apocalipse extrai sua originalidade, elaborando uma síntese baseada no Kérygma cristão da Ressurreição no âmbito da linguagem própria da tradição joanina<sup>348</sup>.

<sup>343</sup>LIMA, M.L.C., *Salvação entre Juízo e Conversão e Graça. A perspectiva Escatológica de Os 14,2-9*, Tesi Gregoriana 33 (1998), Roma, Editrice PUG, espec. 46-63; Idem, *O fenômeno Profético na Bíblia hebraica - Tipologia e sociologia dos assim chamados profetas “escritores”*, in *Atualidade Teológica* 10/24 (2006), 361-385; SCIBONA, R. *Temporalità ed Eternità in Os 1-3. Come la sabbia del Maré (k<sup>h</sup>ôl hayyaem = עֵפֶר לִמְדִינָה)*. *La metaforizzazione nek discordo di Dio*, in CASALEGNO, A., *Tempo ed Eternità. In Dialogo con Ugo Vanni sj*, Milano, Paoline, 2002, p. 89-128.

<sup>344</sup>DELLING, G., χρόνος in TDNT, vol. V, p. 581-593, espec. 592 “Rev. 10:6 does not mean that time itself comes to and end (...). All that is meant is that the judgment of God will not be delayed one longer”, PRIGENT, P., *Les temps et le Royaume* in LAMBRECHT, J. (Org), *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), Gembloux, Leuven, p. 231-245; MARUCCI, C., *Tempo ed Eternità nel Nuovo Testamento: Un tentativo di sintesi*, in CASALEGNO, A., *Tempo ed Eternità*, p. 141-163.

<sup>345</sup>VANNI, U. *Tempo ed Eternità nell’Apocalisse: Traccia per una riflessione teológico-biblica*, in CASALEGNO, A., *Tempo ed Eternità*, p. 25-71; PUTHUSSERRY, J., *Days of man and God’s Day*, Tesi Gregoriana 82 (2002), Roma, espec. ‘The Days of the Seventh Trumpet’, p. 157-167.

<sup>346</sup>AUNE, E.D., *Qumrân and the book of Revelation, Col. Dead Sea Scrolls*, Vol II, Leiden, E.J. Brill, 1999, p. 623-648; STEGEMANN, H., *Some aspects of eschatology in text from the Qumran community and in the teachings of Jesus*, In YADIN, Y., et Al., *Biblical archaeology today-proceeding of the international congress on biblical archaeology Jerusalem, april 1984*, COLLINS, J.J., *The expectation of the end in the Dead Sea Scrolls*, In FLINT, P.W., (ed.), *Eschatology, Messianism and The Dead Sea Scrolls*, Grand Rapids, Eerdmans, 1997, 74-90. ULFGARD, H., *L’Apocalypse entre judaïsme et christianisme*, **RHPR 79**, (1999), 31-50.

<sup>347</sup>AUNE, D.E., *Qumrân and the book of Revelation.*, p. 622: “The fact that little if any emphasis is given to the Revelation of John is somewhat surprising, particularly in view of the apparent relevance of the War Scroll (1QM), one of the earliest Qumran documents to be published. There are, of course, many references to the Dead Sea Scrolls in scholarly literature which illuminate or provide additional background for one or another point of interpretation in Revelation. Helpful as these may be, the possibility of discovering more substantive structural or thematic parallels which illuminate major features of the text is even more desirable”.

<sup>348</sup>As principais discussões sobre a influência da comunidade Qumrânica ao texto e contexto do NT se direciona à figura de João Batista e Jesus de Nazaré, bem como aos focos temáticos: escatologia, messianismo, interpretações bíblicas, ligados aos textos ou grupo de textos.

A partir desses dois fatos, tem-se a possibilidade de constatar que a soberania de Deus é a enfatizada na unidade, e, além disso, percebe-se que Deus tem o total controle da história, portanto não é necessário que sejam revelados todos os detalhes do julgamento final. Assim, evidencia-se que o mais importante já é conhecido: Deus está na condução do ‘fim do tempo’.

### 3. ἀλλ’ ἐν ταῖς ἡμέραις

A expressão ἐν ταῖς ἡμέραις tem o significado especial, pois faz referência explícita ao ‘Dia de YHWH’<sup>349</sup>. Com isso, mantém-se a vinculação com o AT., de modo particular, com a tradição Profético-escatológica, que apresenta uma diversidade de fonte que alimenta e sustenta essa unidade<sup>350</sup>. E ao mesmo tempo situa, neste ambiente, a ação profética cristã, como veremos no próximo Capítulo.

### 4. ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν.

A sentença introduzida pela conjunção temporal ὅταν indica que ação derradeira, aquela do sétimo anjo (11,15) ao soar a sétima trombeta antecipa a notícia que o fim está próximo e é certo. Isto é indicado pela forma do verbo μέλλω<sup>351</sup>, que possibilita enxergar que o acontecimento fundamental está tomando o seu lugar.

---

Entretanto, a relação do Apocalipse joanino com a comunidade de Qumrân é pouco examinada pelas pesquisas, embora alguns comentários tenham desenvolvido uma possível aproximação, em particular, sobre a descrição da nova Jerusalém, ou até mesmo, o rolo da guerra (IQM). Ap 1,5; 5,10 \4Q400; Ap 7,15; 11,19\4Q401; Ap 5,5\4Q252. Cf. SANTOS, P. P.A., *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*, **AtualT 4**, (1999), 9-49.

<sup>349</sup>VON RAD, G e DELLING, G., ἡμέρα, in TDNT, vol. II, p. 943-953; espec. p. 943-946. VANNI, U. *Tempo ed Eternità nell’Apocalisse*, p. 60, ‘Venendo all’Apocalissi, notiamo che ἡμέρα “giorno” costruisce un segmento del χρόνος “tempo”, inteso come la durata in movimento che ha per conenuto la storia della Salvezza e sbocca nel “secolo dei secoli”’; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 129; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 539-543; AUNE, D.E., *Revelation* p. 568; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 400.

<sup>350</sup>BEALE, G.K. *The Book of Revelation*, p. 539s chama a atenção para a perspectiva excepcional do v. 7. Primeiramente, retrata o alcance do tempo, pois esse não será longo. O tempo do julgamento não irá demorar, este é o significado mais preciso do juramento. Sem dúvida, o versículo em estudo sofreu influência da profecia de Dn 12,7. Com essa profecia na base de seu escrito, o autor desenvolve o desenrolar dos tempos, levando-os à consumação da história, ou seja, à plenitude dos tempos.

<sup>351</sup>BAUER, W., et alii. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literatura*, Chicago, University of Chicado, 1979<sup>2</sup>, p. 500:“Says that in colloquial Greek the future infinitive and participle ‘were gradually disappearing and being replaced by combinations with με , 11w ; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 264-265; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 210-211;

O verbo *σαλπίζειν*<sup>352</sup> refere-se obviamente à unidade 11, 15. Como já havíamos acenado no estudo da função literária, esta ‘pausa’, do cap. 10,1-11, ao interromper a seqüência das sete trombetas, ao mesmo tempo, enfatiza a importância da sua ‘definitividade’ (será o fim!). Mas, antes disso, o profeta deverá agir.

5. καὶ ἐτελέσθη τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ,

A ocorrência *καὶ ἐτελέσθη*<sup>353</sup> um aoristo passivo do verbo *τελέω*<sup>354</sup> neste contexto do anúncio da sétima trombeta indica que, de fato, o v.7 encerra-se a questão iniciada com o contraditória do v.4. A semântica deste aoristo, no entanto, nos diz respeito à simples narração de um acontecimento. Esta forma de aoristo, para Aune<sup>355</sup> e tantos outros, reflete, entre muitas possibilidades, aquela de uma antecipação, dado que o Mistério de Deus, ao som da sétima trombeta deverá realizar-se na história humana, sem sombra de dúvidas. A profecia de Dn 11,29 – 12,13 se realiza. E a história iniciará o seu fim; a plenitude dos tempos se completará na realização dos planos de Deus.

O termo *τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ*<sup>356</sup> ocorre quatro vezes no livro ( Ap 1,20; 10,7; 17,5.7). O conceito de *mistério* em 10,7 liga-se claramente a Ap 6,11<sup>357</sup>.

<sup>352</sup>FRIEDRICH, B., σάλπιγξ, ας σαλπίζω, σάλπιστής, in TDNT, vol. VII, Michigan, Eerdmanns, 1988<sup>2</sup>, 71-88; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 264; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 211-213; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 539-547; AUNE, D.E., *Revelation* p. 562; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 255; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 398-401

<sup>353</sup>WALLACE, D.B., *Greek Grammar beyond the Basics: an Exegetical Syntax of the New Testament*, Grand Rapids, Zondervan, 1996. *ἐτελέσθη* um exemplo de ‘proleptic aorist’, BLASS-DEBRUNNER., *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*, p. 407-418; ABEL, F.M., *Grammaire du Grec Biblique*, p. 86-93; ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 84; MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, p.68-73. BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 172; CHARLES, R.H., *Revelation*, Vol. 1, p. 262; BEALE, G.K. *The Book of Revelation*, p. 541; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 400.

<sup>354</sup>DELLING, G., *τελέω* in TDNT, vol.II, p. 49-87, esp. 59 “the wrath of God is ‘executed’ in them (15:1) and His secret plan ‘fulfilled’ (10:7).

<sup>355</sup>AUNE, E.D., *Revelation 6-16*, p. 550-551, espec. P. 501: ‘Here the context seems to require that the aor. pass. *ἐτελέσθη* be understood in a fut. Sense”.

<sup>356</sup>Sobre o termo *τὸ μυστήριον*: Cf. LAMPE, G.W.H., *μυστήριον*, in *A Patristic Greek Lexicon*, p. 891-893; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., *μυστήριον* in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano*, p. 848; BORNKAMM, G., *μυστήριον* TDNT IV, p. 802-828; SWETE, H.B., *The Apocalypse of St John*, p. 127; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 142; BRÜTSCH, CH., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.173, CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 265-266; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p 211-213; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 541-546; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, 116; AUNE, D.E., *Revelation* p. 559; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 255; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.400-401: “Due to the verbal force of ‘mystery’, a good case can be made for seeing *τοῦ θεοῦ* as a subjective genitive (as Beale 1999: 543 suggests), thus



Esse paralelo mostra que o conteúdo do mistério em Ap 10,7 está em sintonia com o decreto de Deus, pois o sofrimento dos santos está diretamente ligado ao julgamento de seus perseguidores, embora eles desconheçam o tempo, ou melhor, quando isso irá acontecer, sabendo que durará pouco tempo.

Segundo U. Vanni, *‘L’Apocalisse usa per designare tutto il progetto globale di Dio un termine che deriva da un uso già affermato nelle comunità cristiane – forse in particolare nella zona di Efeso perché frequente soprattutto nelle lettere agli Efesini – e si tratta di un termine noto: μυστήριον – mistério*<sup>358</sup>

Tudo indica que *‘τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ*’ está em consonância com o verbo *σαλπίζειν* (soar da sétima trombeta), que anuncia o cumprimento *τελέω*. Por oito vezes este termo aparece no Livro (Ap 11,7; 15,1.8.; 17,17; 20,3.5.7), freqüentemente se referindo à consumação da realização do mistério<sup>359</sup>.

Então, pode-se dizer que Ap 10, 6b-7 seria uma resposta ao clamor dos santos, especialmente para demonstrar quando e como ocorrerá o julgamento final? A resposta a essa interpelação leva a crer que sim, por seu elo com o texto de Daniel (Cf. Dn 12,7) e com o texto Dt 32,36 – 43, especificamente o v. 36. Verifica-se com isso que, nesses dois textos, Deus assegura que fará justiça ao seu povo e seus opressores serão julgados (Sl 119,30-31).

5. *ὡς εὐηγγέλισεν τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφῆτας.*

A expressão (*ὡς. εὐηγγέλισεν*<sup>360</sup> aoristo ativo de *εὐηγγέλιζομαι*. Segundo Aune,<sup>361</sup> tem um sentido neutro e portanto, depende do contexto literário. No v.7

---

*rendering the phrase ‘the mystery that God has revealed’. In the other instances the term referred to the meaning of particular details (Rm 11,25; I Cor 2,1)”*

<sup>357</sup>Ap 6,11 “καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἑκάστῳ στολή λευκή καὶ ἔρρέθη αὐτοῖς ἵνα ἀναπαύσονται ἔτι χρόνον μικρόν, ἕως πληρωθῶσιν καὶ οἱ σύνδουλοι αὐτῶν καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτῶν οἱ μέλλοντες ἀποκτείνεσθαι ὡς καὶ αὐτοί.”

<sup>358</sup>VANNI, U., *Tempo ed eternità nell’Apocalissi: traccia per una riflessione teologico-biblica*, p. 31-33.

<sup>359</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 537. Essa proposta encontra-se baseada no vínculo com a profecia de Daniel, em particular, quando expõe o contexto de último-dia. Assim, o texto em Ap é reutilizado fazendo referência à interpretação dada em Daniel (Dn 2,19.27-30).

<sup>360</sup>Sobre o verbo *εὐηγγέλιζομαι*: Cf. ZORELL, F., *εὐηγγέλιζομαι*, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 525-526: ‘ 1. laeta nuntio, bonnum nuntium do alci; 2. perumque ac fere instar termini technici de munere annuntiandi regni Dei edocendique homines de salute messiana, de fide in Christum redemptorem.’; LAMPE, G.W.H *εὐηγγέλιζομαι*, in *A Patristic Greek Lexicon*, p.555; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., *εὐηγγέλιζομαι* in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano*, p. 522; BORNKAMM, G., *εὐηγγέλιζομαι* TDNT IV, p. 802-828; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 127; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 142; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 266; MOUNCE, R.H., *The Book of*

o sujeito da ação é o próprio Deus, Ele fará saber a seus ‘servos’ o conteúdo da Mensagem (τὸ μυστήριον). Segundo Aune, provavelmente este uso do verbo dependa do ambiente palestino do cristianismo mais primitivo.

No texto de LXX Am 3,7, encontra-se presente uma formulação semelhante: διότι οὐ μὴ ποιήσῃ κύριος ὁ θεὸς πρᾶγμα ἔαν μὴ ἀποκαλύψῃ παιδείαν αὐτοῦ πρὸς τοὺς δούλους αὐτοῦ τοὺς προφήτας.<sup>362</sup>

Embora o texto do Ap esteja voltado para essa formulação, pode-se concluir que os profetas do NT. são inseridos nesta fórmula, tendo em vista que, em outras perícopes, os cristãos são chamados de profetas por sua fidelidade e testemunho (Ap 1,3;22,7.10.18-19; Cf. 11,6 e 19,10 onde ‘profecia’ é atribuída aos cristãos). O próprio autor compreende seu trabalho como sendo uma profecia; dessa forma, ele é também profeta do NT<sup>363</sup>.

No TM Am 3,7 encontra-se a forma verbal קָטַב<sup>364</sup>, na LXX, foi traduzido por ἀποκαλύπτω, no texto do Ap, o verbo é substituído por εὐηγγελίζεῖν provavelmente a ênfase escatológico-apocalíptica do v.7 estivesse sublinha que o

---

Revelation, p 213; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 546; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, .118; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 257; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 400-401.

<sup>361</sup>AUNE, D.E., *Revelation* p. 559: “In 10,7 εὐηγγέλιζει is a verbo f communication used in a semantically neutral sense; only the context indicates whether the message communicated is positive ou negative. Here God is the subject of the verb εὐηγγέλισει in Rev 10,;7; the use of εὐηγγέλιζειν in Rev. 10,7 reflects the usage of early Palestinian Jewish Christianity in which that which is proclaimed is the message of the coming of God to judge and to save”

<sup>362</sup>Vulg.: quia non faciet Dominus Deus verbum nisi revelaverit secretum suum ad servos suos prophetas’. Cf. AUNE, D., *Revelation* 6-16, p. 570: ‘is originally a deuteronomistic conception (...) that passed general usage (Am 3:7 possibly a ater interpolation, see the pro and con arguments in Andersen-Freedman, Amos, 391-92 ...)’ BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 546; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 401.

<sup>363</sup>OSBORNE, G.R., *Revelation*, p., p.400-401 “finally, the mighty angel tells us that the completion of this mystery was ‘announced to his slaves (Ap 11,18), the prophets. Here John turns to Amos 3,7, where in a judgment oracle Amos says, the sovereign Lord does nothing without revealing his plan ( in Hebraic sôd - secret counsel) to his servants the prophets; however, john replaces Amos’s ‘revealed’ with euangelisen , proclaimed, probably with its full NT flavor of announce the good news. This is both the culmination of all ‘gospel’ messages and the most important ‘good news’ ever given. God’s plan of salvation is about to be completed. The reference to god’s ‘slaves, the prophets, would certainly include both OT and NT Prophets. The OT prophets received God’s message regarding the final in breaking of the kingdom but did not understand when or how it was to take place; the NT prophets received the final revelation of that mystery and awaited the consummation.”

<sup>364</sup>ZORELL, F., קָטַב, *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*; fasc. 1-9, Roma, PIB, 1983, p. 547: ‘3. secretum, c.vb revelat Ds. prophetis Am 3,7.’; GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, p. 580, ‘ 4. a secret, whence ,to reveal a secret.’ Por isso, a LXX Am 3, 7: ‘mh. avpokaλυ,yh|’ (Vulg. non revelaverit secretum )

que fora segredo no passado, ‘agora’, em Cristo, Deus revelará aos seus servos, os profetas. Tema, aliás, que encontramos em S.Paulo<sup>365</sup>.

### 3.5.3

#### Exegese da IIIª unidade Literária (10,8-11)

<sup>8</sup>Καὶ ἡ φωνὴ ἣν ἤκουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ πάλιν λαλοῦσαν μετ’ ἐμοῦ καὶ λέγουσαν, Ὑπαγε λάβε τὸ βιβλίον τὸ ἠνεωγμένον ἐν τῇ χειρὶ τοῦ ἀγγέλου τοῦ ἐστῶτος ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς. <sup>9</sup> καὶ ἀπῆλθα πρὸς τὸν ἄγγελον λέγων αὐτῷ δοῦναί μοι τὸ βιβλαρίδιον. καὶ λέγει μοι, Λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό, καὶ πικρανεῖ σου τὴν κοιλίαν, ἀλλ’ ἐν τῷ στόματί σου ἔσται γλυκὺ ὡς μέλι. <sup>10</sup> καὶ ἔλαβον τὸ βιβλαρίδιον ἐκ τῆς χειρὸς τοῦ ἀγγέλου καὶ κατέφαγον αὐτό, καὶ ἦν ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκὺ καὶ ὅτε ἔφαγον αὐτό, ἐπικράνθη ἡ κοιλία μου. <sup>11</sup> καὶ λέγουσίν μοι, Δεῖ σε πάλιν προφητεῦσαι ἐπὶ λαοῖς καὶ ἔθνεσιν καὶ γλώσσαις καὶ βασιλεῦσιν πολλοῖς’.

## V. 9

### 1. Λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό

Depois da exegese dos temas da unidade 10, 5-7: o verbo ὤμοσεν (o Juramento do Anjo) e τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ (a questão da realização da revelação ‘escatológica’), parece que a unidade 10,1-4, é retomada, visto que, nela havíamos detectado uma tensão por causa da inesperada ordem de sigilar (σφράγισον) as palavras dos Sete trovões ou melhor, de modo algum escrevê-las! (μὴ αὐτὰ γράψῃς).

Com o estudo destes temas, de certa maneira, este ‘intrigo’ parece ter sido solucionado, permitindo assim que a unidade atual (v. 8-11) seja, dialeticamente, uma forma de conclusão da visão inicial. De fato, v. 8, em seu vocabulário retoma o tema do ‘livrinho aberto’ na destra do Anjo (τὸ βιβλίον τὸ ἠνεωγμένον), em Ap 10, 2.

Como já o demonstramos, os v.2 e 8, do ponto de vista da unidade literária do livro do Apocalipse estão relacionados com a unidade Ap 5,1-8. Naquela

<sup>365</sup>1 Cor 2,7: ἀλλὰ λαλοῦμεν θεοῦ σοφίαν ἐν μυστηρίῳ τὴν ἀποκεκρυμμένην, (o grifo é nosso!) ἣν προώρισεν ὁ θεὸς πρὸ τῶν αἰώνων εἰς δόξαν ἡμῶν, Cf. BARBAGLIO, G., *As Cartas de Paulo*, São Paulo, Loyola 4, 1989, 2,6-16, p.193-197.

unidade, trata-se da abertura do livro pelo Cordeiro e aqui, este mesmo livro, já aberto, volta agora às mãos do profeta, pelo ‘angelus interpretans’.

Na perspectiva da tradição profética a visão do v.8 parece apoiar-se também, sobre a tradição literária da profecia veterotestamentária. Na unidade anterior, ressaltamos a importância do profeta Daniel. Em 10, 8, o gesto de receber livro das mão do anjo (*Υπαγε λάβε τὸ βιβλίον τὸ ἠνεωγμένον ἐν τῇ χειρὶ τοῦ ἀγγέλου*) pode ser interpretado como forma de ‘investidura profética’<sup>366</sup>. Analogia que já fôra hipotetizada por alguns autores, em outro contexto, na unidade 5, 1-8, lá, também, como certo suporte na tradição do livro profético de Daniel<sup>367</sup>.

No entanto, no v. 9 que nos interessa exegeticamente, acrescenta-se a esta ordem de tomar o livro (*λάβε τὸ βιβλίον*), do v.8, um novo e enigmático gesto, com uma nova ação de comando: (*λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό*)<sup>368</sup>.

Não encontramos entre os comentadores desta cena entusiasmo e fluência de argumentação, ao contrário, admirou-me a exigüidade de trabalhos sobre um gesto tão característico da tradição profética, colocado no contexto da tradição cristã do Apocalipse<sup>369</sup>. Isto me proporcionou a ocasião de propor muitas

<sup>366</sup>FEUILLET, A., *Les 144.000 Israélites marques d'un sceau*. NT 9, 1967, p. 222 qualifica como uma ‘investidura profética’ construída na investidura profética de Ezequiel (Ez 3,1-3).

<sup>367</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 206-219; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p.930-107: ‘*Commission Expanded (1,17-20)*.’; AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p. 100-117. O autor considera o gesto de Cristo, ao tocar o Vidente caído por terra, como morto, entre outras coisas, como um **ato de investidura** espec., p. 100: ‘v.17b καὶ ἔθηκεν τὴν δεξιὰν αὐτοῦ ἐπ’ ἐμέ λέγων. This can be construed as an act of investiture (see Dan 10:10.18) as well as act of comfort and assurance.’

<sup>368</sup>Sobre a ação de aplicar o verbo *κατα-έσθίω* ao livro aberto: Cf. ZORELL, F., *κατα-έσθίω*, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 690: 1) ‘*commendo absumo, devoro (Cf. Ez 3,1), 2) sensu translato : absumo, consume.*’; LAMPE, G.W.H., *κατα-φέρω*, in *A Patristic Greek Lexicon*, p. 551; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., *έσθίω* in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano*, p. 516: ‘2. met. Divorare consumare’; BEHM, J., *έσθίω* in TDNT III, p. 689-695, espec. p.695: ‘5. In Rev.10:9 (Cf. Ez 2:8; 3:3; Jer 15; 14), the Divine in his vision is to eat a roll of a book. This is a dramatic representation of process of inspiration by which he is inwardly filled with revelation imparted to him, with the divine Word of prophecy which he is to proclaim.’; JENKS, A.W, *Eating and Trinking in the Old Testament*, in ABD, vol. II, p. 250-254; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 130-131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 143-144; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p.174-176; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 213-217; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 547-555; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 116-118; AUNE, D. E., *Revelation 6-16*, p. 570-575; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 257-259; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p.401-407.

<sup>369</sup>Até o momento em que concluímos esta Tese não ocorre nenhum artigo exegetico, que tenha se ocupado, em profundidade sobre a significação e a importância do v. 9, no conjunto da unidade 1-11, e mesmo no conjunto do livro do Apocalipse. Nesta direção a discussão, já levantada na Tese sobre a tendência ‘sincronizante’ na exegese neotestamentária contemporânea, encontra-se bem disposta em: PESCE, M., *I Limiti delle teorie dell’unità letteraria del Testo*, in FRANCO, E.,

hipóteses interpretativas: O gesto de ‘digerir’ o livro, na seqüência dos v.8-11, não teria relevância (para estes exegetas), porque a verdadeira questão se colocaria no desfecho do v. 11? Isto é, o autor estaria interessado em verter a atenção dos ouvintes e leitores<sup>370</sup>, sua Assembléia, mais para o ato de profetizar que para a sua experiência da Palavra (v.9: *λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό* significaria nutrir-se diretamente de Deus e de sua Palavra)?

Em outras palavras, o autor intende sublinhar de fato, a questão das conseqüências ou o efeito da ação profética expressão no gesto da deglutição do livro, sobre a comunidade-ouvinte, (A Assembléia litúrgica em sua atividade participativa<sup>371</sup>), ao invés de insistir sobre a significação que este gesto traria para a compreensão da ‘autoridade’ de seu ministério? Assim o acento ‘retórico’ da subunidade recairia sobre a ação profético-coletiva ou eclesial, expressa no v.11 e não no sobre a cena descrita no v.9?<sup>372</sup>

Enquanto não podemos afirmar apoditicamente algo sobre esta questão, resultante da surpreendente ausência de comentários ao v.9, em particular sobre a ordem de *tomar o livro e comê-lo*, torna-se indispensável retornar ao fundo tradicional desta cena, indicando uma possível relação literária com a tradição da ‘*investidura profética*’ veterotestamentária, baseada mais de perto na vocação de

---

*Mysterium Regni. Mysterium Verbi*, Bologna, EDB, 2001,89-107. Entre eles, chamo atenção para a argumentação de TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, **NovT** 47, (2005), 47-68, espec. p. 57: ‘*The seer did not have in mind a reading community let alone a scholarly one. What he had in mind were a community of ordinary people hearing his text, so that he would have envisaged an outline that could have been identified by such an audience, namely, the so-called οἱ ἀκούοντες of 1:3.*’

<sup>370</sup>Lembramos as questões literárias que vêm à tona, com o suporte das abordagens sincrônicas. Em particular na argumentação justificativa da busca de uma estruturação da obra como um fator de conciliação entre as exigências do autor e a sua forma atual. O método retórico tem encontrado muito interesse da parte de alguns comentadores do Apocalipse, com todos os perigos que, a utilização exclusiva desta metodologia pode causar à sua análise exegética.

<sup>371</sup>VANNI, U., *L’Assemblea Ecclesiale “Soggetto Interpretante” dell’Apocalisse*, in *L’Apocalisse. Ermeneutica, Egesi, Teologia*, Bologna, EDB, 1991<sup>2</sup>, p. 73-86, espec., p. 76-77: ‘*Dal “lettore” a Giovanni, dagli “uditori” al gruppo ecclesiale*’.

<sup>372</sup>Segundo a autora a denominação de *נְבִיאִים* (entendidos aqui, como *videntes e advinhadores*) para designar os profetas-escritores, ditos clássicos ocorre tardiamente pela modificação de seu sentido tradicional. Nesta ‘nova’ concepção do termo *נְבִיאִים* aplicada aos profetas escritores, a ênfase recai sobre a individualidade e a autoridade de seu ministério, muito mais do que sobre a sua pertença a uma forma de coletividade ou corporação profética (Mq 3,5: os profetas corporativos *נְבִיאִים*). Cf. LIMA, M.L.C., *O fenômeno Profético na Bíblia hebraica - Tipologia e sociologia dos assim chamados profetas “escritores”*, in *AtualT* 10/24 (2006), 361-385, espec. p. 383: ‘*O Profeta Clássico, na Bíblia hebraica, é o homem a quem Deus dirigiu sua Palavra e que por isso, tornou-se, seu porta voz fiel. Antes do profeta, portanto, existe a Palavra que o próprio Deus comunica a seu mensageiro. O profeta assimila (o grifo é nosso!) como sua e a transmite aos destinatários. O profeta, desse modo, é não somente o homem da palavra, mas o homem-palavra. Por isso, não precisa ser legitimado por uma corporação a que perencesse. É a vocação por Deus que lhe confere sua autoridade.*’

Ezequiel, especialmente Ez 3,1-3. Deste modo, a ação descrita na unidade Ez 2,8 – 3,3<sup>373</sup> representa uma oportunidade significativa para traçar um caminho interpretativo no contexto de Ap 10,9<sup>374</sup>. Muitos autores já o fizeram, estabelecendo as prováveis relações entre os dois Livros<sup>375</sup>

A unidade de Ez 2,8-3,3 tem elementos fundamentais com os quais podemos comparar o novo anúncio profético cristão do Apocalipse, em sua perspectiva de ‘profetizar’ do v. 11?

Das 64 perícopes do Novo Testamento que indicam, implícita ou explicitamente, uma referência ao texto do profeta Ezequiel, 44 se encontra no texto do Apocalipse joanino<sup>376</sup>.

Ao menos três textos podem ser considerados explícitos: **1.** Ap 1,15: καὶ ἡ φωνὴ αὐτοῦ ὡς φωνὴ ὑδάτων πολλῶν<sup>377</sup>. Este texto está em paralelo Ez 43,2; **2.**

<sup>373</sup>ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, Col. Hermeneia, (Trad. Ing. Ezechiel 1, 1969), Philadelphia, Fortress, 1979, esp. 81 – 141; BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, in WBC, vol. 28, Texas, Word Bokks, 1986, 16-36; ALLEN, L.C., *Ezekiel 1-19*, in WBC, vol. 28, Texas, Word Bokks, 1994, P. 40-45; GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, זכר ZORREL, F., *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p.43; GERLEMAN, G., זכר mangiare, in JENNI, E. e WESTERMANN, C., DTAT, p. 121-124. OTOSSON, M., זכר, in BOTTERWECK, G.J. e RINGGREN, H., GLAT, vol.I, p. 499-512; SCHÖCKEL, A., et SICREZ DIAZ, J.L., *Oséias*, in *Profetas II*, p.667-882, espec. p. 709; HOSSFELD, F.-L., *Il Libro di Ezechiele*, in ZENGER, E., (ed.), *Introduzione all’Antico Testamento*, Brescia, Queriniana, 2005, p. 741-766; ZIMMERLI, W., “Leben” und “Tode” im Buche des Propheten Ezechiel, in TZ 13/6, 1957, p. 494-508; Ibidem, *Le message du prophète Ezéchiel*, in Cahier Bibliques, 11, 1972, Paris, p. 3-25; SEIDEL, B., *Ezechiel und zu vermutenden Anfänge der Schriftreligion und Umkreis der unmittelbaren Vorexilszeit. Oder: Die Bitternis der Schriftrolle*, in ZAW 107, 1995, p. 51-64; BARTHÉLEMY, D., *Critique Textuelle de L’Ancient*, t. 3, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p.1-23; LUST, J., *Notes to the Septuagint Ezekiel 1-2*, in ETL, t. 75, 1999, p. 5-31.

<sup>374</sup>Sobre as unidades Ezequianas foi-nos muito útil: ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, Col. Hermeneia, (Trad. Ing. Ezechiel 1, 1969), Philadelphia, Fortress, 1979; ODELL, M. S., *You are what you eat: Ezekiel and the Scroll*, in **JBL 117** (1998), p. 229-248; RENZ, T., *The Rhetorical function of the Book of Ezekiel*, **VTSup 76** (1999), 134-135; PIKOR W., *La comunicazione profetica alla luce di Ez 2-3*, Roma, PUG, 2002, p. 94-118.

<sup>375</sup>RUIZ, J.-P., *Ezekiel in the Apocalypse the transformation of prophetic language in Revelation*, espec. ‘Framing the Facts: Study of Old Testament use in Revelation’, p. 1-171, espec. ‘The Opening of the Scroll’, p. 152-161.

<sup>376</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of St. John*, London, 1907, p. 139; LESTRINGANT, P., *Essai sur l’unité de la revelation Biblique*, Paris, 1942, p. 148-149; DITTMAR, W., *Vetus Testamentum in Novo*, Gottingen, 1903, p. 263-279. espec. p. 273. Este autor sinaliza para uma utilização bastante elevada. Segundo ele, o Apocalipse apresenta 150 perícopes usadas do AT.

<sup>377</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p 210; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 91: ‘Commission Expanded (1,17-20).’; AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p. 96-97. O autor considera o gesto de Cristo, ao tocar o Vidente caído por terra, como morto, entre outras coisas, como um **ato de investidura** espec., p. 100: ‘v.17b καὶ ἔθηκεν τὴν δεξιὰν αὐτοῦ ἐπ’ ἐμὲ λέγων. This can be construed as an act of investiture (see Dan 10:10.18) as well as act of comfort and assurance.’

Ap 10,10 “καὶ κατέφαγον αὐτό, καὶ ἦν ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκὺ.”<sup>378</sup>  
 Esta imagem do livrinho ingerido, com o sabor comparável à doçura do mel, faz referência explícita a Ez 3,3; **3**. Ap 18,1: ‘Μετὰ ταῦτα εἶδον ἄλλον ἄγγελον καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἔχοντα ἐξουσίαν μεγάλην, καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ’<sup>379</sup> encontra-se em Ez 43,2.

O autor do Apocalipse desenvolve, em duas etapas, o uso ezequiano da imagem sobre o ‘livro’. A primeira encontra-se na parte central do Apocalipse, no prelúdio das visões, em Ap 5,1(Καὶ εἶδον ἐπὶ τῇ δεξιᾷ τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου βιβλίον γεγραμμένον ἔσωθεν καὶ ὀπίσθεν κατεσφραγισμένον σφραγίσιν ἑπτὰ)<sup>380</sup>

Contudo, somente no capítulo 10, ele vai complementar essa maneira de compreender uma relação aproximativa entre os dois capítulos<sup>381</sup>. Outra dificuldade, não menos importante no momento de propor analogias entre este dois escritos, tão diversos consiste na pesquisa das fontes textuais das citações de Ezequiel no Apocalipse LXX?<sup>382</sup>

Os autores se dividem entre aqueles que pleiteiam a cotação quase integral da versão Alexandrina do AT, a LXX<sup>383</sup>, e os que, ao contrário, afirmam uma relação direta do Ap com o TM<sup>384</sup>.

De qualquer forma, estabelece-se uma relação que iremos tentar demonstrar através de algumas análises exegéticas do material de Ezequiel, provavelmente utilizado na perícopé de Ap 10,9-11.

<sup>378</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p 551-552; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.403; AUNE, E. D., *Revelation 1-6*, p. 572.

<sup>379</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 893; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 634-635: ‘Angel announces the fall of (18,1-3).’; AUNE, E.D., *Revelation 1-6*, p. 985.

<sup>380</sup>BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p 337; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 247; AUNE, E. D., *Revelation 1-5*, p. 338.

<sup>381</sup>VANHOYE, A., Op. cit., p. 440 “L’épisode du livre à avaler, Ez 2,8s. est utilisé à deux reprises: d’abord pour une brève notation en Ap 5,1 puis plus complètement en Ap 10,1-4. 8-11”.

<sup>382</sup>BARTHÉLEMY, D., *Critique Textuelle de L’Ancient*, t. 3, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p.1-23; LUST, J., *Notes to the Septuagint Ezekiel 1-2*, in ETL, t. 75, 1999, p. 5-31.

<sup>383</sup>SWETE, H. B., *The Apocalypse of St. John*, p. 154: ‘an inspection of the table further shews that the Apocalyptic generally availed himself of the Alexandrian version of the O.T the familiar phraseology of the LXX meets us everywhere...’

<sup>384</sup>CHARLES, R.H., *The Revelation of St. John*, p. 66: ‘John translated directly form the O.T. text. He did not quote from any Greek version, thought he was often influenced in his renderings by the LXX and another later Greek version, a revised form of the LXX, which was subsequently revised and incorporated by Theodosius in his version.’ Sobre o estado da questão: OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 1-47.

### O paralelismo entre Ap 10,8-11 e Ez 2,8-3,3

A seção de Ez 1,1 – 3,15 descreve, em particular, a experiência do profeta e sua íntima ligação com a divindade. Isso vem narrado em imagens de uma esplêndida visão vocacional. Além disso, o perfil profético é contextualizado na deglutição do livro, dentro da perspectiva da ‘investidura do profeta’; em vista de sua missão vinculada à casa de Israel<sup>385</sup>?

O discurso exortativo de IHWH é voltado a Ezequiel (2,8; 3,1.2a) junto com a narração do profeta (2,9; 3,2.3b)<sup>386</sup>. Esta perícopes em sua estrutura pode ser dividida em três partes: Ez 2,8-10; 3,1-2; 3,3<sup>387</sup>

Nesta ação de alimentar, a primeira parte está relacionada à ordem de ‘abrir a boca’, seguida da exortação de comer (v. 8c). Esta se repete duas vezes na segunda parte (Ez 3,1c). O uso dos imperativos da terceira parte, ao contrário, faz alusão ao momento final do nutrir-se, pois pede para saciar o estômago (Ez 3,3cd)<sup>388</sup>.

Através da introdução de um novo elemento visionário sublinhado no sintagma ‘**וְאָכַל**’ ‘e com a partícula com função de conjunção interjeitiva **וְ**’ (2,9), que interrompe o discurso original iniciado em Ez 2,3, e é desenvolvido através da visão do ‘rolo’, estão explícitos as relação entre a Palavra divina e a missão profética de Ezequiel. Como se explica a presença desta visão na narração da vocação? Quais as relações que se estabelecem entre as ‘lamentações, gemido e aflição’, escrito sobre o ‘rolo’, e a palavra que Ezequiel deve comunicar à casa de

<sup>385</sup>Para muitos autores, é preciso determinar na ordem de Deus dada a Ezequiel (Ez 3,1), onde estaria o acento principal: que ele coma (este) livro (אָכַל אֶת-הַמִּגִּלָּה הַזֹּאת) , ou que comunique suas determinações à Casa de Israel (וְדַבֵּר אֶל-בֵּית יִשְׂרָאֵל). Para ALLEN, *Ezekiel 1-19*, p. 40-41: ‘in the same breath interpreter **the symbolic act as a preparation** (o grifo é nosso!) for a prophetic ministry to God’s people.’, o mesmo pensa BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, p. 32, ‘This shows that the ingest scroll itself represents the divine empowerment to speak...his digest system means that Ezekiel himself becomes the embodiment of the word...Conceptually, we have a crude anticipation of the Word of God becoming flesh...’ ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, espec. 81-141. Cf. OTOSSON, M., אָכַל, in BOTTERWECK, G.J. e RINGGREN, H., GLAT, vol.I, p. 499-512; JENKS, A.W., *Eating and Trinking in the Old Testament*, in ABD, vol. II, p. 250-254; GERLEMAN, G., אָכַל *mangiare*, in JENNI, E. e WESTERMANN, C., DTAT, p. 121-124.

<sup>386</sup>PIKOR, W., *La comunicazione profetica alla luce di Ez 2-3*, Roma, PUG, 2002, p. 94 -118; ALLEN, *Ezekiel 1-19*, BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, p. ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, espec. 81-141.

<sup>387</sup>PIKOR W., *La comunicazione profetica alla luce di Ez 2-3*, p. 115.

<sup>388</sup>VOGELS, W., *La parole de Dieu comme nourrie*, Col. LD 112, Paris, Cerf, 1982, 33-50, esp. 39. Cf. ALLEN, *Ezekiel 1-19*, p. 40-41; BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, p. 32; ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, espec. p.135-137.



Israel? Porque Deus, ao contrário da comunicação oral, ‘faz comer o rolo’ o profeta? Essas interpelações orientarão o nosso comentário.

Sobre a origem dos motivos literários empregados por Ezequiel 2,8-3,3, existem opiniões controversas: Alguns autores, argumentam que, em paralelo com outros ambientes, parece que o motivo da ‘ingestão do rolo’ pelo profeta, seja a raiz da perícopa (Dt 18,18; Jr 1,9)<sup>389</sup>. Outros atribuem à tradição legal da mulher em adultério, que deve ingerir as águas amargas (Nm 5,11-31)<sup>390</sup>.

Outro problema diz respeito à identificação do ‘rolo’ em Ez. Alguns pesquisadores identificam-no com o livro da Lei encontrado no templo em 622 a. C (II Rs 22)<sup>391</sup>. Outros, acreditam que se refira ao livro escrito por Baruc, que foi ditado por Jeremias (Jr 36)<sup>392</sup>. O nosso interesse, contudo, se concentra sobre o modo que a narrativa de Ezequiel se serviu das imagens atestadas pelas diversas tradições para exprimir a sua mensagem própria.

Com os imperativos relatados no v.8, a perspectiva do discurso da vocação vem restrita ao momento mesmo do anunciado, sem, porém, perder de vista a missão profética de Ezequiel. As duas primeiras ordens ‘ouve’ e ‘não sejas rebeldes’ expõem a condição fundamental para a relação entre Deus e o homem.

No livro de Ezequiel, o convite a ‘escutar’ recebe uma formulação fixa: Dentre as 15 vezes em que ocorre verbo *שמע* no imperativo *qal*, nove vezes estão relacionada à ‘Palavra do Senhor’<sup>393</sup>.

<sup>389</sup>ZIMMERLI, W., *Ezekiel I. A commentary on the prophet Ezekiel. Chapter 1-24* Col. Hermeneia (Trad. Al. Ezechiel. 2. Teil, BK 13.2, Neukirchen – Vluyn, 1969), Philadelphia, Fortress, 1979, p. 137; ALLEN, L., *Ezekiel 1-19*, Col WBC 28, Texas, Word Books, 1994, p. 40.

<sup>390</sup>GREENBERG, M., Op. cit., p. 78 “*the context, the circumstances, and the reality of the scroll event make it signify the absolute subjection of the prophet to the will of God. The particular command to eat the scroll is preceded by general exhortations to behave in a way diametrically opposed to that of the people: to listen to God’s words; not to be rebellious.*” “*...what follows is something of an ordeal intended to try the prophet’s obedience, as is suggested by the graduated series of commands overriding the prophet’s hesitation about his capacity to perform the monstrous feat he has been commanded to carry out. How monstrous it is may be gauged by comparison with the imbibing of the curse-filled potion by the suspected adulteress (Nm 5) and the ingesting of magical formulas known from Greco-Egyptian magical papyri*”; ODELL, M. S., *You are what you eat: Ezekiel and the Scroll*, in **JBL** 117 (1998), 229-248.

<sup>391</sup>RENZ, T., *The Rhetorical function of the Book of Ezekiel*, **VTSup** 76 (1999), 134-135.

<sup>392</sup>ZIMMERLI, W., Op. cit., p., “*A careful analysis of Jer 36 shows that the author of the account of Jehoiakim’s burning of Jeremiah’s scroll describes not so much Jeremiah’s suffering as the rejection of God’s word given in a book. The scroll, which contains word of God, is in the very center of the account*”; GLAZOV, G. Y., *the brindling of the tongue and the Opening of the Mouth in biblical prophecy*, in **JSOT. S** 311 (2001), 231-233;. Outros tentam ligar o ‘rolo’ com as ‘tavolette babilonesi della sorte ‘tablet of destinies’ que trazem os eventos previstos para o ano seguinte. Cf. BLENKINSOPP, J., *Ezekiel*, Interpetation, Louisville, 1990, p. 24.

<sup>393</sup>Em Ez 16,3; 13,2; 18,25; 25,3; 34,7.9; 36,4; 37,4, encontramos o imperativo plural, masculino; em 21,3, o imperativo singular, masculino; em 16,35, o imperativo singular feminino.

O destinatário do convite é Ezequiel<sup>394</sup>. Não obstante a diversidade de opiniões sobre este argumento, alguns pontos são comuns. 1. A preposição relativa (אֲתָ) como complemento objeto direto do verbo ‘escutar’ em Ez 2,8; 40,4; 44,5 coloca a ênfase na mediação de tal comunicação: Por um lado, trata-se de transmitir o pronome pessoal ‘eu’, e, por outro, emprega a forma do participio, singular, masculino dos verbos ברר no Piel, em 2,8; 44,5, e ראה ao Hitpael<sup>395</sup>, em 40,4, que indicam o desenvolvimento imediato da comunicação entre dois interlocutores.

No versículo aqui analisado, a participação dos outros sentidos (olhos, coração) vem subentendida pelo imperativo ‘não sejas rebeldes’, dado que a rebelião nasce no coração do homem e encontra a sua expressão na sua face (Cf. Ez 2,3-4)<sup>396</sup>.

O segundo imperativo ‘não sejas rebeldes’ não parece ser um simples sinônimo do verbo precedente ‘escuta, ouve’. A análise da expressão ‘casa de rebeldes’ demonstra que o substantivo מרי exprime uma oposição ao ‘escutar’<sup>397</sup>. Tal exclusão não diz respeito ao momento da percepção, mas enfatiza, sobretudo, o lado efetivo da escuta, isto é, o momento de colocar em prática a Palavra<sup>398</sup>.

A palavra que Ezequiel deve escutar se apresenta como uma ordem do comer aquilo que Deus lhe oferece. A sintagma פִּי פְּצֵה ‘abrir a boca’, que pertence ao campo semântico de nutrir-se, graças a sua combinação com o verbo

<sup>394</sup>PIKOR, W., Op. cit., p. 105, nota 139 “*daí testi execheliani sopra indicati bisogna mettere a parte Ez 40,4 dove al profeta viene chiesto da un interprete della visione di ‘ascoltare quello che egli gli fa vedere’. A proposito della particolarità dell’invito rivolto ad Ezechiele si possono indicare ancora due passi in cui Dio personalmente chiede l’ascolto: in Gn 21,12 ad Abramo, però il complemento oggetto diretto sono le parole di Sara, e in Is 48,12 a ‘Giacobbe, Israele, mio chiamato’, però tale destinatario é da ritenersi collettivo*”.

<sup>395</sup>KAUTZSCH, E., et COWLEY, A.E., *Gesenius’Hebrew Grammar*, Oxford, Clarendon, 1985<sup>18</sup>, ‘*Verba Deriva, or Derived Conjugations*’, p. 137-153.

<sup>396</sup>DHORME, P., *L’emploi métaphorique des noms de parties du corps en hébreu et en akkadien*, Paris, 1923, p. 124-125; Cf. PIKOR, W., *La comunicazione profética alla luce di Ez 2-3*, p.106, nota 142: “*alle due osservazioni sopra riportate se ne associa un’altra, riguardante la totalità del messaggio che deve essere accolto dal profeta. Tale particolare viene espresso in 3,10; 40,4; 44,5, tramite il sostantivo מרי, il quale, però, non sembra essere necessario in 2,8, in cui il messaggio, al contrario dei tre passi citati, é ben precisato*”

<sup>397</sup>PIKOR, W., *La comunicazione profética alla luce di Ez 2-3*, p.87-88.

<sup>398</sup>A “escuta” deve transformar-se em obediência à palavra escutada, deve tornar-se um agir em conformidade com a mesma. Nesse contexto, a menção à ‘casa de rebeldia’, como complemento de comparação, fuge não somente por ilustração do comportamento solicitado, como também pela contradição entre Ezequiel e a casa de Israel, e quanto à assimilação nos confrontos com a palavra divina. Cf. GREENBERG, M., Op. cit., p. 78. *Falam de um ato de separação do profeta de seu ambiente, e traçam um paralelo Ez 2,8 a Is, 6,5-7, a idéia da separação do profeta do seu ouvinte é explicitada para a purificação dos lábios de Isaías.*

.O uso de uma locução típica para a comunicação verbal revela um significado paradoxal daquilo que está para acontecer. Antes de abrir a boca para falar à casa de Israel, Ezequiel deve abri-la para comer aquilo que Deus lhe oferece. Esta dúplice abertura parece definir o ‘status do profeta’.

Logo após à ordem de comer, Ezequiel observa ‘mão estendida’ יָד שְׁלֹחָהּ na sua direção (v.9a), e nessa havia um ‘rolo’ מְגִלַּת-סֵפֶר (v.9b).

O motivo da mão estendida aparece em outras narrações de vocações: Isaías (Is 6,6: מֵעַל הַמְּזִבְחִים: וַיִּנְדָּב אֱלֹהִים אֶת־יָדוֹ מִן־הַשָּׁרָפִים וַיִּנְדָּו רֵצְפָה בְּמַלְאָכָיו לֵקַח (מעל המזבחים: וינדב אלי אהר מן השרפים וינדו רצפה במלאכי לקח) ocorre a visão da mão (do anjo com brasas וַיִּנְדָּו); em Jeremias relata que IHWH estende a sua mão e toca a sua boca (Jr 1,9: וַיִּשְׁלַח יְהוָה יָדוֹ), como ação de ‘investidura profética’. No confronto desses textos, percebe-se que a narração ezequiana se aproxima da jeremiana: a presença da mão, não anteriormente especificada, permanece estática. Deus, que estende a mão em direção a Jeremias, revela a sua autoridade e o seu poder, que vêm transferidos ao profeta quando a mão de Deus toca a sua boca<sup>399</sup>. Na visão ezequiana, ao contrário, a mão não entra em contato imediato com a boca do profeta<sup>400</sup>.

A mão contém um ‘rolo’ מְגִלַּת-סֵפֶר<sup>401</sup> que vem percebido ao ser desenrolado. O rolo está escrito nos dois lados, ou seja, no direito e no verso, e este contém lamentações, gemido e aflição. O primeiro dado diz respeito à quantidade do texto contido no rolo. O sintagma וְאַחֲרָיו פָּנִים exprime constantemente ambos os lados de um objeto. A consequência dessa totalidade é

<sup>399</sup>DHORME, P., *L’emploi métaphorique des noms de parties du corps en hébreu et en akkadien*, p. 139-141. Na opinião de P. Humbert, *Étendre la main*, 388-389, segundo o sintagma יָד שְׁלַח representa um gesto banal e humano.

<sup>400</sup>ZIMMERLI, W., Op. cit., p. 135 “al contrario, non consideriamo l’omissione del nome di YHWH segno di riverenza per il mistero di Dio. Si tratta piuttosto di un espediente narrativo che fornisce solo delle informazioni pertinenti per l’azione Cf. SKA, J.S., *Our fathers have told Us. Introduction to the analysis of Hebrew narratives*, SubBib 13, Roma, 1990, p. 21.

<sup>401</sup>Este sintagma מְגִלַּת-סֵפֶר se encontra apenas em Jr 36,2; Ez 2,9; Sl 40,8. Parece que o termo סֵפֶר como ‘nomem rectum’ acrescenta qualquer informação sobre tal rolo, seja em Jeremias, seja em Ezequiel, ambos optaram, pois, pela determinação do mesmo objeto, a simples designação מְגִלָּה (Cf. Jr 36,6.14.20.21.23.25.27.28; Ez 3,1.2.3). Não há uma descrição precisa de que material é feito. Para M. Haran, segundo cui Baruc teria escrito sobre um papiro, supõe – sobre base da idêntica terminologia nos textos ezequianos e jeremianos – em Ez 2,9 – se trata de um rolo de papiro (Cf. HARAN, M., *Book-Scrolls in Israel in pré-Exilic times*, in **JJS** 33 (1982), 163-168; idem., *More concerning Book-Scrolls in pré-Exilic times*, **JJS** 35 (1984)p. 84-85. Com opinião diferente encontramos Cf. WIESEMAN, D.J., *Books in the Ancient Near East and in the Old Testament*, in ACKROYD, P. R. (ed.), *The Cambridge History of the Bible*, Cambridge, Evans, 1976, p. 30-48. Pensa na pele como material da escritura naquele tempo.

clara, pois, assim, não há espaço para qualquer acréscimo, seja da parte de Deus, que o provê, seja da parte do profeta. A palavra de Deus colocada por escrito se apresenta inalterável e definitiva<sup>402</sup>.

A palavra escrita sobre ‘rolo’ vem reconhecida como ‘lamentações, gemido e aflição’ (v. 10b). Essa expressão faz a função do título e revela o conteúdo do livro. Assim, podemos compreender que ‘lamentações, gemido e aflição’ representam os efeitos da Palavra que Ezequiel deve anunciar à casa de Israel, ou ainda, ‘lamentações, gemido e aflito’ representam as palavras que Ezequiel deve pronunciar sobre a casa de Israel, isto é, as palavras do julgamento divino que anunciam o acontecimento da desgraça<sup>403</sup>.

O termo קִינָה<sup>404</sup> ocorre dezoito vezes no TM, pertencente ao campo semântico da lamentação e designa originalmente os cantos fúnebres. Nessa perspectiva, parece evidente que as ‘lamentações, gemido e aflição’ não representam a reação da casa de Israel à palavra de Ezequiel, mas, ao contrário, se apresentam como uma mensagem de juízo. Não acreditamos que o rolo contenha o anúncio do julgamento divino que deverá ser proclamado por Ezequiel à casa dos rebeldes. Este é destinado ao profeta mesmo, que, antes de iniciar a sua atividade, deve acolher o anúncio do fim. A nossa posição será de verificar, na análise da segunda ordem, a relação da perícopes que conecta o ingerir o rolo com a missão profética.

<sup>402</sup>AUVRAY, P., *La vocation d'Ezechiel*, **BVC 43** (1962), 18-26; BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, Col. WBC 28, Waco, 1986, p. 30. O ‘rolo’ pressupõe o costume de preservar a mensagem profética sob a forma escrita. Cf. ZIMMERLI, W., *From prophetic word to prophetic Book*, in GORDON, R.P., *The Israelite prophets in recent scholarship*, Winona Lake, 1995, p. 422-431; DAVIS, E.F., *Swallowing the scroll. Textuality and the dynamics of discourse in Ezekiel's prophecy*, **JSOTS 78** (1989), p. 50-53 – considera o sinal do rolo como um passo em direção à profecia escrita, chega ao ponto de considerar Ezequiel exclusivamente como escritor.

<sup>403</sup>PIKOR, W., Op. cit., p. 108, nota 153 “*la combinazione del part. pass. Qal sg. m. קִינָה con i termini che costituiscono una pluralità, favorisce la loro interpretazione come titolo. L'ebraico per esprimere l'insieme delle parole scritte su un documento usa il part. pass. Qal pl. m. קִינָה* . Cf. ALLEN, *Ezekiel 1-19*, p. 40-41; BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, p. 32; ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, espec. p. 135-137. Cf. GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament, The Participles*, p. 355-361.

<sup>404</sup>FLEISCHER G., קִינָה, TWAT VII, p. 20-26 compreende que as lamentações proféticas dizem respeito: 1. não mais a um acontecimento (de morte) já ocorrido, mas predizem o futuro; 2. não mais a uma única pessoa, mas a uma nação personificada; 3. contrapor o passado ao momento atual. O termo ocorre duas vezes em Amós (Am 5,1; 8,10), três vezes em Jeremias (Jr 7, 29; 9, 9.19) e nove vezes em Ezequiel (Ez 2,10; 19,1.14; 26,17; 27,2.32; 28,12; 32,2.16).

Ez 3,1-2 E me disse: ‘filho do homem, come isto que te é colocado defronte; come este rolo, e vá e fala à casa de Israel. E abri a minha boca e me fez comer este rolo.

A descrição do rolo, seguida de uma nova ordem de comer, aqui recebe uma nova tonalidade. O rolo vem qualificado por dois pontos de vista diversos: no lugar de ‘isto que eu estou dando a te’ (2,8a) substituído por ‘isto que encontras’, enquanto a descrição do rolo escrito em ambos os lados com ‘lamentações, gemido e aflição’ (2,10) se reduz simplesmente a ‘este rolo’. A construção quiasmática dos primeiros dois membros da ordem coloca em relevo o imperativo do verbo – comer. Depois de ter comido, Ezequiel deve ‘ir – falar’. Esses três momentos exigem uma atenção particular.

A frase *אֵת אֲשֶׁר-תִּמְצָא אֲכֹל* - ‘isto que encontras come’- assemelha-se àquela de Jeremias. (Jr 15,16) ‘quando encontrei as tuas palavras as devorei (comi). Essa declaração de Jeremias alude provavelmente à descoberta do livro da lei em 622 a.C. e à luz de Jr 1,9, pela qual Deus põe a sua palavra sobre a boca do profeta. Entre esses dois textos, ou seja, Jeremias e Ezequiel se percebem algumas diferenças: diverso de Jeremias, a palavra divina se propõe a Ezequiel no momento mesmo da vocação; assim, vem descoberta pelo próprio Ezequiel. A exortação de nutrir-se com o ‘rolo’ não é somente um valor figurativo, como no texto de Jeremias, mas se transforma em uma experiência física da palavra divina<sup>405</sup>.

A ordem de comer o ‘rolo’ põe em destaque a relação entre a palavra de Deus e a vida do profeta<sup>406</sup>.

Para entender o seu caminho profético, Ezequiel deve nutrir-se da palavra divina. A resposta de Ezequiel à segunda pergunta de comer é imediata: o profeta abre a boca, não se nutre por si, mas é Deus que o nutre com o ‘rolo’. Na base desta imagem, encontra-se a tradição do deuteronomio (Dt 18,18), segundo a qual

<sup>405</sup>ZIMMERLI, W., *Ezekiel*, p. 137.

<sup>406</sup>A Palavra divina como alimento do homem constitui uma das experiências principais do Êxodo. Transmite a insuficiência humana experimentada no deserto, Deus faz saber a Israel que ‘o homem vive não somente de pão, mas de tudo isto que sai da boca de Deus’ (Dt 8,3). Isso garante a vida do povo, antes do ‘maná’, essa a palavra que promove a vida (Ex 16,4). O homem não vive apenas de nutrimento orgânico, mas também da observância da palavra do Senhor e da adesão à sua vontade. Cf. VOGELS, W., *La parole de Dieu comme nourrie*, p. 34-37.

é Deus que coloca a sua palavra na boca do profeta. Porém, a narração ezequiana parece desenvolver esta idéia em uma nova direção<sup>407</sup>.

Deus, como sujeito do verbo אכל, se apresenta como dispensador dos dons gratuitos nos confrontos de Israel. O dar de comer por parte de Deus manifesta o seu amor comparável àquele do pai em direção ao filho. (Os 11,2; Ez 16,32 - marido-esposa; Is 58,14 - aliança). Nessa perspectiva, o ‘rolo’ simboliza o amor divino em direção a Ezequiel e estabelece uma nova relação entre Deus e o profeta. Dado que a palavra é uma manifestação do pensamento e da vontade, Deus, que nutre Ezequiel com ‘lamentações, gemido e aflição’, o faz entrar no seu mundo interior e o torna partícipe do seu querer íntimo.

O alimentar-se do rolo, por parte de Ezequiel, é reconhecido como um gesto de ‘investidura profética’<sup>408</sup>. A palavra divina com a qual o profeta deve nutrir-se se torna substância vital da sua missão e, transformando-se num imperativo da missão, determina a dinâmica exterior da sua vida. A ordem ‘vai, fala’ à casa de Israel (v. 1b) também faz parte da linguagem do envio, permite especificar a finalidade do desempenho comunicativo da assimilação do rolo. Portanto, quando a palavra divina é comida pelo profeta, coloca-o no caminho e, ao mesmo tempo, o impele a falar.

Ez 3,3 E me disse: filho do homem alimenta o teu ventre e o sacia deste rolo que eu te dou. E o comi e tornou na minha boca doce como de mel.

A terceira ordem parece refletir a resistência de Ezequiel em ingerir o ‘rolo’ já posto em sua boca. A assimilação da palavra requer também a sua digestão<sup>409</sup>. No plano imaginativo, essa ordem recebe um significado mais profundo: a digestão pedida supõe uma apropriação da palavra escrita sobre o rolo. Em vista de a palavra dever penetrar cada membro do corpo até os pontos mais íntimos, trata-se de um processo de interiorização da palavra divina. O preencher as entranhas em contraste com Ez 7, 19, que denuncia a casa de Israel de encher o coração com as ‘abominações e imagens de ouro e prata’.

<sup>407</sup>PIKOR W., *La comunicazione profetica alla luce di Ez 2-3*, p. 103-117.

<sup>408</sup>LEITE, G. del Olmo., *La vocacion del líder en el Antiguo Israel. Morfologia de los relatos biblicos de vocacion*, BSAL III/2, Salamanca, 1973, p. 311-313; ALLEN, L.C., *Ezekiel 1-19*, p. 40.

<sup>409</sup>O sintagma אכל מן no hipiel é oriundo do texto hebraico. A construção mais freqüente opta pelo verbo אכל no piel, com o significado de saciar as entranhas, o mesmo que Ezequiel usa no segundo sintagma אכל מן. Os verbos especificam os respectivos substantivos como órgão de digestão. GESENIUS, H.W.F., *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, p. 139-143.

A presença da palavra divina nas entranhas, quando no coração do profeta, significa a refutação à idolatria e a adesão a Deus<sup>410</sup>. A imagem da doçura da palavra divina, comparável àquela do mel, se encontra em Sl 19,11; 119,103. A referência ao mel sublinha, por uma parte, a qualidade da palavra transmitida sob a forma de lei e, por outra parte, o seu valor absoluto.

Com todos estes elementos extraídos da tradição profética do AT, em particular, do livro de Ezequiel, podemos retornar, com mais luzes para o contexto da situação e da significação da subunidade v.8-11, e superar os impasses com os quais nos deparamos, pela escarses de comentários sobre o gesto de comer o livro (v.9).

2. καὶ πικρανεῖ σου τὴν κοιλίαν γλυκὺ ὡς μέλια

O v. 9 (e de certa maneira todo o v10) tem a descrição das conseqüências para o vidente e profeta da ingestão do livro. A exegese do Apocalipse, por sua linguagem particular<sup>411</sup>, gera o desenvolvimento de um debate, muitas vezes sem consenso. Há os que pensam em associar a doçura, por se tratar da Palavra de Deus, ao amargar, por ser um julgamento ou ainda, conforme alguns, por envolver uma rejeição à Palavra, da mesma forma que ocorrera com Ezequiel e Jeremias<sup>412</sup>.

Segundo Osborne<sup>413</sup>, essas concepções contêm algumas objeções, o que implica necessariamente a sua extensão, pois parece associar-se mais ao contexto do livro no Ap 5 do que ao texto de Ap 10.

<sup>410</sup>DAVIS, E.F., *Swallowing hard: Reflections on Ezekiel's dumbness*, in EXUM, J.C., *Signs and wonders. Biblical Texts in Leterary focus*, SBLSS 18, Atlanta, 1989, p. 228. Ezequiel é aquele que come, neste gesto, a sua identidade é totalmente assumida pela palavra incorporada.

<sup>411</sup>Cf. VANNI, U., *Il Simbolismo dell'Apocalisse*, in *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 31-62; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 1-49, espec. p. 24-25.

<sup>412</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.174-175; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 214; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 550-552; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 117; AUNE, D.E., *Revelation 6-16*, p. 572: "The bitterness of the scroll after it is eaten is a detail not based on Ezek 2:8-3:3 though it may be the author's interpretation of the description of the scroll as filled with 'dirges and laments and words of woe' (Ezek 2:10). γλυκύς 'sweet' and πικρός 'bitter', were frequently used as antonyms"; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 258; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p.403; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 552.

<sup>413</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143-144; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 174-175; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 214; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 550-552; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 117; AUNE, D.E., *Revelation 6-16*, p. 572; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 258; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 403 "It

Por outro lado, há os que dizem ser doçura para o autor-profeta, porque se trata da mensagem de salvação que ele acolhe plenamente, sendo, contudo, amarga devido às perseguições causadas por seu testemunho<sup>414</sup>.

Essa opinião parece abranger o significado mais profundo do versículo, embora esse sabor de doçura e amargo possa não se limitar somente ao profeta. A intuição, contudo, deve se situar dentro do contexto em que se está, ou seja, trata-se do interlúdio/pausa/alargamento em Ap 10.1-11. Ao associar à igreja, pode-se dizer que é doçura, porque envolve a soberania e onipotência de Deus, que estará sempre em favor de seu Povo.

O profeta, no entanto, deve proclamar o conteúdo do pequeno livro, expondo, assim, a diferença não mencionada em Ezequiel: no texto de Ez 3,3b, há a descrição da doçura do livro, sem mencionar a amargura, que vem descrita no Ap, embora o contexto anterior e posterior de Ezequiel ressalte esse amargo — são pronunciadas palavras de lamentos, guerra e calamidades e rejeição (Ez 3,4-7). Esse mesmo verbo *πικραίνει* encontra o seu uso em Ap 8,11<sup>415</sup>.

---

*speaks of an extremely painful or bitter experience...this is exactly John's experience (Rev.10:10). There is considerable discussion regarding the connotation of 'sweet' and 'bitter' in this context".*

<sup>414</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143-144; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.174-175; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 214; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 550-552; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 117; AUNE, D.E., *Revelation 6-16*, p. 572; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 258; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.403-404 "The key is to remember that the context of the interlude in 10:1-1:13 closely involves the church. It is 'sweet' because God's sovereign will is always for the benefit of his people...It is 'bitter' because it will involve great suffering and persecution, even martyrdom".

<sup>415</sup>*καὶ τὸ ὄνομα τοῦ ἀστέρος λέγεται ὁ Ἄψινθος, καὶ ἐγένετο τὸ τρίτον τῶν ὑδάτων εἰς ἄψινθον καὶ πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων ἀπέθανον ἐκ τῶν ὑδάτων ὅτι ἐπικράνησαν.* SWETE, H. B., *The Apocalypse of ST John*, p. 131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143-144; BRÜTSCH, CH., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.175 "Jean est averti de la double reaction que provoquera en lui l'absorption du livret. Dans Ez 3:3, il est seulement question de la douceur de mile dans la bouche cf. Ps 19:11; 119:103; mais la suite du texte montre que le message qui réjouit Ezéchiél lui vaudra des difficultés au sein de son peuple réfractaire, id. Jér 15:16-18. 'L'amertume illustre le fait que le voyant reçoit le message, c'est-à-dire l'orde de l'annoncer (à la difference d'Ezéchiél) également sous son aspect douloureux"; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p 214; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 550-552; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 117; AUNE, D. E., *Revelation 6-16*, p. 572-573; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 258; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 403-404.



## V.11

### 1. λέγουσίν

A discussão em torno da forma plural do verbo (λέγουσίν) aponta para várias direções. Alguns pensam que se trata de uma forma de intensificação que funde a figura do anjo e a Voz Divina, para outros se trata de um plural indefinido<sup>416</sup>.

### 2. Δεῖ σε πάλιν προφητεῦσαι

O uso do advérbio πάλιν<sup>417</sup> com uma significação geral de repetição ou retrocesso implica na interpretação do verbo προφητεῦσαι. Para D. Aune, porém, neste contexto, o advérbio pode significar também um aspecto de restauração ou renovação: ‘*suggest that this is a renewal of an mission that has already begun.*’<sup>418</sup>. E, junto ao termo δεῖ<sup>419</sup> reforça-se a idéia do Mandato Divino, que faz da ação profética, convocada por Deus, um ato necessário e obrigatório.

Por isso, é ‘termus technicus’ para exprimir a coincidência entre a ação profética a Vontade salvífica de Deus reivindica uma adesão e obediência a sua missão de profética<sup>420</sup>.

<sup>416</sup>AUNE, D.E., *Revelation 6-16*, p. 573 “The plural form of the verb is problematic. Several solutions are possible:(1) The mighty angel (vv 1.9) and the heavenly voice (vv 4.8) are speaking to John in tandem; (2) The angel of v.1 and the fictive angelus interpres, who mediates the entire vision of John and who is introduced by the editor in 1:1, are addressing John together; (3) The indefinite plural is a substitute for the passive, an adiom that occurs in Hebrew and Aramic...The third possibility is probably correct”.

<sup>417</sup>ZORELL, F., πάλιν, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 976-977: ‘adv., 1) retro, retrorsum, rursus, 2) iterum, denuo, sive idem ab eodem denuo fit, sive utcunque idem vel paene idem eventus iteratur; 3) rursus, porro, in annectentis inter se rebus ejusdem generis, ut locis; 4) rursus, vicissim, ex altera parte.’; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., ἐπι, in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), πάλιν, p. 944: ‘adv., I. di luogo: indietro, all’indietro; II. di tempo: di nuovo, um’altra volta; III. Di nuovo, a propria volta.’

<sup>418</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 573; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p 143, BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l’Apocalypse*, p. 175; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 404; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*, p. 554.

<sup>419</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, 6-16, p. 573: ‘The term δεῖ, one must, it necessary, is used in literary accounts of divine commissions, and is perhaps related to the theme of Divine compulsion to proclaim the message of God sometimes expressed by prophets or attributed to them.’; Cf. MOULTON, J.H., *A Grammar of New Testament*, p. 139, 148, 291; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 402; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*, p. 553. Sobre a totalidade de significado do termo: GRUNDMANN, W., δεῖ in TDNT II, Michigan, Eerdmans, 1991<sup>2</sup>, 21-25.

<sup>420</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of St John*, p. 131-132; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L’Apocalypse*, p. 143; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 269; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 553 “But the crucial point in 10:11 against Feuillet’ position is the command to John to ‘prophesy again’ to the nations of the world. Feuillet’s view would require something like ‘prophecy from now on’,

## 3. ἐπί

A preposição ἐπί no contexto do v. 11 pela sua natureza gramatical já indicada, aponta para uma atuação profética marcada pelo combatimento como imagem do anúncio da Palavra à universalidade dos homens, povos e nações<sup>421</sup> possui uma significação conflitiva de julgamento ou oráculos de condenação, segundo Beale, essa interpretação é favorecida pelo uso de verbo προφητεύω, junto com a preposição ἐπί, que ocorre 25 vezes na LXX, sendo 22 vezes associado ao contexto de julgamento, como encontramos em outras seções do Apocalipse<sup>422</sup>.

Com a transição de Ap 10,1-11 para Ap 11,1-13, possivelmente se pode associar essa lista à missão da igreja diante do mundo. Por isso, poder-se-ia optar pela uma tradução positiva para a preposição ἐπί, mas não se deve esquecer que ambos os contextos se enquadram bem neste versículo, pois se trata de uma advertência e de um testemunho. O soar da trombeta é sinalizado como uma convocação de muitos (adjetivo πολλοίς)<sup>423</sup>: nações, povos, línguas e reis para a

---

*'prophecy this time', or merely 'prophecy to the nations'. πάλιν (again) implies not a contrast with the prophesying in chs 6-9 but, is anything, a continuation of the same kind of prophesying about the same people...our analysis of the context favors the ordinary meaning of the word. If the object of John's prophesying is a different people than in the preceding chapters, ch. 10 gives no hint of it. Therefore, in 10:11 John's previous prophetic commission is merely renewed and deepened"; HARRINGTON, W.J., Revelation, p. 117; AUNE, D.E., Revelation 6-16, p. 573 "The adverb πάλιν, 'again', suggests that this is a renewal of a mission that has already begun"; PRIGENT, P., L'Apocalypse de Saint Jean, p. 259; OSBORNE, G.R., Revelation, p. 404.*

<sup>421</sup>BAUCKHAM, R., *The climax of Prophecy: studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, Clark, 1993, p. 264-66; Cf. SCHANABEL, E., *John and the Future of the Nations*, ETS 37, 1999, 8 para uma possível conexão (da qual ele duvida, visto que, devido a sua convicção de que esta seja uma profecia 'contra'). SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 132; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 216; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 555; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 116-118; AUNE, D. E., *Revelation 6-16*, p. 570-575; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 257-259; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p.401-407.

<sup>422</sup>SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 132; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 269; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 217, nota 47: "ἐπί. With the dative here does not mean against in a hostile sense, but about, or concerning (Rev. 22:16)"; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 555; AUNE, D.E., *Revelation 6-16*, p. 573 "It is of critical importance to decide how the preposition of ἐπί. is used in this verse. There are at least two possible meaning of ἐπί. + dative in this context: 'against' (reflecting a more typically negative apocalyptic attitude toward the ungodly nations of the world) or 'about, concerning' (reflecting a relatively neutral, perhaps prophetic, attitude toward the nations)"; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p.404-405.

<sup>423</sup>NEBE, G.: πολλοίς in HORST, B., et al., *Diccionario exegetico del nuevo Testamento*, Vol. II, Salamanca, Sigueme, 1998, p. 1066-1074. SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 130-131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143-144; MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, p. 216; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 555; AUNE, D. E., *Revelation 6-16*, p. 574; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 405.

conversão; por essa razão, a ação de profetizar pode causar sofrimento e condenação, tanto quanto alegria e esperança. Como o sabor do livro?

## Conclusões Finais

Ao concluir a exegese da unidade 10,1-11, restaram-nos mais interrogações que certezas. No entanto, este dado aparentemente negativo possibilita a justificação do método que estrutura minha Tese Doutoral. Se de um lado, a exegese investigou os ‘sentidos’ possíveis de Ap 10,1-11 em sua forma atual e crítica, do outro, as lacunas que daí emergiram exigem a elaboração de um percurso extra-textual acerca da significação cristã da atividade profética no contexto escatológico que detectamos, sobretudo, na articulação entre as subunidades v.5-7 e 8-11.

Segundo U. Vanni existem duas fases para a exegese e a interpretação teológica do texto sacro: uma pré-literária e uma pós-literária<sup>424</sup>. É evidente que não existe exegese bíblica sem metodologia literária ou fase pré-literária, pois cabe a ela nos permitir entrar em contato com a forma, a língua, o contexto ou tradição no qual e para este texto foi produzido.

Por isso, naquela etapa, ainda no contexto pré-literário, visamos realizar a análise compreensiva dos termos mais relevantes para responder à pergunta do leitor de Ap 10,1-11: O que o texto quer dizer com estas palavras? Através da análise dos termos estratégicos desta perícopes posso chegar à determinação da ‘*mens auctoris*’ em seu *contexto* mais original? Qual é a mensagem da unidade 10,1-11?

A escolha desta perícopes fundamenta-se na sua peculiaridade: Um texto de natureza profético-apocalíptico<sup>425</sup>.

<sup>424</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell’Apocalisse*, p. 1-6; EGGER, W., *Metodologia do Novo Testamento*, p. 9-42; SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 11-15; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 11-27.

<sup>425</sup>Os membros da equipe coordenada por J. J. COLLINS – HAROLD W. ATTIDGE; FRANCIS T. FALLON; ANTHONY J. SALDARINI; ADELA YARBRO COLLINS. Os estudos foram desenvolvidos entre 1975-1978. Além desse magnífico trabalho, destacamos ainda outras obras do autor: COLLINS, J.J., *Apocalyptic eschatology as the Transcendence of Death*, **CBQ** 36, 1974, 21- 43; Idem, *Apocalyptic literature*, KRAFT, R. A. e NICKELSBURG G. W. E. (ed.), *Early Judaism and its Modern Interpreters*, Atlanta, Scholars Press, 1984, 345-370; COLLINS J.J., e CHARLESWORTH J. H. (ed.), *Mysteries and Revelations: Apocalyptic studies since the Uppsala Colloquium*, **JSPSupp** 9, Sheffield, JSOT, 1991; COLLINS, J.J., *Apocalypses and*

A exegese de Ap 10,1-11 dedicou atenção ao AT no que se refere às relações do Apocalipse com as algumas tradições proféticas. O conhecimento do ambiente profético-religioso do Apocalipse de João é fundamental para exegese do texto; portanto, o retorno às suas fontes é uma das prioridades da pesquisa. Esta volta às origens, no Apocalipse joanino, é essencial na redescoberta de sua relação com o Antigo Testamento<sup>426</sup>.

Nesta unidade sobressaíram-se, os livros de Daniel<sup>427</sup> e de Ezequiel<sup>428</sup>. Através do estudo exegético de Ap 10,1-11, estabelecemos as relações prováveis entre os dois textos, de forma a responder às interpelações oriundas desta comparação, tais como: A unidade de Ez 2,8-3,3 tem elementos fundamentais com os quais podemos comparar o novo anúncio profético-cristão do Apocalipse, em sua perspectiva de ‘profetizar’ do v. 11?

Na exegese das unidades internas de 10,1-11, sobressaíram vários problemas: Em 10,1 o impasse causado pela interrupção do setenário dos anjos ‘instrumentistas’, que soavam suas trombetas causando modificações no curso da história.

Os capítulos de Ap 10 – 11,15 aparecem como uma interrupção da narrativa do setenário das trombetas. No entanto, estes capítulos querem obter o efeito de uma pausa. Este intervalo, – sem ser secundário, pois se encontra no auge da seqüência proposta pelo autor – utiliza a interrupção não como figura de uma mera pausa de descanso, mas como uma verdadeira chamada de atenção para o redirecionamento de sua mensagem. Este auge implica, portanto para o leitor

---

*Apocalypticism: Early Jewish Apocalypticism*, **ABD**, Vol I, 1992, 282-288, Idem, *The Apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish Matrix of Christianity*, New York, Crossroad, 1984. COLLINS, A.Y., *The combat myth in the Book of Revelation*, Missoula, Scholars, 1976;

<sup>426</sup>DITTMAR, W., *Vetus Testamentum in Novo*, Gottingen, 1903, p. 263-279; sobressai a obra de FEUILLET, A., *Le Cantique des Cantiques em l'Apocalypse*, in **RSR** 49 (1961), 321-353. VANNI, U., *L'Apocalypse johannique. État de la question*, in LAMBRECHT, J. (Org), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, BETHL 53 (1980), Gembloux, Leuven, 21-46, esp. 31: “ Il ne suffit pas d'affirmer le principe de se contenter d'une énumération des attestations de l'Ancien Testament dans l'Apocalypse”.

<sup>427</sup>BAAR, H.J., *L'influence du livre de Daniel sur l'Apocalypse de Jean*, Roma, PIB, 1983. Aqui se trata de uma tese orientada por Ignacio de la Potterie, no Instituto Bíblico. A tese de Baar sustenta e justifica a influência de Daniel sobre o Apocalipse de João, não apenas na sua forma literária, mas também em sua estrutura mental. Portanto, segundo Baar, o Apocalipse de João não seria somente uma releitura de Daniel no Novo Testamento. Esta proposta parece, em princípio interessante; no entanto, deve-se ter cuidado com afirmações genéricas, devido à liberdade com que João manipulou as fontes veterotestamentárias.

<sup>428</sup>VANHOYE A., *L'utilisation du livre d'Ézéchiel dans l'Apocalypse*, in **Bib** 43 (1962) 436-472; RUIZ, J.-P., *Ezekiel in the Apocalypse the transformation of prophetic language in Revelation 16,17-19,10*, Frankfurt, Peter Lang, 1989.

numa surpresa em relação à mera conclusão. Depois das sete trombetas algo a mais estar por vir. Atenção!

A primeira interrupção apresenta duas cenas entrelaçadas: o anjo e o livrinho aberto (Ap 10,1-11). A segunda interrupção é a descrição do itinerário e da ação das duas testemunhas (Ap 11,1-14).

Segundo Lambrecht entre outros autores<sup>429</sup>, a razão deste comportamento narrativo do autor deve ser interpretada, como em toda a estrutura do Livro do Apocalipse, de maneira positiva e intencional. Vanni chega a afirmar, a partir v. 1 (a descrição do anjo) que esta perícopé (v.1-11) possui uma notável e refinada estrutura literária<sup>430</sup>.

Podemos, portanto concluir que a atual posição do capítulo 10 não decorre de uma intervenção extrínseca à intenção ‘original’ do autor. Na verdade, pela ‘sensação’ de rompimento causado por esta forma de *técnica literária*, ele reforça a unidade do conjunto da narrativa dos anjos e suas trombetas<sup>431</sup>.

Para Aune e a maioria dos autores, a expressão ‘*ἄλλον ἄγγελον*’ (outro anjo) no v.1 introduz uma disjunção em relação ao contexto anterior<sup>432</sup>. E, por isso pode ser considerado o limite inicial da unidade v.1-11.

Uma segunda questão decorrente da exegese foi o impasse causado pelo v.4b com a ordem reforçada de não revelar a visão e audição (v.1-4a), mas ao contrário, fazer silêncio sobre elas. É justificável pensar que ocorra tanto para o leitor, o quanto foi para o Vidente, um sentimento traumático e frustrante, ao ouvir a ordem de sigilar, manter em segredo (Σφραγίσου) a mensagem ouvida, que ele estava para começar a escrever (ἤμελλον γράφειν). Pois não seria o conjunto da Mensagem do apocalipse de Jesus Cristo (Ap 1,1) a famosa resposta à ‘angustiante’ pergunta do Anjo do Cap. 5,2b?: ‘Τίς ἄξιος ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον καὶ λῦσαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ;’?

<sup>429</sup>LAMBRECHT, J. *A Structuration of Revelation 4,1-22,5*, p.77-104, esp. p.87-90 e 95-99; TAVO, F., *The structure of the Apocalypse*, esp. p. 53-56.

<sup>430</sup>VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 194.

<sup>431</sup>Vimos no estudo sobre a função literária da unidade 10,1-11 a questão da teoria da ‘pausa’ ou concatenação ou ainda resumos pendulares.

<sup>432</sup>AUNE, D.E., *Revelation*, p. 555 ‘*After the sixth angel has sounded his trumpet (9: 13-21) the author abruptly inserts* (o grifo é nosso) *two episodes (...)*’; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p.138; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 169: ‘*Après le sixième son de la trompette, L'Apocalypse coupe brusquement* (o grifo é nosso) *le fils de la narration. Le voyant reçoit une revelation nouvelle*’; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, London, Macmillan and CO.,1907<sup>2</sup>; p. 127-131; BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p.520: ‘*Ch.10 is the introduction to the main content of the parenthesis in 11:1-13*’.

Os dois aoristos que organizam o 5,2b, ἀνοῖξαι<sup>433</sup> e λῦσαι não seriam eles, como paralelos, as chaves de leitura da relação entre Cristo, Cordeiro Escatológico e a liberação (Anúncio) do Mistério (10,7: Deus), isto é, toda a Narração (livro) que se desenvolve até o cap. 22,6?

A exegese da subunidade v.8-11 guarda a solução deste impasse.

De fato, já a subunidade v.5-7 preparou o desfecho, com a cena do ‘juramento solene’ ὥμοσειν<sup>434</sup> e com a sentença explicativa (ὅτι)<sup>435</sup>. sobre a ‘consumação do tempo’ (ὅτι χρόνος<sup>436</sup> οὐκέτι ἔσται).

Destacamos aqui a importância de uma formulação bíblica correta de tempo, para a compreensão do contexto particular da profecia apocalíptica, do AT.<sup>437</sup>

Com a análise exegética destes termos na subunidade v.5-7 atingiu-se o ápice da questão com a subunidade v.8-11. *Tudo indica que ‘τὸ μυστήριον τοῦ*

<sup>433</sup>LAMPE, G.W.H., ἀνοίγω, in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>9</sup>, p. 147: *open*. No uso clássico e helenista este verbo tem duas formas (ἀνοίγνυμι) e ao menos dois sentidos: literal (uma porta) e conotativo (o coração). Mais rica ainda, para a literatura bíblica ZORELL, F., ἀνοίγω, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 120-121; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., ἀνοίγω in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), ἀνοίγῳ, p. 106-107.

<sup>434</sup>SCHNEIDER, J., ὅμνύω in TDNT, vol. V, p.177-185, espec. 184; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 129; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 262-263; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 210; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 537-538; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p.117; AUNE, D.E., *Revelation* p. 565-567; PRIGENT, P., *L’Apocalypse de Saint Jean*, p. 256; OSBORNE, G.R., *Revelation*, p. 398-399.

<sup>435</sup>O v. 6b, iniciada pela conjugação ὅτι<sup>435</sup> constitui-se como uma sentença subordinativa explicativa, isto é, este uso da conjunção ο[τ]ι esta afirmação sobre a escadência do tempo, articula-se como objeto do verbo do juramento (ὥμοσειν)feito pelo anjo, após impedir o profeta de escrever o que ouvira (v. 4). ZERWICK, M., *Biblical Greek*, p. 143-146.

<sup>436</sup>LAMPE, G.W.H., χρόνος in *A Patristic Greek Lexicon*, New York, Oxford Press, 1989<sup>9</sup>, p. 1543: ‘1. time; 2. occasion (=καίρως)’; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., χρόνος in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano* (a cura di CATTAUDELLA, Q., MANFREDI, M., DI BENEDETTO, F.), p. 743.

<sup>437</sup>LIMA, M.L.C., *Salvação entre Juízo e Conversão e Graça. A perspectiva Escatológica de Os 14,2-9*, Tesi Gregoriana 33 (1998), Roma, Editrice PUG, espec. 46-63. Para ela, o conceito bíblico de tempo exprime seu sentido somente em relação a um acontecimento: p. 48: ‘para mentalidade israelita, o tempo não é uma realidade abstrata, um dado teórico que serve de suporte para os fatos que aí se possam colocar, mas está sempre ligado a um acontecimento’, Idem, *O fenômeno Profético na Bíblia hebraica - Tipologia e sociologia dos assim chamados profetas “escritores”*, in *Atualidade Teológica* 10/24 (2006), 361-385; SCIBONA, R. *Temporalità ed Eternità in Os 1-3. Come la sabbia del Maré (kêhól hayyaem = עֵבֶר לְיָם)*. La metaforizzazione nek discordo di Dio, in CASALEGNO, A., *Tempo ed Eternità. In Dialogo con Ugo Vanni sj*, Milano, Paoline, 2002, p. 89-128.

θεου' está em consonância com o verbo σαλπίζειν (soar da sétima trombeta), que anuncia o cumprimento τελέω<sup>438</sup>.

Assim podemos observar que os resultados da exegese dos v.8-11 concentraram sua atenção no v.9b e 11.

De um lado, no v. 9b sobre o gesto simbólico do profeta diante do livro aberto: o vidente não só o recebe das mãos do anjo, como o ingere (Λάβε και κατάφαγε αὐτό,)<sup>439</sup>.

Do outro, no v.11 o 'contra-ordem' que abre a ação profética e ao mesmo tempo ao leitor, na unidade que se segue no cap. 11.

Quanto à primeira cena, notamos que para os exegetas envolvidos nesta seção, o gesto de 'digerir' o livro na seqüência dos v.8-11 não teria relevância que esperávamos com uma possível relação literária com a tradição da 'investidura profética' veterotestamentária, baseada mais de perto na vocação de Ezequiel, especialmente Ez 3,1-3<sup>440</sup>.

<sup>438</sup>Por oito vezes este termo aparece no Livro (Ap 11,7; 15,1.8.; 17,17; 20,3.5.7), freqüentemente se referindo à consumação da realização do mistério. BEALE, G.K., *The Book of Revelation*, p. 537. Essa proposta encontra-se baseada no vínculo com a profecia de Daniel, em particular, quando expõe o contexto de último-dia. Assim, o texto em Ap é reutilizado fazendo referência à interpretação dada em Daniel (Dn 2,19.27-30).

<sup>439</sup>Sobre a ação de aplicar o verbo κατα-έσθίω ao livro aberto: Cf. ZORELL, F., κατα-έσθίω, in *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 690: 1) 'commendo absumo, devoro (Cf. Ez 3,1), 2) sensu translato : absumo, consume.'; LAMPE, G.W.H., κατα-φέρω, in *A Patristic Greek Lexicon*, p. 551; LIDDELL, H.G e SCOTT, R., έσθίω in *Dizionario Illustrato Greco-Italiano*, p. 516: '2. met. Divorare consumare'; BEHM, J., έσθίω in TDNT III, p. 689-695, espec. p.695: '5. In Rev.10:9 (Cf. Ez 2:8; 3:3; Jer 15; 14), the Divine in his vision is to eat a roll of a book. This is an dramatic representation of process of inspiration by which he is inwardly filled with revelation imparted to him, with the divine Word of prophecy which he is to proclaim.'; JENKS, A.W, *Eating and Trinking in the Old Testament*, in ABD, vol. II, p. 250-254; SWETE, H.B., *The Apocalypse of ST John*, p. 130-131; ALLO, E.-B., *Saint Jean. L'Apocalypse*, p. 143-144; BRÜTSCH, C.H., *La Clarté de l'Apocalypse*, p.174-176; CHARLES, R.H., *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 267-268; MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p 213-217; BEALE, G.K., *The Book of Revelation: A commentary on the Greek Text*, p. 547-555; HARRINGTON, W.J., *Revelation*, p. 116-118; AUNE, D. E., *Revelation 6-16*, p. 570-575; PRIGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 257-259; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p.401-407.

<sup>440</sup>ZIMMERLI, W., *Commentary on the Book of the prophet Ezekiel – chapter 1-24*, Col. Hermeneia, (Trad. Ing. Ezechiel 1, 1969), Philadelphia, Fortress, 1979, esp. 81 – 141; BROWNLEE, W.H., *Ezekiel 1-19*, in WBC, vol. 28, Texas, Word Bokks, 1986, 16-36; ALLEN, L.C., *Ezekiel 1-19*, in WBC, vol. 28, Texas, Word Bokks, 1994, P. 40-45; GESENIUS, H.W.F. *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, זָכַן ZORREL, F., *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p.43; GERLEMAN, G., זָכַן mangiare, in JENNI, E. e WESTERMANN, C., DTAT, p. 121-124. OTOSSON, M., זָכַן, in BOTTERWECK, G.J. e RINGGREN, H., GLAT, vol.I, p. 499-512; SCHÖCKEL, A., et SICREZ DIAZ, J.L., *Oséias*, in *Profetas II*, p.667-882, espec. p. 709; HOSSFELD, F.-L., *Il Libro di Ezechiele*, in ZENGER, E., (ed.), *Introduzione all'Antico Testamento*, Brescia, Queriniana, 2005, p. 741-766; ZIMMERLI, W., "Leben" und "Tode" im Buche des Propheten Ezechiel, in TZ 13/6, 1957, p. 494-508; Ibidem, *Le message du prophète Ezéchiél*, in Cahier Bibliques, 11, 1972, Paris, p. 3-25; SEIDEL, B., *Ezechiel und zu vermutenden Anfänge der Schrifreligion und Umkreis der unmittelbaren Vorexilszeit. Oder: Die Bitternis der*

Isto, talvez, porque a verdadeira questão se colocaria no desfecho do v. 11. Isto é, o autor estaria interessado em verter a atenção dos ouvintes e leitores<sup>441</sup>, sua Assembléia, mais para o ato de profetizar que para a sua experiência da Palavra (v.9: λάβει καὶ κατάφαγε αὐτό significaria nutrir-se diretamente de Deus e de sua Palavra).

Em outras palavras, o autor intende sublinhar de fato, a questão das conseqüências ou do efeito da ação profética expressão no gesto da deglutição do livro, sobre a comunidade-ouvinte. Ele colocaria o foco da perícopie sobre a ‘Assembléia litúrgica’, em sua atividade participativa<sup>442</sup>, ao invés de insistir sobre a significação que este gesto traria para a compreensão da ‘autoridade’ de seu ministério. Assim o acento ‘retórico’ da subunidade recairia sobre a ação profético-coletiva ou eclesial, expressa no v.11 e não sobre a cena descrita no v.9?

Para muitos estudiosos, no entanto, não se deveria, entender que o profeta aqui, depende da anuência de uma confraria profética, mas ele mesmo possui uma autoridade advinda da sua relação com o Deus-Palavra comunicado como alimento do profeta e de sua auto-configuração<sup>443</sup>. Isto será discutido no próximo capítulo, graças à pesquisa sobre o Universo que emerge da questão sobre a silhueta do profetismo neo-testamentário.

---

*Schriftrolle*, in ZAW 107, 1995, p. 51-64; BARTHÉLEMY, D., *Critique Textuelle de L'Ancient*, t. 3, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p.1-23; LUST, J., *Notes to the Septuagint Ezekiel 1-2*, in ETL, t. 75, 1999, p. 5-31.

<sup>441</sup>Lembramos as questões literárias que vêm à tona, com o suporte das abordagens sincrônicas. Em particular na argumentação justificativa da busca de uma estruturação da obra como um fator de conciliação entre as exigências do autor e a sua forma atual. O método retórico tem encontrado muito interesse da parte de alguns comentadores do Apocalipse, com todos os perigos que, a utilização exclusiva desta metodologia pode causar à sua análise exegética.

<sup>442</sup>VANNI, U., *L'Assemblea Ecclesiale "Soggetto Interpretante" dell'Apocalisse*, in *L'Apocalisse. Ermeneutica, Egesi, Teologia*, Bologna, EDB, 1991<sup>2</sup>, p. 73-86, espec., p. 76-77: ‘Dal “lettore” a Giovanni, dagli “uditori” al gruppo ecclesiale’.

<sup>443</sup>Segundo a autora a denominação de נְבִיאִים (entendidos aqui, como *videntes e advinhadores*) para designar os profetas-escritores, ditos clássicos ocorre tardiamente pela modificação de seu sentido tradicional. Nesta ‘nova’ concepção do termo נְבִיאִים aplicada aos profetas escritores, a ênfase recai sobre a individualidade e a autoridade de seu ministério, muito mais do que sobre a sua pertença a uma forma de coletividade ou corporação profética (Mq 3,5: os profetas corporativos נְבִיאִים). Cf. LIMA, M.L.C., *O fenômeno Profético na Bíblia hebraica - Tipologia e sociologia dos assim chamados profetas “escritores”*, in *AtualT 10/24* (2006), 361-385, espec. p. 383: ‘O Profeta Clássico, na Bíblia hebraica, é o homem a quem Deus dirigiu sua Palavra e que por isso, tornou-se, seu porta voz fiel. Antes do profeta, portanto, existe a Palavra que o próprio Deus comunica a seu mensageiro. O profeta *assimila* (o grifo é nosso!) como sua e a transmite aos destinatários. O profeta, desse modo, é não somente o homem da palavra, mas o homem-palavra. Por isso, não precisa ser legitimado por uma corporação a que perencesse. É a vocação por Deus que lhe confere sua autoridade.’



O verbo *πάλιν προφητεῦσαι*, portanto ganha sua máxima significação, pois, conclui definitivamente a questão da vocação profética no contexto escatológico gerado pelo Cristo, Morto e ressuscitado. O tema do tempo ‘oportuno’ (kairós) surge diante do profeta na ‘potência’ (*λέγουσίν*) das vozes, que se confundem, causando um efeito de convencimento no profeta. Pode-se pensar que ocorre a superação da afirmação enigmática do v.6b, (ὅτι χρόνος οὐκέτι ἔσται)?

O Cristianismo Primitivo que podemos dectatar nas linhas canônicas indicaria na expressão ‘é necessário que tu ainda profetizes’ a nova e eterna realização do Reino, anunciada na tradição Jesus?

Esta perspectiva ‘kairológica’ do tempo da profecia foi inaugurada pela eclosão do ‘Mistério de Deus’(v.7b ‘*τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ*’) e perpassa todo o Novo Testamento, seja na sua teologia, como no ambiente profético, que verificaremos no próximo Capítulo.

Segundo Maria de Lourdes Corrêa de Lima, *‘é particularmente sobre esta concepção mais global da figura profética, que ultrapassa os dados dos livros tomados individualmente, que no Novo Testamento será apresentado o precursor, João Batista, e ainda o próprio Jesus. Por outro lado, com a ab-rogação da instituição profética e o surgimento da perspectiva de um profetismo universalizado (Jl 3,1ss), o Novo Testamento identificará no fenômeno de Pentecostes a plena realização, a partir da morte e ressurreição de Jesus Cristo (At 2,16-22.33), daquela esperança. Com isto, marcará o termo da chegada de toda expectativa vétero-testamentária em torno da profecia*<sup>444</sup>.

Disto resulta que a exegese de Ap 10,1-11 proporcionou-me a certeza que a análise detalhada das informações sobre o texto não são suficientes para concluir satisfatoriamente nossa interrogação sobre seu significado teológico e atual. É necessário ainda relaciona-lo mais profundamente com o contexto do Cristianismo Primitivo, herdeiro das promessas e das formas literárias do AT.

---

<sup>444</sup>LIMA, M.L.C., *O fenômeno Profético na Bíblia hebraica - Tipologia e sociologia dos assim chamados profetas “escritores”*, p. 384.

## Tradução:

<sup>1</sup>Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; <sup>2</sup> e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra, <sup>3</sup> e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes. <sup>4</sup> Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas.

<sup>5</sup> Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu <sup>6</sup> e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá tempo, <sup>7</sup> mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

<sup>8</sup> A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra.

<sup>9</sup> Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel. <sup>10</sup> Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo.

<sup>11</sup> Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes contra muitos povos, nações, línguas e reis.